

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MATHEUS KOSLOSKY

VIVER, CONVIVER, TRABALHAR: TRAJETÓRIAS DE TRABALHO E SOCIABILIDADE NO
DISTRITO DO ITAIACOCA, PONTA GROSSA PR - (1970-2014)

PONTA GROSSA
2016

MATHEUS KOSLOSKY

VIVER, CONVIVER, TRABALHAR: TRAJETÓRIAS DE TRABALHO E
SOCIABILIDADE NO DISTRITO DO ITAIACOCA, PONTA GROSSA PR - (1970-2014)

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, na linha de pesquisa Instituições e sujeitos: saberes e práticas.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Maria Silva Petuba

PONTA GROSSA
2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

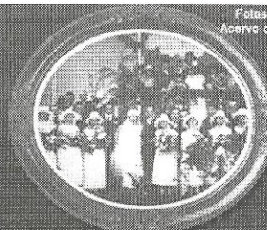
K86 Koslosky, Matheus
 Viver, conviver, trabalhar: trajetórias
de trabalho e sociabilidade no distrito do
Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014)/
Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016.
 98f.

 Dissertação (Mestrado em História,
cultura e identidades - Área de
Concentração: História, cultura e
identidades), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

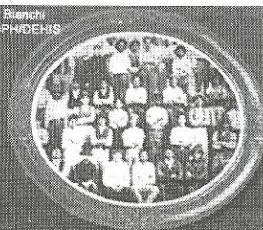
 Orientadora: Prof^a Dr^a Rosângela Maria
Silva Petuba.

 1.Identidade. 2.Itaiacoca.
3.Sociabilidade. 4.Trabalho.
5.Trajetórias. I.Petuba, Rosângela Maria
Silva. II. Universidade Estadual de Ponta
Grossa. Mestrado em História, cultura e
identidades. III. T.

CDD: 307.72



Recepção de casamento, 1933



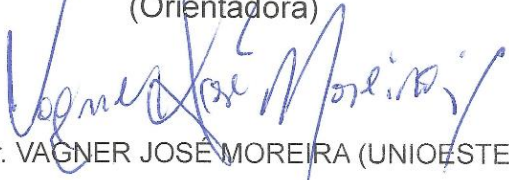
Trabalhadores da Serra Sônia, 1929

TERMO DE APROVAÇÃO**MATHEUS KOSLOSKY**

**VIVER, CONVIVER, TRABALHAR:
TRAJETÓRIAS DE TRABALHO E SOCIABILIDADE NO DISTRITO DE ITAIACOCA,
PONTA GROSSA – PR (1970-2014)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 29 de agosto de 2016, pela seguinte banca examinadora:


Prof^a. Dr^a. ROSÂNGELA MARIA SILVA PETUBA (UEPG)
(Orientadora)


Prof. Dr. VAGNER JOSÉ MOREIRA (UNIOESTE)


Prof. Dr. ROBSON LAVERDI (UEPG)

Ponta Grossa, 29 de agosto de 2016.

Dedico ao meu pai, à minha mãe e à “minha alma”.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Márcio Koslosky, que demonstrou interesse por este trabalho até mesmo depois de seu falecimento, perguntando-me sobre ele até nos meus sonhos.

À minha mãe, Marise Koslosky, que sempre acreditou em mim, na minha capacidade e nas minhas escolhas. Que, mais do que ninguém, me fortaleceu com a sua força, quando achei que tudo iria ruir sob os meus pés.

À “minha alma”, Angélica Nobre da Luz, que não me permitiu desistir de mim mesmo, até no momento em que a vida me infringiu sua maior violência e que esteve ao meu lado, do primeiro ao último dia em que trabalhei neste projeto, sempre sabendo o que dizer para acalmar meu coração e me fazer repensar sobre a coisa certa para se fazer.

Ao meu tio e padrinho, Antônio “Tonho” Mroczko Silva Sobrinho, que ajudou meus pais e me tratou como um filho, participando ativamente da minha educação durante a minha infância e parte da adolescência.

Ao meu tio escolhido, Jean Salloum, que “veio lá da terra onde camelo é taxi”, para me apoiar e fazer sentir-se um filho, quando eu já não podia estar com meu pai. Que foi a primeira pessoa a ler seu nome nestes agradecimentos, mas que não pôde me ver defender o trabalho e concluir essa etapa da minha vida, me deixando sem um pai, pela segunda vez em um ano.

Às minhas sobrinhas Kaory e Hyara, de um e três anos, pelos chocolates e bolachas que ganhei enquanto escrevia, algumas vezes babados ou mordidos. Pelos desenhos animados que assistimos juntos, quando um de nós três precisava de distração, e pela pureza de seus sentimentos por mim, demonstrados sempre que sentiam minha falta e pediam meu colo em meio aos cadernos e livros dos meus estudos.

À professora Silvana Maura Batista de Carvalho, por sempre confiar no meu trabalho, exigindo o meu melhor, como estudante e como professor, durante a graduação e o período em que integrei o quadro de bolsistas do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Pela oportunidade de poder integrar esse programa, divisor de águas na minha carreira acadêmica e profissional.

Aos professores Alessandra Izabel de Carvalho e José Augusto Leandro, por sempre me incentivarem a continuar minha vida acadêmica, confiando no meu trabalho e acreditando na minha competência.

Aos professores Robson Laverdi e Rosângela Wosiack Zulian pelas contribuições prestadas nas disciplinas da linha de pesquisa “Instituições e sujeitos: saberes e práticas”, nos corredores da UEPG e no procedimento de qualificação. Por me disporem seus vastos conhecimentos e experiências durante todo o processo de construção deste trabalho.

À professora Rosângela Maria da Silva Petuba pela confiança em meu trabalho e pela atenção com que me orientou durante o processo de pesquisa e escrita, puxando minha orelha sempre que eu desviava o foco do trabalho, nos imprevistos da minha vida.

Ao Ernesto, meu Gurgel 1987, e ao Gepetto, meu Fusca 1961, com os quais saí para passear, sozinho ou com uma de minhas fiéis companheiras (minha mãe, minha sobrinha Hyara ou minha melhor amiga, Angélica), sempre que precisava descansar ou esfriar a cabeça.

Aos meus amigos do Máfia Boxer, pelas conversas descontraídas, nos encontros dos sábados à tarde, e pela parceria nas divertidas viagens que fizemos juntos, com nossas velharias.

Aos artistas e bandas de blues, choro, folk, jazz, rock e soul, de maneira especial às dos anos 60, 70 e 80, pelas trilhas sonoras que me acompanharam o tempo todo, enquanto eu produzia esta dissertação.

Ao professor Hiran Castagnino Kunert, do Museu do Suíno, pelo empenho em me ajudar, enviando-me materiais sobre o tropeirismo de porcos.

Ao pessoal da agência do IBGE de Ponta Grossa (PR), de maneira especial ao técnico em pesquisa Henry Mazer, por ter me recebido, ajudando a procurar os mapas e estatísticas que eu precisava e, inclusive, tentado me ensinar, sem sucesso, a trabalhar com o Sistema de Informação Geográfica (GIS) e o Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Agora me sinto mais à vontade em dizer que não entendi bulhufas sobre nada daquilo, e que estava mentindo quando dizia estar entendendo alguma coisa, depois de sua quarta ou quinta tentativa de explicação.

Ao senhor José Maria da Luz, itaiacocano que viveu do que produziu em suas terras até que a lavoura não pôde mais garantir o sustento de sua família, obrigando-o a erigir uma nova vida na cidade. Que me contou suas histórias e ajudou a construir meu projeto, apresentando-me para aqueles com quem conversei no Itaiacoca, recebendo-me em sua casa rotineiramente e até me emprestando seu carro para que eu fosse visitar estas pessoas, no distrito.

À senhora Loita Nobre da Fonseca, que, da mesma forma, me recebe em sua casa quase todos os dias, desde quando conheci sua família em 2009. Pelo carinho, consideração e confiança dispensadas a mim e aos meus familiares, bem como pelos cafés, torresmos e sopas de feijão que nunca resisto comer, quando estou lá.

Especialmente, aos homens e mulheres do campo, moradores ou ex-moradores do Distrito do Itaiacoca, que interromperam seus afazeres para gentilmente me receberem em suas casas, compartilhando comigo as suas experiências e histórias, e me permitindo pensar sobre as suas trajetórias de trabalho e sociabilidade. Pelos almoços, cafés e chimarrões que me foram generosamente oferecidos em todas as situações em que estive junto com cada um deles.

Trova da venda do feijão

Vou contar uma história de dois amigos muito fiel
Que era o Neno e o Joel
Mil novecentos e sessenta foi um ano muito bom
Para a colheita de feijão
Nós dois amigos, lotamos dois caminhão
E viemos para a cidade para carga completar
Com seu Pedro Silva nós pudemos negociar

Chegando em casa de seu Pedro Silva
Em frente tinha um bar
Nós naquele traje de lavrador
Chegamos no bar e pedimos um copo de licor
A dona do bar começou a nos olhar
Logo foi perguntando se nós tinha dinheiro para pagar
Nós respondemos como toda delicadeza
Temos dinheiro para comprar teu bar e sobra para
pagar a tua beleza

Ela ficou nos olhando muito esquisito
Logo nos fomos falando
Não carece encher o copo nós vamos pagar todo o
litro
Os motorista do caminhão convidaram para ir jantar
Logo foram perguntando: – Qual é o melhor
restaurante que tem aqui na cidade
Nós logo falamos: – aqui é tudo igual
– Mas o nosso preferido é o Expedicionário

Fomos para lá jantar
Depois voltamos para casa de seu Pedro para posar
Para nossa carga acertar
Chegamos em casa de seu Pedro sentemos para acertar
Logo, depois de certo, ele falou:
– Algum de vocês gaita sabe tocar
O Joel falou: – O Neno é gaiteiro
Logo ele foi trazendo a gaita
Eu toquei o Xote Laranjeira
Ele falou: – A gaita quero vender e o Neno vai me
comprar
Eu respondi: – Mas eu não tenho todo dinheiro para
pagar
Ele logo falou: – A gaita você vai levar, paga quando
puder
Eu tenho uma bicicleta para vender, para o nosso
amigo Joel
Eu comprei a gaita e o Joel comprou a bicicleta
E fiquemos muito faceiro
Eu com a gaita e o Joel com a bicicleta e o bolso cheio
de dinheiro

Depois de tudo certo
No outro dia cedo, para casa fomos voltando
Eu com a gaita nas costas e o Joel com a bicicleta
empurrando
Ia passando no antigo Abrigo
Tinha um campinho de futebol que tinha uma piazada
jogando
Nós chegamos e falamos: – Nós queremos jogar
Eles falaram: – Vocês são muito grande e pode nós
machucar
Nós logo falamos: – A bola nós queremos comprar
E logo fomos comprando
Agora nós vamos jogar e você vão ficar olhando

E depois jogamos um pouco devolvemos a bola
E falamos para eles: – Podem ficarem brincando
E nossa viagem fomos continuando
Eu com a gaita nas costas e o Joel com a bicicleta
empurrando

Chegando na encruzilhada nós fomos se apartando
Logo fomos falando:
– Vamos chegar para casa que os galos já estão
cantando
Eu chegando na minha casa
Minha sogra em casa tinha ficado
Porque uma linda menina minha mulher tinha ganhado

Eu cumprimentei a minha sogra
Na minha mulher eu dei um aperto de mão
Logo fui falando
– Não sei se você vai achar bom
Eu comprei a gaita com o dinheiro do feijão

Ela logo falou:
– Fico muito satisfeita porque teu sonho se realizou
Nós queremos ver o acordeão
Arrastei a cadeira perto do fogão
Onde tinha a réstia do lampião
E logo fui tocando a Saudade do Matão

Essa foi uma história de dois amigos lavrador, safrista
da região
Que plantavam milho e feijão
Essa foi uma história que ficou para recordação
Que agora ninguém mais planta feijão
Foi assim o fim da história, e a gaita eu tenho até
agora

(Afonso “Neno” Lopes da Luz)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo investigar as diversas maneiras como o trabalho, a sociabilidade e a vida no campo foram experienciados pelos homens e mulheres que viveram da agropecuária de subsistência no distrito do Itaiacoca, município de Ponta Grossa (PR), entre os anos de 1970 e 2014, período em que importantes transformações sociais incorreram sobre os pequenos e médios agropecuaristas daquele distrito. Para tanto, comecei estudando os aspectos da constituição do meio rural paranaense e, especialmente, do Itaiacoca entre as décadas de 1970 e 1990, que me permitiram entender os processos históricos experienciados por aqueles trabalhadores, procurando analisar questões pertinentes às experiências, identidades, e memórias dessas pessoas. O trabalho discute os sentidos construídos por esses sujeitos históricos, sobre o viver, o trabalhar e o morar no distrito do Itaiacoca, bem como sobre o que pensam significar o “ser itaiacocano”, dialogando com as memórias que emergem sobre o processo pesquisado.

Palavras-chave: identidade, Itaiacoca; sociabilidade; trabalho; trajetórias

ABSTRACT

This essay aims at investigate how labor, the sociability and country life were experienced by men and women who lived from subsistence farming in Itaiacoca's District, a Ponta Grossa's county, in Paraná state, since 1970 to 2014, a period in which important social transformations occurred on small and medium ranchers from that district. For this, I started studying the aspects of Paraná's countryside constitution, specially Itaiacoca's ones, between 1970 and 1990, which allowed me to understand the workers' experienced historical processes, trying to analyze relevant issues related to identities and memories of these people. The dissertation discuss the constructed senses of these historical subjects about the way of living, laboring and residing in Itaiacoca's District, as well as how they think about the meaning of "being an itaiacocano", dialoguing with the emerging memories upon the researched process.

Keywords: identity; Itaiacoca; labor; sociability; trajectory

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	-	Distritos Administrativos do Município de Ponta Grossa	20
Mapa 2	-	Distrito do Itaiacoca	21
Figura 1	-	Porcadores conduzindo uma vara de porcos através de uma cidade	28
Figura 2	-	Porcadores conduzindo uma vara de porcos na área rural	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Percentual do número de cadastro e do valor financiado, por classes de produtores	37
Tabela 2	- Comparativo entre população e densidade demográfica da área urbana do Município de Ponta Grossa e de seu maior Distrito, Itaiacoca	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CAPÍTULO I – Itaiacoca: Construindo um panorama.....	20
2.1	Novas demandas: A urbanidade chegando	33
2.1.1	A modernização agrícola não contempla a todos	36
3	CAPÍTULO II – Vivendo no Itaiacoca	43
4	CAPÍTULO III – Sujeitos e experiências	63
4.1	Francisco “Chico Bento” Ribeiro, 72 anos	64
4.2	Afonso “Neno” Lopes da Luz, 83 anos	73
4.3	Domingas Maciel Constante, 83 anos.....	78
4.4	José Maria da Luz, 46 anos.....	82
5	CONSIDERAÇÕES.....	90
6	FONTES.....	93
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

1 INTRODUÇÃO

A trajetória de pesquisa de um historiador está carregada de sua experiência de vida. As questões apresentadas por ele partem sempre de seu viver como sujeito, e sua produção costuma discutir aquilo o que o faz refletir. Assim, meu interesse em trabalhar com as trajetórias de moradores e antigos moradores do distrito do Itaiacoca¹, com atenção especial às relações sociais com o lugar e o trabalho no campo, teve início ante a minha convivência com a família de uma amiga querida, nascida no distrito.

A recorrência dessas matérias em nossas conversas informais era frequente, de modo que comecei a refletir sobre a forma como essas pessoas se viam (em relação às suas origens), sobre a maneira como as relações sociais vivenciadas no distrito do Itaiacoca agiram (se agiram) na construção e reconstrução de suas identidades bem como sobre a forma como suas trajetórias individuais, atuaram no jeito como (res)significavam a agricultura, a propriedade agrícola e o local de onde vieram.

Sendo filho de um fiscal do Banco do Brasil, passei grande parte dos meus dias na infância e, principalmente, na adolescência, visitando propriedades rurais, conhecendo pessoas e abrindo porteiros para o meu pai, que sempre me convidava para acompanhá-lo em seu serviço. Assim, cresci apreciando o meio rural e as pessoas que viviam nele, de modo que sempre me interessei pelas vivências e histórias destas pessoas.

Entre todas as lembranças, histórias e causos ouvidos em diversas situações, nas visitas à família da minha amiga, a prática dos mutirões me gerava enorme curiosidade sobre o modo como funcionava, mas especialmente sobre a maneira como era rememorada por eles. Através de seus discursos, observei que os mutirões eram sempre lembrados como espaço de sociabilidade e lazer, mais do que propriamente de trabalho.

Estas inquietações ficaram guardadas em mim por algum tempo, mas apenas no nível da bisbilhotice. Me interessavam pelo ponto de vista da curiosidade pessoal, porém, não me despertando o desejo de um aprofundamento teórico que permitisse o seu desvendamento, ou a formulação de hipóteses melhor embasadas.

Pouco anos depois, quando eu preparava um projeto sobre a pichação, como um espaço marginal de arte, cultura e luta, fui surpreendido pela sugestão da minha amiga, sobre estudar os puxirões em um projeto de mestrado. Conversávamos bastante sobre o assunto, de modo que ela conhecia o meu interesse pelo tema, bem como sabia que o programa de pós-

¹ Daqui para o futuro referido, de forma simplificada, pelo nome Itaiacoca ou por sua classificação simples: distrito.

graduação me daria as ferramentas metodológicas que eu precisaria para trabalhar com minhas inquietações sobre o tema.

Desta forma, ocupei-me pelo assunto, procurando conhecer melhor o contexto de realização daquele tipo de trabalho associativo no Paraná² e no Brasil. Encontrei um inexpressivo número de trabalhos sobre o tema, mas que me apontou caminhos e ajudou na composição de uma base teórica inicial para este projeto.

A proposta de pesquisa apresentada como anteprojeto consistia de uma discussão sobre as relações socioculturais que os pequenos agricultores do distrito do Itaiacoca vivenciaram entre os anos de 1960 e 1990, a função social dos mutirões e a maneira como esses sujeitos perceberam esse processo durante suas vidas, e foi sendo retrabalhada em conjunto com a orientadora e os professores da linha de pesquisa intitulada “Instituições e sujeitos: saberes e práticas”, do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, de modo a problematizar as trajetórias de trabalho e sociabilidade destes agropecuaristas, de maneira especial às suas experiências interpretadas.

Para isso, foi necessário entender a constituição do meio rural paranaense, as políticas municipais, estaduais e nacionais relativas à agropecuária e ao pequeno agropecuarista, além buscar uma base teórica apropriada para analisar as questões pertinentes às experiências, identidades, memórias e à história oral, bem como aos assuntos correlatos.

Iniciarei meu primeiro capítulo, discorrendo acerca do distrito do Itaiacoca, traçando uma visão geral acerca do que era e como se constituía aquela região do município de Ponta Grossa, sob vários aspectos. Para o ponto de vista jurídico, utilizarei documentos oficiais, tais como leis, decretos e portarias, de âmbito municipal, estadual ou federal, que permitirão saber como se organizava legalmente o distrito e suas comunidades.

Também me dedicarei a explicar a constituição geográfica do Itaiacoca, apontando para a relação entre esses predicados e às formas de organização daqueles que viveram na região, adaptando seus modos de produção às características do ambiente, especialmente no que se refere ao relevo acidentado típico das áreas de transição entre o Primeiro e o Segundo Planalto Paranaense.

Para a contextualização da estrutura do Paraná no Campo me utilizarei do material disponibilizado no acervo do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES)³, que inclui relatórios, comunicados e notas técnicas, além da Revista

² Neste trabalho, o nome Paraná poderá ser usado para se referir ao Estado do Paraná (1889-), mas também à Comarca de Curitiba (1811-1843), à Província de Curitiba (1843-1853) e à Província do Paraná (1853-1889).

³ Instituição de pesquisa vinculada à Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral (SEPL).

Paranaense de Desenvolvimento e dos Cadernos Iparde, no Arquivo Público Estadual, incluindo as mensagens de governo, e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Organizarei um panorama das principais atividades produtivas realizadas no Itaiacoca, tendo por base textos sobre a economia paranaense, de Francisco de Borja Baptista de Magalhães Filho, em conjunto com artigos científicos ou jornalísticos sobre a história do distrito.

Também serão discutidas neste capítulo, as transformações decorrentes do processo de urbanização, modernização da atividade agropecuarista e da chegada da agroindústria, bem como o problema das políticas de crédito que não cumpriram o papel de fortalecer o pequeno e médio agricultor, levando grande parte dos itaiacocanos à decisão de migrar para a área urbana do município. Para isso, me utilizarei das fontes anteriormente citadas, em conjunto com depoimentos orais de moradores e antigos moradores do Itaiacoca, através de suas histórias de vida.

Em seguida, no segundo capítulo deste trabalho, me ocuparei em problematizar o viver, morar e trabalhar no Itaiacoca do período que compreende as décadas de 1960 até 2010, procurando entender como as pessoas se organizavam naquele distrito. Para isso, será preciso apreendermos a maneira como aqueles homens e mulheres viam-se como indivíduos, mas também como comunidade.

Procurando compreender estas visões entre as pessoas da comunidade estudada, bem como suas formas de ver, sentir, pensar e agir sobre o processo pesquisado, observarei na sociológica do espaço rural, as melhores contribuições para os estudos atuais do tema. Caracterizarei o Itaiacoca como uma sociedade rural, de acordo com a maneira como o distrito é percebido pelos seus moradores, mas entendendo que “o viver dos moradores dos distritos não pode ser pensado no referencial reducionista dos conceitos de cidade e distrito, tampouco na dicotomia campo e cidade, uma vez que ele está marcado por tensões e conflitos que conceitos predefinidos não conseguem abarcar”⁴.

Embora reconheça a inexistência de fronteiras definidas entre essas esferas, observei que a distinção entre cidade e distrito (e campo e cidade) é bastante clara para as pessoas com quem tratei. Isso se dá pelo que chamamos ‘experiência’, entendendo que a vida interpretada de um sujeito influencia sua maneira de ver e agir.

⁴ SILVA, Renata Rastrello e. *Memórias, imagens e experiências o município de Uberlândia a partir de seus distritos, MG (1980 – 2012)*. Thesis, 2014. p. 18 Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/4430>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

Edward Palmer Thompson dedicou parte de sua obra para falar sobre a ausência deste elemento verdadeiramente humano, na história marxista praticada na sua época. Para o autor, as ações das pessoas não se dão dentro de determinismos, mas são produzidas dentro de uma racionalidade própria, através de interpretações daquilo que se viveu.⁵

Neste sentido, o historiador inglês acreditava que, ainda que não fossem completamente autônomas, as pessoas experienciaram situações, tratavam essa experiência em suas consciências, para então agirem sobre a situação, sem que se rendessem a qualquer suposta determinação estrutural, tal como a ética, moral ou classe. A relatividade da autonomia, neste caso, se dava pelas relações sociais que os sujeitos mantinham, uma vez que as formas de pensar, identidades, memórias, consciências e culturas, eram construídas socialmente, resultando em visões de mundo mais socialmente compartilhados do que individuais. Da mesma forma, resultando em modos de pensar e agir ao mesmo tempo compartilhados e autônomos.⁶

Assim, a experiência surgia espontaneamente nas pessoas, mas sempre de forma racional. Homens e mulheres refletiam sobre o que acontecia a eles e ao que estava em suas voltas, modificando os modos de pensar e de ver a vida, a todo instante. Sobre isso, do mesmo modo que as relações sociais constituem e modificam as experiências, as experiências são constituintes das relações sociais, e, em um caminho de mão dupla, também as modificam.⁷

A partir deste entendimento, e através da fala de alguns dos atores sociais envolvidos neste processo, buscarei construir a trama que me permitirá compreender a maneira como o trabalho e a sociabilidade foram sentidos por essas pessoas, ao longo do tempo, entendendo que nenhum fato que possa vir a ser contado interessará per si, mas apenas no modo como se relaciona em uma teia de acontecimentos. Fundamentado no pensamento do historiador Paul Marie Veyne, partirei do pressuposto de que nenhum fato acontece isoladamente, mas dentro de cadeias de acontecimentos, que são constituintes dos eventos que se seguem, mas que de maneira alguma os determinam. Assim, não existem eventos motores ou causais, que se destacam dos acontecimentos, pois a causa de um evento é simplesmente uma série de outros eventos.⁸

⁵ THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Ibidem*.

⁸ CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. *Enredos de Clio: pensar e escrever a história com Paul Veyne*. São Paulo: UNESP, 2003.

Para Veyne, a palavra trama lembra de que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou um romance e, como um drama ou um romance, não se arranja, necessariamente, em uma sequência organizada pela cronologia. “Ela será sempre trama porque será humana, porque não será um fragmento de determinismo”⁹. Se o fosse, desvaleria a experiência humana, desprezando antagonismo, interesses, necessidades e vontades próprias, que muitas vezes articulam o agir das pessoas.

Desta forma, para estudar os relatos de vida dessas pessoas, procurarei encontrar a trama relacionada a eles, para que possa dar inteligibilidade à história destes acontecimentos. De acordo com Veyne, devido à impossibilidade de visualizarmos uma história em sua totalidade, o pesquisador deverá escolher itinerários, ou séries, que deem conta do sentido da trama escolhida¹⁰, em conformidade com os objetivos de sua pesquisa.

Ele pode compor a trama de uma história da pichação, por exemplo, através da história da arte, tratando do estilo das pichações, do materialismo histórico, analisando a luta pela imposição de uma estética da cidade, ou até mesmo do mercado, considerando o comércio de tintas e vestuário específicos para a prática (e aos praticantes) da pichação, mas nunca absolutizando ou hierarquizando uma série em detrimento da outra.¹¹

Para Paul Veyne, esta subjetividade que permite que se escolha o ponto de vista pelo qual se quer observar um evento não é um problema, uma vez que, apesar de o historiador recortar e escolher os temas que prefere, as cadeias no interior deste tema são o que são e nada pode mudá-las. Desta forma, a verdade histórica não é relativa.¹² Cabe ao historiador encontrar e organizar os acontecimentos que compõe a trama, tantos quantos forem possíveis, mas não mais do que o suficiente para que a narrativa seja inteligível. Ele deverá explicar os acontecimentos, para torná-los compreensíveis, e arranjá-los em uma narrativa, pois de acordo com o historiador francês, o primeiro dever de um historiador é estabelecer a verdade, e o próximo é explicar a trama.¹³

Para isso, é necessário ao historiador possuir uma cultura histórica que lhe permita fazer cada vez mais perguntas para a fonte. O enriquecimento da visão tem como requisito que se saiba fazer mais perguntas do que faria uma pessoa comum. Para explicar,

⁹ VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar; Maria Auxiadora Kneipp. 4. ed. Brasília: UnB, 1998. p. 42.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. *Enredos de Clio: pensar e escrever a história com Paul Veyne*. São Paulo: UNESP, 2003.

¹² VEYNE, *Op. Cit.*

¹³ *Ibidem*. p. 169.

utilizo a analogia oferecida por Paul Veyne: “um crítico de arte vê, num quadro, muito mais do que vê um simples turista”, e da mesma forma um historiador vê muito mais num acontecimento.¹⁴

Finalmente, no terceiro capítulo deste trabalho, me utilizarei de todo o conhecimento acumulado anteriormente, sobre o Itaiacoca, em sua relação com o município de Ponta Grossa e o Estado do Paraná, e, principalmente, sobre os sujeitos históricos que viveram e significaram suas vivências no distrito, para analisar as entrevistas realizadas com estas pessoas, que viveram, conviveram e trabalharam no campo.

As narrativas serão acolhidas por meio de depoimentos de vida, quando “é solicitado ao narrador que aborde de modo mais especial determinados aspectos de sua vida, embora dando a ele total liberdade de exposição”¹⁵. Este método permite ao pesquisador obter o testemunho do entrevistado sobre suas vivências em determinadas situações ou participação em determinadas instituições que se quer estudar, de modo que o foco do depoimento não é o entrevistado e sua vida, mas a maneira como experienciou essas vivências.¹⁶

Para o trato das entrevistas procederá a transcrição integral, através dos critérios apontados por Dulce Whitaker, para a transcrição da fala do homem rural, tais sejam: (1) Utilização da grafia correta das palavras, de modo a evitar qualquer preconceito de classe ou grupo social ou étnico. A frase “o home chegô e num deu pra falá”, por exemplo, transcrita desta forma, traz consigo o pressuposto de que o falante se encontra em situação precária de escolaridade. (2) Transcrição de maneira fiel à pronúncia de palavras e expressões que caracterizam o sujeito ou o grupo ao qual ele está inserido, como por exemplo a palavra “ponhava”. Esta regra funciona como uma exceção à primeira, pois nesse caso funciona para ressaltar o pitoresco e enriquecer a transcrição. (3) Não corrigir concordância verbal, para respeitar a sintaxe do narrador. (4 e 5) Indicação de risos, gestos e expressões entre parêntesis no texto, de modo a enfatizar os sentimentos que, de outra forma se perderiam na transcrição. Por exemplo: (os olhos marejaram), (a voz embargou), (fala rindo) etc. (6) Quando a entrevista é interrompida, deve-se explicar a interrupção, para não quebrar o discurso, interrompendo o fluxo que lhe dá a coerência. (8) Devem ocupar notas de rodapé explicações acerca de palavras características. (9) Pausas no discurso, hesitações e interrupções no pensamento devem ser

¹⁴ VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar; Maria Auxiadora Kneipp. 4. ed. Brasília: UnB, 1998. p. 170.

¹⁵ LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Trabalhando com história oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa. *Cadernos CERU*, v. 11, n. 0, p. 121–134, 2000.

¹⁶ *Ibidem*.

seguidas de reticências. (10) A transcrição não deve ser feita por terceiros, evitando que a informação seja desvirtuada de sua proposta inicial, necessária para que não se incorram erros de ordem interpretativa.¹⁷ O sétimo critério apresentado pela autora, “grafar a expressão “né” (não é) da seguinte maneira: n/é”¹⁸, não será utilizado, pois considero que atrapalha a fluidez da leitura, dificultando a compreensão do leitor e trazendo prejuízo ao entendimento da narrativa dos sujeitos entrevistados.

A análise se realizará ao longo do processo da pesquisa, consistindo na reconstrução de uma representação do objeto histórico, investindo-se o máximo de reflexão histórica, para a busca de interpretações e inferências que permitirão compreender o objeto a que se debruça este trabalho, tendo como finalidade responder a questão que o inspirou: de que maneira as trajetórias de trabalho e sociabilidade dos homens e mulheres do Itaiacoca, que viveram através do trabalho, por meio do que produziam em suas próprias terras, foram significadas e ressignificadas por esses sujeitos, operando na manutenção e/ou reelaboração de suas identidades?

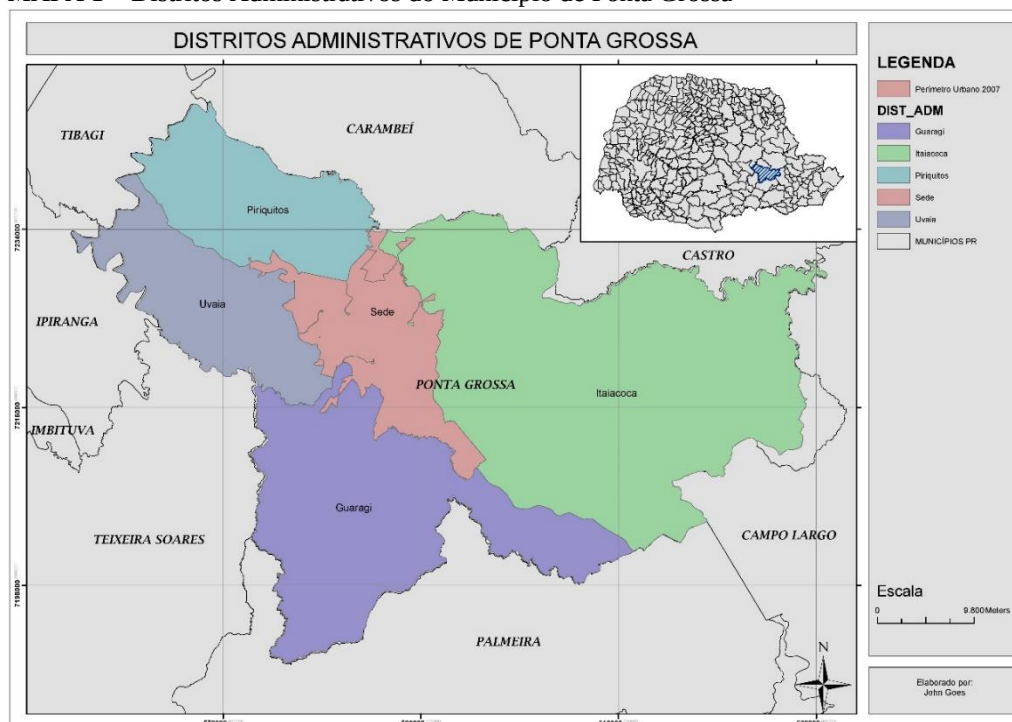
¹⁷ WHITAKER, Dulce C. A. Análise de entrevistas em pesquisas com histórias de vida. **Cadernos CERU**, v. 11, n. 0, 2000, pp. 156-158. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75078>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

¹⁸ *Ibidem*. p.157.

2 CAPÍTULO I – Itaiacoca: Construindo um panorama

Criado pela Lei nº 203, de 03 de janeiro de 1909¹⁹, o Distrito Judiciário de Itaiacoca localiza-se na região leste do Município de Ponta Grossa, no Estado do Paraná. Seu limite se inicia aproximadamente quinze quilômetros da área urbana da sede do município, estendendo-se por mais de seiscentos e cinquenta quilômetros quadrados, até as fronteiras dos municípios de Campo Largo, Carambeí, Castro e Palmeira, na Mesorregião do Centro Oriental Paranaense (MAPA 1).

MAPA 1 – Distritos Administrativos do Município de Ponta Grossa



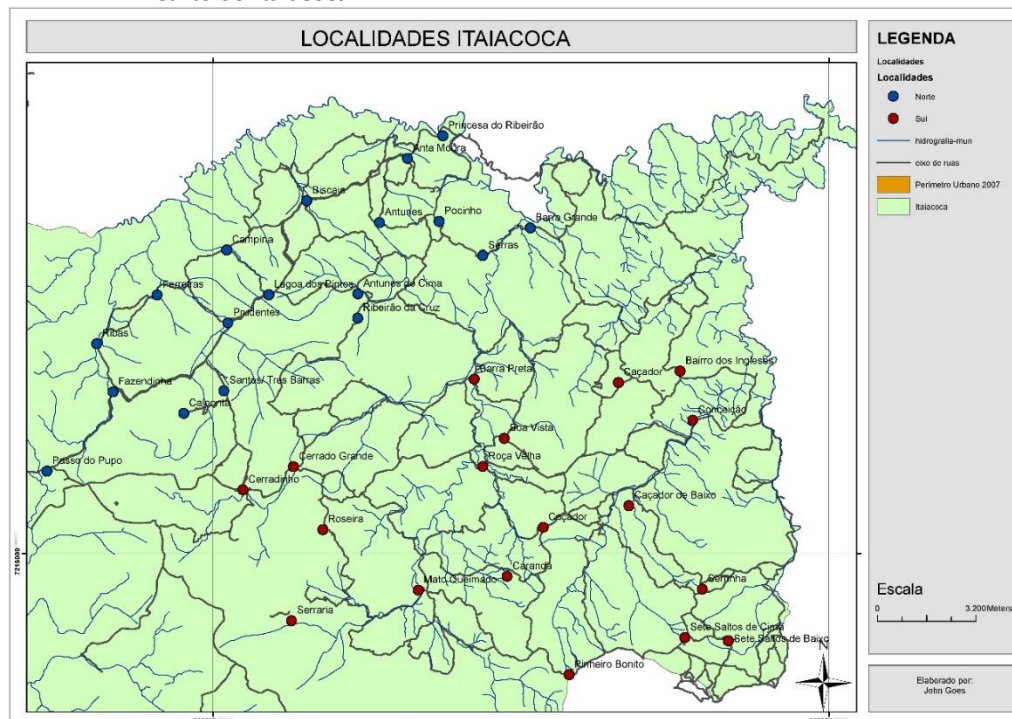
FONTE: GOES, John Lenon de. **Distritos Administrativos de Ponta Grossa**. 2015. Documento digital.²⁰

¹⁹ O capitão José Bonifácio Guimarães Villela, Prefeito Municipal da cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná & & / Faço saber a todos os habitantes deste Município que a Camara Municipal desta cidade ; Considerando que o Districto Policial do Itaiacoca deste Município, já é bastante populoso, o que demonstra o alistamento eleitoral em que figuram para mais de trezentos eleitores; / Considerando que elle é muito distante desta cidade sendo que a maioria de seus habitantes residem á 10, 12 e 14 leguas ; / Considerando que por estas razões ponderosas a camara deve, tendo em vista as solicitações de 220 pessoas alli residentes conceder aos moradores do Itaiacoca, os meios fáceis de regularem as suas relações civis e judiciais : / Decretou e eu promulgo a seguinte lei : / Art. 1º - Fica creado um Districto Judiciario de de Itaiacoca, que terá por séde, o lugar denominado Paço do Pupo e com as divisas do actual Districto Policial. / Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrario. / Cumpra-se e publique-se ; / Gabinete da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, em 3 de janeiro de 1909. – Eu Manoel Cyrillo Ferreira, secretário interno que a escrevi. / (Assignado) José Bonifácio Guimarães Villela. Prefeito Municipal. A REPUBLICA. Lei n. 203 de 3 de maio de 1909. A Republica, Curitiba, p. 2, 12 de jan. de 1909.

²⁰ Devido à impossibilidade de se encontrar mapas oficiais mostrando a linha divisória do Distrito do Itaiacoca, foi necessária a elaboração de um mapa, de acordo com atuais limites do município de Ponta Grossa, relacionados aos limites do distrito, estabelecidos pelo Projeto nº 45, de 20 de março de 1918, a saber: “Projecto n. 45 / O

O distrito do Itaiacoca é formado por dezenas de comunidades rurais, que se espalham por todo o seu território, distanciadas umas das outras por vários quilômetros de estradas, que em sua maioria não são pavimentadas (MAPA 2).

MAPA 2 – Distrito do Itaiacoca



FONTE: GOES, John Lenon de. **Localidades Itaiacoca**. 2015. Documento digital.²¹

Congresso Legislativo do estado do Paraná / Decreta:/ Art. 1º - A linha divisória do Distrito Judiciário de Itaiacoca município de Ponta Grossa, fica assim rectificada : começa no capão do 'Tapéra do Itaiacoca' e d'ahi segue acompanhando a Serra até encontrar o Rio Pitanguy, dividindo com o distrito da sede do Município de Ponta Grossa; d'ahi sobre o Pitanguy até encontrar o arroio de S. Miguel e vai por este acima até as Campinas d'onde segue por uma recta até encontrar o Ribeirão Grande ; desce por este até o rio Guartuva, seguindo pelo Ribeira, dividindo com Castro, e segue até a barra do rio Conceição ; vai por este acima até o passo velho dos Boavas e d'ahi pela Estrada Velha até a morada do Sr. Dyonisio Macedo de Castro ; d'ahi continua pela estrada que vai pelo Lageado acima até a morada de Miguel Ribeiro de Meira, d'onde segue pela estrada que vai á casa deste até o arroio da Herva, seguindo em rumo ao Marco da Cruz, dividindo com Assunguy de Cima ; d'ahi vem pela estrada até cair no rio da Conceição, dividindo com Campo Largo ; passa o rio e sege pela estrada do Sete Salto até a Serra das Almas e seguindo á esquerda, acompanhando a serra até a capella de Nossa Senhora, e, pelo Itambé acima, até a cabeceira do rio Tibagy e, por este abaixo, até o arroio do Botuquara, dividindo como o município da Palmeira : d'ahi segue até a cabeceira do mesmo arroio, e seguindo pela Serra dos Potrilhos, vai até o capão da Tapéra do Itaiacoca. / Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrario. / S. das Sessões, em 20 de Março de 1918. / Eurides Cunha, relator, Hugo Simas Macedo Junior e Amazonas Marcondes". O mapa foi elaborado por John Lenon de Goes, acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

²¹ Devido à impossibilidade de se encontrar mapas oficiais mostrando a localização das comunidades do Distrito do Itaiacoca, foi necessária a elaboração de um mapa, baseado nos atuais limites do município de Ponta Grossa, relacionados aos limites do distrito estabelecidos pelo Projeto nº 45, de 20 de março de 1918 e à foto de satélite publicada no software Google Earth (versão 7.1.5.1557). O mapa foi elaborado por John Lenon de Goes, acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Para este mapa, separou-se o distrito entre as regiões norte e sul, sendo a região norte (em azul) formada pelas comunidades mais próximas às áreas de mineração de calcário e talco, e a sul (em vermelho) formada pelas comunidades que se ocuparam por mais tempo da agricultura de subsistência, que me ocuparei neste trabalho.

Devido à sua localização, na região de transição entre o Primeiro e o Segundo Planalto Paranaense, na Escarpa Devoniana, o relevo do Itaiacoca representa um verdadeiro degrau topográfico, com paredes íngremes e verticalizadas com desníveis altimétricos frequentemente entre 100 e 200 metros²², apresentando características adequadas para as atividades mineralógicas, que lhe renderam o título de “Terra do Talco”²³.

A extração comercial do mineral teve início na região norte, na segunda década do século XX, tendo sido, por muito tempo, a principal atividade econômica não-agrícola praticada em todo o distrito. De acordo com matéria publicada no ano de 1962, um terço de toda a produção brasileira de talco, do ano anterior, havia saído do Itaiacoca. Isso equivaleu a uma média de mil e quinhentas toneladas mensais, de um talco que era considerado o melhor do hemisfério sul, perdendo em qualidade, apenas para aquele produzido na Índia.²⁴

O grande interesse da administração municipal de Ponta Grossa, que desde 1964 tributava em 2,5% o faturamento das empresas mineradoras²⁵, aproximadamente CR\$ 400.000 cruzeiros em impostos, neste ano²⁶, fez com que se investisse na infraestrutura dos bairros da região norte do distrito, onde se concentravam as minas de calcário. Os demais bairros do distrito, na região sul, permaneceram abandonados pelo poder público, conforme se verá adiante.

A exploração mineral se desenvolve até os dias de hoje, nas minas do Itaiacoca, e a atividade mineradora se mantém como a principal atividade comercial praticada no distrito do Itaiacoca. Em períodos anteriores, no entanto, os proprietários de terras na região do Itaiacoca desenvolveram outras atividades econômicas, de maneira semelhante àquela desenvolvida no restante do território do Paraná, criando e recriando condições necessárias para a sua reprodução.

²² ESCARPA DEVONIANA. In: *DICIONÁRIO Histórico e Geográfico dos Campos Gerais*. Ponta Grossa: DEHIS/UEPG, s/d. Disponível em: <<http://www.uepg.br/dicion/verbetes/a-m/escarpa.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

²³ HOLZMANN, Guísela V. Frey; REQUIÃO, Renato; SOARES, Olavo. Ponta Grossa: edição histórica. Curitiba: Requião & Cia. Ltda., 1975. p. 98.

²⁴ ULTIMA Hora. Talco de distrito do Itaiacoca considerado o melhor da América. *Ultima Hora*, Curitiba, p. 5, 15 de set. de 1962.

²⁵ PONTA GROSSA. *Lei 1.461, de 12 de dezembro de 1963*. Do imposto sobre imposto único de mineração.

²⁶ ULTIMA Hora. Ponta Grossa: imposto para mineradores. *Ultima Hora*, Curitiba, p. 5, 17 de dezembro de 1963.

O comércio de indígenas escravizados foi expressivo entre os séculos XVI e XVII, até o estabelecimento da Companhia de Jesus nos Campos Gerais, quando se iniciou um movimento para a catequização dos índios, e substituição dos escravizados indígenas, pelos negros de origem africana. Nesse período os jesuítas criaram uma missão às margens do riacho entre o morro da Pedra Grande e a localidade do Cerrado Grande, no Itaiacoca, desenvolvendo a lavra de ouro de aluvião.²⁷

Em conjunto com os migrantes e imigrantes livres, que também povoaram o distrito, estas pessoas escravizadas foram importantes para a construção das culturas e identidades dos itaiacocanos²⁸, sendo muito frequente a existência de famílias com descendência indígena ou africana nos diversos bairros do Itaiacoca. Com o fim da escravidão no Brasil, muitos dos que haviam sido escravizados continuaram vivendo na região, especialmente no bairro conhecido como Palmital dos Pretos, reconhecido como comunidade remanescente de um quilombo em 06 de julho de 2006.²⁹

Existem poucos registros sobre este aspecto, mas acredito que, como no restante do Paraná, a busca pelo ouro de aluvião encontrou outros praticantes na região, trazendo garimpeiros de outras regiões. A economia do distrito, então, seguiu para uma pequena atividade agropecuarista, destinada ao comércio e abastecimento dos arraiais e vilas que davam base à exploração deste ouro, até o final do século XVII³⁰, e mesmo depois desta data. A autorização para que o senhor Dr. Lysimaco Ferreira Costa explorasse o ouro de aluvião na região do Itaiacoca, concedida pelo presidente Getúlio Vargas, no ano 1933, indica que a atividade perdurou até, pelo menos, meados do século XX³¹.

Após este período, com a expansão da rota comercial que ligava o sul brasileiro às regiões auríferas do sudeste do Brasil e o aumento da demanda por animais de transporte (principalmente muares), para o trabalho nas minas, a economia itaiacocana passou a desenvolver-se em torno das invernadas³². Isso acontecia através do arrendamento de campos

²⁷ PREFEITURA Municipal de Ponta Grossa. *História de Itaiacoca*. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/lendas>>. Acesso em: 20 de out. de 201

²⁸ Não estou falando de uma cultura e identidade única, entre os itaiacocano, mas de culturas e identidades socialmente construídas, através de referências compartilhadas entre as diferentes pessoas daquele distrito.

²⁹ PARANÁ ONLINE. *Fundação Palmares certifica a quilombola em Campo Largo*. Paraná Online. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/186285/>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

³⁰ MAGALHÃES FILHO, Francisco de Borja Baptista de. Evolução histórica da economia paranaense. *Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD*, v. 0, n. 87, p. 131–148, 2011.

³¹ CORREIO do Paraná. A exploração do ouro no Estado do Paraná: um decreto do governo provisório. *Correio do Paraná*, Curitiba, p. 1, 15 de jun. de 1933.

³² Termo que se refere aos campos e currais usados para o descanso, recuperação e engorda dos animais, conduzidos em tropas, para a venda na região sudeste do Brasil.

e pousadas aos tropeiros, da ampliação do comércio agropecuário para o abastecimento local e, posteriormente, da expansão da atividade pecuarista, motivada pela lucratividade da engorda dos animais.³³ Este foi um dos períodos em que a ocupação ocorre com maior intensidade, nesta região.

O constante convívio com brasileiros do extremo sul do Brasil, que percorriam o Caminho do Viamão e se utilizavam das paragens da região onde hoje se encontra o distrito do Itaiacoca, no período do tropeirismo, foi outro importante aspecto para a construção social das culturas e identidades itaiacocanas. A assimilação de costumes, como o consumo do chimarrão, e de palavras próprias do vocabulário gaúcho, que tinha grande influência da língua espanhola, como o termo “invernada”, para se referir a um campo de pasto, ou “paço/passo”, para se referir ao lugar por onde se cruza um rio, são exemplos da troca cultural que, ainda hoje, podem ser observados no Itaiacoca.

A atividade do tropeirismo ascendeu até o final do século XIX, quando passou a declinar devido à instalação de linhas férreas, como a Estrada de Ferro Oeste de Minas e a Estrada de Ferro Vitória a Minas, ligando a Província de Minas Gerais às do Rio de Janeiro e de São Paulo. A utilização do transporte férreo fez diminuir drasticamente a demanda por animais de carga, e acabou por inutilizar este tropeirismo interprovincial / interestadual.³⁴

Neste período, a agropecuária e o comércio passaram a configurar as principais atividades econômicas desenvolvidas pelos itaiacocanos, seja para subsistência, o mercado interno ou para abastecer as demais regiões de Ponta Grossa³⁵ e outros municípios. Publicações como o Almanak administrativo, mercantil e industrial da Província do Paraná, constam em seus registros de alguns armazéns de madeira e líquidos & comestíveis (secos & molhados), na região, já na década de 1870³⁶.

A expansão do comércio da madeira nativa em Itaiacoca se deu com o aumento dos mercados interno e externo, para o produto. O crescimento da economia brasileira e a consequente demanda por material para a construção, foram importantes para a economia local. Ao mesmo tempo, a construção da Estrada de Ferro Paraná, ligando Ponta Grossa a Curitiba e Paranaguá, em 1894, e da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, ligando Ponta

³³ MAGALHÃES FILHO, Francisco de Borja Baptista de. Evolução histórica da economia paranaense. *Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD*, v. 0, n. 87, p. 131–148, 2011.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ A denominação Ponta Grossa poderá ser usada nesta dissertação para se referir ao Município de Ponta Grossa (1862-1871, 1872-), mas também ao Distrito de Ponta Grossa (1823-1855), à Vila de Ponta Grossa (1855-1862) e ao Município de Pitanguí (1871-1872).

³⁶ BARROS, José Ferreira de (Org.). *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Província do Paraná para o ano de 1877*. Rio de Janeiro: Dias da Silva Junior, 1876.

Grossa aos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, em 1905, facilitou a exportação da madeira para países como a Argentina, ou mesmo para outras regiões do Brasil, que anteriormente se abasteciam da importação de madeira europeia, através dos portos.

Ao consultar publicações periódicas das últimas décadas do século XIX, é comum que se encontre anúncios de venda de terras, “no lugar denominado Itaiacoca”, em que a existência de matas e madeiras é indicada como uma enorme vantagem, que pode ser explorada comercialmente. A venda de maquinários e estruturas locados no Itaiacoca, para o corte e/ou beneficiamento de toras, é também anunciada nos classificados diários deste período:

Negócio de grande vantagem

Por preço razoável

VENDE-SE um Engenho de serar madeira no lugar denominado Itaiacoca, contendo aproximadamente dous mil pinheiros, e madeira de serne e vende-se também trinta bois carreiros, com os seus pertences para costeiro do engenho, desta da cidade de Ponta Grossa quatro léguas, estradas de rodagem, garante-se serrar treis dúzias, por dia. Quem pretender derija-se ao proprietário.

Laurindo Dias Ribeiro

Passo do Pu-po³⁷ 8 de agosto de 1894.³⁸

No anúncio acima, publicado pela primeira vez na edição de 15 de agosto de 1894 do periódico *A Republica*, o senhor Laurindo Dias Ribeiro oferece um engenho de serrar madeira, dotado de toda a estrutura necessária para o seu funcionamento, destacando além da produtividade, a facilidade de acesso e, conseqüentemente, comércio com a cidade³⁹ de Ponta Grossa.

Em conversa informal com moradores do distrito, soube-se que muitos agropecuaristas proprietários de terras no distrito do Itaiacoca complementavam sua renda explorando a mata nativa para a venda de madeiras de lei às madeireiras. Em alguns casos, chegavam a montar pequenas oficinas clandestinas para o corte e venda de madeira.⁴⁰

As empresas madeireiras exploradoras da mata nativa se estabeleceram no Itaiacoca até a década de 1990, período em que a legislação ambiental asseverou-se, através da Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/1998).⁴¹ Este regulamento versava sobre condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e estabelecia pena de reclusão e multa para aqueles que cortassem madeira de lei, para qualquer fim, em desacordo com as determinações legais⁴².

³⁷ O Passo do Pupo é o bairro do Itaiacoca mais próximo à cidade de Ponta Grossa.

³⁸ RIBEIRO, Laurindo Dias. Negócio de grande vantagem. *A Republica*, Curitiba, p. 3, 15 de ago. de 1894. Grifos do original.

³⁹ Quando usado deste modo, neste trabalho o termo ‘cidade’ significará a área urbana, em contraposição ao campo.

⁴⁰ Entrevista não gravada, concedida em 24 de maio de 2015.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² BRASIL. *Lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. DOFC – Diário Oficial da União, Brasília, 13 de fev. de 1998. p. 1.

No entanto, a economia madeireira persistiu através de empresas de plantio e industrialização de madeira, instaladas a partir da década de 1970. Ainda nos dias de hoje, as áreas de reflorestamento de pinus estendem-se por grande parte do distrito, em terras particulares ou arrendadas. As plantas do gênero pinus, introduzidas no Brasil, são originárias da América do Norte, e foram trazidas devido ao rápido crescimento⁴³ e larga utilização, na construção civil e industrial⁴⁴.

Observa-se, contudo, que essas atividades eram praticadas, essencialmente, por aqueles que detinham a propriedade ou posse das terras, e o capital necessário para o custeio das operações. Aqueles que não podiam dispor de terras ou numerário suficientes, desenvolviam uma agropecuária de base familiar com baixo índice de utilização de mecanização e de capital, para a subsistência e negociação⁴⁵ de excedentes de produção, e/ou poderiam trabalhar como funcionários destes primeiros.

De acordo com antigos moradores do Itaiacoca e praticantes desta agropecuária de subsistência, senhora Laura Maciel dos Santos e seu esposo, senhor Pedro Ribeiros dos Santos, praticamente tudo o que se utilizava para viver e se alimentar era produzido em casa. Tanto a produção dos alimentos, através das roças, hortas, ordenha de vacas e abate de animais, quanto o beneficiamento de produtos, como a farinha de milho e o sabão, eram realizados nas propriedades rurais, sempre de maneira artesanal.

Marcelino de Souza⁴⁶, em estudo sobre atividades não-agrícolas e desenvolvimento rural no Estado do Paraná, confirma estas informações ao caracterizar a comunidade de Carandá, no distrito do Itaiacoca, em sua tese de doutorado. De acordo com o autor, as atividades produtivas daquela população eram realizadas com grande variedade de itens, que eram produzidos e beneficiados artesanalmente, dentro da propriedade. Para isso, eles

⁴³ Para fins industriais, as espécies do gênero Pinus geralmente são cortadas em rotações que variam de 5 a 8 anos, por meio de cortes rasos ou parciais. REDAÇÃO Ambiente Brasil. *Pinus na silvicultura brasileira*. Disponível em: <http://ambientes.ambientebrasil.com.br/florestal/artigos/pinus_na_silvicultura_brasileira.html>. Acesso em: 25 de set. de 2015.

⁴⁴ Das árvores do tipo pinus, especialmente do Pinus Elliottii Engelm, se extrai uma oleoresina da qual se produz a rosina (ou breu), utilizada industrialmente para elaboração de tintas, vernizes, laquês, sabões, colas, graxas, esmaltes, ceras, adesivos, explosivos, desinfetantes, isolantes térmicos e outros, e a terebintina usada na produção de tintas, vernizes, corantes, vedantes para madeira, reagentes químicos, cânfora sintética, desodorantes, inseticidas, germicidas, óleos, líquidos de limpeza etc.. RODRIGUES, Kelly Cristine da Silva. Resina de pinus no sul do Brasil: caracterização e perspectivas. *Revista da Madeira*, [s/l], n. 116. Disponível em: <http://www.remade.com.br/revistadamadeira_materia.php?num=1317&subject=Resina%20Pinus&title=Resina%20de%20Pinus%20no%20Sul%20do%20Brasil:%20Caracteriza%20e%20Perspectivas> Acesso em: 28 de set. de 2015.

⁴⁵ Comércio ou permuta.

⁴⁶ SOUZA, Marcelino de. Atividades não-agrícolas e desenvolvimento rural no Estado do Paraná. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000, pp. 246-250 Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000217764>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

se utilizavam de ferramentas como os monjolos⁴⁷, pilões⁴⁸ e outras, na maioria das vezes construídas por ele mesmos, utilizando-se de matéria-prima extraída localmente⁴⁹.

Os poucos produtos adquiridos no comércio, de acordo com o depoimento da senhora Laura Maciel dos Santos, eram geralmente produtos industrializados, de difícil produção artesanal. Açúcar, aguardente, farinha de trigo⁵⁰, fósforos e tecidos, frequentemente figuravam as listas de compras dos itaiacocanos deste período, de acordo com outro antigo morador local. Estes tecidos podiam ser fazendas vendidas por metro, ou mesmo sacos de açúcar ou trigo confeccionados em morim⁵¹, comprados em peças, para serem desmontados, tingidos artesanalmente e beneficiados na forma de todos os tipos de vestimentas, costuradas a mão⁵².

A inexpressiva utilização de tecnologias modernas da agricultura, verificado no desuso de maquinário e insumos agrícolas, é também mencionado pelo autor, que destaca a utilização de mutirões para a realização destas atividades.

Com relação aos aspectos econômicos, principalmente às atividades produtivas, constatou-se que antigamente as atividades eram realizadas na forma de mutirão, com uma maior diversidade de produtos gerados e transformados localmente, sendo que poucos produtos eram adquiridos externamente. Além disso, os sistemas de produção eram mais adaptados às peculiaridades ecológicas da região, sendo que, verificava-se nestas áreas a utilização da prática da rotação de terras, onde elas permaneciam em pousio num período aproximado de 15 a 20 anos. Além disso, as lavouras eram exploradas sem utilização de insumos modernos e verificava-se uma presença constante de hortas caseiras, cuja diversidade de plantas era notória.

Atualmente, as atividades agrícolas concentram-se na produção de milho, feijão, mandioca e algumas hortaliças. As lavouras são conduzidas ainda utilizando técnicas rudimentares como a chamada “roça no toco” e o uso da queimada para obtenção da limpeza bem como de cinzas que servem de adubo. Tudo isso realiza-se com o uso basicamente da força-de-trabalho humana, mas também animal. As atividades de criação animal são baseadas em um sistema extensivo (pasto nativo), e concentram-se em: criação de aves, suínos e bovinos e animais de tração. Tanto a produção agrícola como a produção animal destinam-se basicamente à subsistência das famílias.⁵³

Ao mesmo tempo, na primeira metade do século XX, uma nova forma de tropeirismo é também mencionada pelos antigos moradores do Itaiacoca, que ouviram de seus antecedentes, histórias sobre a condução de suínos, para a engorda e posterior revenda ou abate.

⁴⁷ Engenho tosco, movido a água, empregado para pilar milho.

⁴⁸ Recipientes, geralmente de madeira, para descascar cereais ou triturar alimentos por meio de batidas sucessivas.

⁴⁹ Entrevista não gravada, concedida em 18 de abril de 2015.

⁵⁰ De acordo com um antigo morador do Itaiacoca, o trigo não era produzido localmente. Entrevista não gravada, concedida em 27 de agosto de 2015.

⁵¹ Tecido rústico de algodão, geralmente branco e fino.

⁵² Entrevista não gravada, concedida em 27 de agosto de 2015.

⁵³ SOUZA, Marcelino de. Atividades não-agrícolas e desenvolvimento rural no Estado do Paraná. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000, pp. 249-250 Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000217764>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

Estas empreitadas eram realizadas no período entre a colheita do feijão e a do milho, quando esses pequenos lavradores se reuniam em viagens a cavalo dentro do distrito ou mesmo na região do município de Guarapuava (PR), a fim de comprarem porcos para a criação e revenda, de modo a incrementarem a renda conseguida pela comercialização dos excedentes de produção.^{54 55}

Ponta Grossa era um dos principais centros compradores de suínos, comportando matadouros-frigoríficos e grandes fábricas de banha⁵⁶, mas algumas vezes as viagens percorriam espaços de aproximadamente duzentos quilômetros, e se estendiam por semanas, em estradas sem pavimentação, caminhos, carreiros e matas, por onde estas pessoas conduziam varas com até oitocentos animais⁵⁷, conforme pode-se visualizar nas fotos que seguem:

FIGURA 1 – Porcadeiros conduzindo uma vara de porcos através de uma cidade



FONTE: BACH, Arnaldo Monteiro. **Porcadeiros**. 1. ed. Ponta Grossa: Arnaldo Monteiro Bach, 2009.

FIGURA 2 – Porcadeiros conduzindo uma vara de porcos na área rural



FONTE: DA SILVA, Sueli Maria. **Tropeirismo de Porcos**. [s.l.]: EST Edições, 2007.

Ainda que não se tenham maiores informações acerca das fotografias, tais como local e data da produção, pode-se observar na primeira imagem (FIGURA 1) a passagem de uma numerosa vara de porcos através da área urbana de uma cidade, em meio de um aglomerado de construções em alvenaria e próximo ao que parece ser uma casa comercial. A

⁵⁴LUZ, Afonso Lopes da. *Afonso “Neno” Lopes da Luz: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

⁵⁵ Entrevista não gravada, concedida em 25 de março de 2014.

⁵⁶ Para saber mais sobre a produção e comercialização de banha de porco em Ponta Grossa, recomendo o artigo “A história bem contada de um porco: produção e comercialização de banha de porco durante as décadas de 1920 e 1930 em Ponta Grossa”, de Marcelo Kaiut.

⁵⁷ DA SILVA, Sueli Maria. *Tropeirismo de Porcos*. [s.l.]: EST Edições, 2007.

segunda imagem (FIGURA 2) mostra uma vara de tamanho menor, percorrendo um trecho de campo, com mata nativa e áreas alagadas, mais comuns na área rural.

Estas imagens permitem observar, também, a variedade das relações social existente nessas tropeadas. Em primeiro plano, na FIGURA 1, noto dois porcadeiros vestidos de forma bastante distinta. Enquanto o homem à esquerda veste-se como um tropeiro gaúcho, calçando botas em couro, bombachas⁵⁸, camisas limpas e um chapéu, seu companheiro traja-se como um maltrapilho, com roupas sujas e rasgadas. Esta distinção permite pensar a respeito de algum tipo de hierarquia entre os homens, seja profissional (capataz/encarregados) ou de classe (proprietário/meeiro, ou proprietários de áreas maiores/menores).

Em uma crônica publicada em 31 de agosto de 1904 por Albino Silva, no jornal *A Republica*, é possível observar alguns destes aspectos. No artigo, o autor comentou o “causo do porcadeiro”⁵⁹, Sr. Guedes, que transitava com sua porcada, dividida em cinco lotes de quarenta cabeças cada um, para a venda em Sorocaba, quando foi surpreendido pela notícia de uma epidemia de febre amarela naquela cidade, que lhe fez mudar seus planos.⁶⁰ A menção a um porcadeiro e seus “conductores” permite ponderar acerca de uma hierarquia, como a que

⁵⁸ Calções largos que se apertam por baixo do joelho, comumente utilizados pelos gaúchos, e considerados partes integrantes do traje oficial do Rio Grande do Sul, pela Lei Estadual da Pilcha (Lei nº. 8.813, de 10 de janeiro de 1989). O nome vem do termo, em espanhol, *bombacho*, que significa ‘calças largas’.

⁵⁹ Nome dado aos condutores de varas de gado suíno, entre os séculos XIX e XX, na região sul do Brasil.

⁶⁰ SILVA, Albino. *Telepathia? A Republica*, Curitiba, p. 2, 31 de ago. de 1904. Grifos do original. *Telepathia? / Bem dia o dr. Emiliano que são curiosidades os despachos telepathicos. / Eu não sou entendido na materia, mas creio que o caso que lhes vou contar, como um caso de telepathia. / Não ha muitos annos grassou com tal intensidade a epidemia da febre amarella em Sorocaba que esta cidade soffreu enorme abalo em sua população e como emporio commercial do sul de S. Paulo. / As notícias corriam aterradoras pelas estradas por onde diariamente transitavam negociantes de animaes, tropeiros, boiadeiros e porcadeiros, quando o sr. Guedes chegava ao passo da Escaramuça e ahi arranjava o pouso para seus camaradas e para a sua porcada, dividida em 5 lotes de 40 cabeças cada um, sem contar as cabeças dos conductores e a do sr. Guedes. / De volta do Itapetininga ahi chegou também, a fazer pouso com a sua comitiva, um porcadeiro do Serrado, de Jaguarahyva. / A comberça versou logo sobre os preços. Em Sorocaba podia alcançar 14\$000, pelo pé; não era negocio mau, mas a impedemia estava derriçando; o melhor era lá não ir e fazer qualquer negócio em Itapetininga. / - Mas a porcada já está meio comberçada com o compadre Bastos para eu levar lá em Sorocaba. / - Entonce passe um telegramma ao seu compadre para ele mandar buscar a porcada. / O Guedes nenhuma resolução tomou nessa noite, mas dormiu pensando no caso. Cedo esteve a caminho e ia silencioso e pensativo enquanto os pesados suínos, roncando e basculhando seguiam lentamente pela estrada adiante. / As más noticias se sucediam pelo caminho e o Guedes cada vez mais impressionado, já estava resolvido a vender, mesmo por qualquer preço, os seus cinco lotes que lhe havia custado não menos de 20 alqueires de roça só para o engorde. / Ao fazer pouso na Pescaria, á vista de um poste telegráfico junto ao qual armou a sua barraca, veio-lhe a lembrança o telegrama ao seu compadre Bastos. / E dormiu pensando no caso e. enquanto os porcos grunhiam formando os montões de toucinho que elles mesmos conduziam para o mercado, o Guedes sonhara que passava um telegramma ao seu compadre Bastos de Sorocaba. / E tal foi o sonho que os camaradas do Guedes viram-no levantar-se, chegar ao poste telegráfico, encostar sobre este a bocca e gritar: / Ó meu compadre Bastos, peço mandar buscar a sua porcada em Itapetininga porque eu não quero ir a Sorocaba por mode da impedemia! / Tres dias depois chegava o Guedes com a sua porcada em Itapetininga e a primeira pessoa com quem falou era um representante da casa do Bastos, de Sorocaba, que estava autorisado a receber a porcada do Guedes e remetel-a. / - Ah! Foi um bom conselho aquelle que me deu o meu amigo do Serrado! O telegrama surtiu bom efeito! / Entretanto, eu nunca cheguei a saber se o Bastos recebeu o original telegrama que lhe mandou o seu compadre Guedes. / Albino Silva*

aparece na primeira fotografia (FIGURA 1). Neste caso, a comitiva era formada por um capataz, ou líder porcadeiro, que era quem negociava a venda dos animais, alguns condutores ou camaradas, funcionários subalternos ou proprietários de pequenos lotes de animais, e a porcada, que poderia constar de mais de duzentos suínos. O “causo” permite, ainda, refletir sobre a importância das relações de compadrio em comunidades rurais, como a do Itaiacoca.

Em Sorocaba podia alcançar 14\$000, pelo pé; não era negocio mau, mas a *impedemia* estava derriçando; o melhor era lá não ir e fazer qualquer negócio em Itapetininga.

- Mas a porcada já está meio comberçada com o compadre Bastos para eu levar lá em Sorocaba.

- Entonce passe um telegramma ao seu compadre para ele mandar buscar a porcada. O Guedes nenhuma resolução tomou nessa noite, mas dormiu pensando no caso.⁶¹

A prática do compadrio, ou parentesco fictício, foi amplamente utilizada em diversas regiões do Brasil, como uma estratégia de sociabilidade para a manutenção do modo de viver. Buscava-se, por meio da criação de laços de parentesco fictícios, a construção e manutenção de redes de reciprocidade semelhantes às existentes em família, através do apadrinhamento espiritual de uma criança⁶².

Desta forma, no conto publicado no início do século XX, observo o comprometimento do personagem Sr. Guedes com o seu compadre Bastos, com o qual havia deixado a negociação “comberçada⁶³”, o que provavelmente garantiria benefícios mútuos aos negociantes, tais como, por exemplo, a garantia de compra, por uma das partes, e melhor preço de venda, pela outra.

Esta distinção entre os participantes da tropeada não aparece na FIGURA 2, que mostra três condutores trajando roupas similares, todas inapropriadas para a função, com pés descalços em terreno irregular, permitindo refletir sobre uma relação mais horizontal, onde os participantes seriam associados (sem uma relação de subordinação). Este modelo, se parece mais com a forma como o tropeirismo de porcos era praticado pelos agricultores do Itaiacoca, normalmente realizada entre familiares, compadres e camaradas, conforme contaram os entrevistados, sobre as histórias vividas e/ou ouvidas em família.

⁶¹ SILVA, Albino. *Telephatia? A Republica*, Curitiba, p. 2, 31 de ago. de 1904. Grifo meu.

⁶² HAMEISTER, Martha Daisson. *Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da Vila do Rio Grande (1738-1763)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp057416.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

⁶³ O termo “comberçada” deriva da pronúncia espanhola da palavra conversada, significando “tratada”, nesta ocasião. Isso se deve, acredito, à grande convivência entre os paranaenses, a quem o conto se refere, e os sul-rio-grandenses do extremo-sul do Brasil, durante o período do tropeirismo. A área de influência da Coroa Espanhola durante a vigência do Tratado de Tordesilhas, abrangendo a quase totalidade do Paraná, também pode explicar a utilização do termo.

Da mesma forma, em uma entrevista sobre as tropeadas suínas, realizada pelo Frei Arlindo Itacir Battistel aos antigos tropeiros de porcos, Joaquim Pereira Ramos e Nelson Bérghamo, é possível pensar acerca das relações de mutualismo existentes entre os participantes das expedições de tropeada, organizadas dentro do modelo mais horizontal:

E se chovesse a noite toda?

Joaquim: Não, se chovesse a noite toda daí eu tinha outra roupinha enxuta (que traziam na carreta) e botava uma cobertinha nas costas, pa não se moia demais. E nós ficava no tempo com a veiarada! A mula ia, levava os foro de cama, capa, tudo! O falecido Ogusto (Augusto Bérghamo) era um home... que home interado de bom! Aquele home era igual meu pai. Me cuidava barbaridade. Mas intão o meu pai parece que queria mais bem ao falecido compadre Aquiles (Bérghamo) do que eu! Eu ele não me dava muita bola e me surrava e mandava eu fazê o serviço. Intão, garrava, porque o compadre Aquile enliado num pala, que tava se queixando de frio, pegava e enliava ele no pala. E eu ficava oiando. “Você me paga, quando vô pegá você desgarrado dos véio, você me paga!” E quando pegava ele desgarrado dos véio eu surrava ele. Depois ele ia chorando e contava para o meu pai. Daí o finado meu pai pegava uma vara e me chicoteava! Daí eu ficava mais bravo com o compadre Aquile: “Você me paga quando te pegá!” Ele zombava de eu porque tinha que traiaí.⁶⁴

Não se pode saber, a partir da fala de Joaquim Ramos, se o seu pai e o falecido “Ogusto” eram compadres, mas a forma de tratamento dispensada ao filho de um e de outro, fez-me refletir sobre uma relação de reciprocidade entre estes companheiros de tropeadas, semelhantes às encontradas no compadrio. O jovem Joaquim era tratado como um afilhado⁶⁵ por Augusto Bérghamo, da mesma forma que seu filho, Aquiles, era tratado pelo pai de Joaquim.

Relações como esta eram comuns, também, entre os moradores do distrito do Itaiacoca, como se pode notar na fala do itaiacocano José Silvestre Maciel, quanto este falava sobre os ‘meeiros’⁶⁶ que viviam no distrito:

[...] é uma coisa muito importante que a gente via lá no sítio... o meu pai, as vezes ele tinha... o avô dela [se referindo à uma das entrevistadoras, cuja família é itaiacocana], tinha bastante pessoal trabalhando, assim, de uma outra maneira. Eram pessoas que não tinha terreno... que não tinha assim, como se virar sozinho... ter sua própria... economia para sobrevivência, então eles iam trabalhar com as família. E eu, uma coisa que muito me marcou e, talvez, certamente me fez, assim, para o meu trabalho de hoje, que eu trabalho bastante na área da saúde, visito muita pessoa simples, assim... para os bairros e etc., e... me dedico bastante na área da Pastoral da Criança⁶⁷. É... eu aprendi aquilo com meus pais, lá no sítio, por que lá na nossa casa comiam na mesma mesa, os filho e aquelas pessoas... pessoas que iam da cidade, amigo dos meus pais...

⁶⁴ BÉRGHAMO, Nelson; RAMOS, Joaquim Pereira. *Entrevista*. Entrevistador: Arlindo Itacir Battistel, 6 de out. de 1998. Entrevista concedida para o Projeto Tropeiros de porcos. In: SULIANI, Antônio (Org.). *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 258–271.

⁶⁵ De acordo com o dicionário Mini Aurélio, o termo afilhado, que designa “o indivíduo, em relação aos seus padrinhos”, também se refere ao “protegido, favorito”.

⁶⁶ O termo ‘meeiros’ se refere àqueles agropecuaristas que não possuíam terras, mas que viviam e cultivavam em terras de outros agropecuaristas, algumas vezes dividindo o produto dali resultante, mas na maioria dos casos, apenas devendo a obrigação de trabalhar ‘pagando quadros’ para o proprietário das terras.

⁶⁷ A Pastoral da Criança é um organismo de ação social da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), ligado à Igreja Católica.

o João Vargas de Oliveira⁶⁸, que era prefeito, Eurico Rosa⁶⁹, que foi prefeito... uma série de pessoas ilustres aí que iam lá e almoçavam com o meu pai num dia, e no outro dia, na mesma mesa que aquelas pessoas que trabalhavam com ele, também. Sabe? Então... com a família. E aliás, nós tem um exemplo de um senhor que se criou com o meu pai, não sei desde que época ele viveu com meu pai. O Seu João... João da Cunha. Este senhor, se nós inventasse... que chegasse no ouvido do pai que nós tinha falado alguma coisa que agravasse⁷⁰ ele, nós apanhava... mesmo do velho. Nós respeitava como se fosse um rei, ali para nós. Era uma referência para nós. É... quando se tinha que ir em algum lugar... –Vai com quem? –Vou com o João Cunha. Então pode ir. Era... Aliás, até hoje nós temos amizade. A família de mora aqui em Ponta Grossa. Nós consideramos assim... somos compadres, tal... e era uma pessoa muito simples. [...] ⁷¹

Como no caso anterior, embora não seja possível saber com exatidão sobre a existência de uma relação de compadrio entre o pai do entrevistado e seu meeiro, o senhor João da Cunha, pode-se cogitar esta relação de parentesco fictício a partir do rígido tratamento exigido para com este homem que, aparentemente, excedia o tratamento respeitoso dispensado comumente às pessoas mais velhas.

A fala do entrevistado faz pensar, ainda, sobre o compadrio e a distinção de classe entre os dois sujeitos, de modo que o senhor João da Cunha, mesmo não sendo um “ilustre”, mas “uma pessoa muito simples”, merecia ser respeitado “como se fosse um rei” pela família do senhor José Maciel, proprietária das terras onde esse vivia. Esta afirmação permite pensar sobre outros anônimos que, diferente do senhor João da Cunha, talvez não merecessem tratamento semelhante àquele dispensado aos ilustres. O entrevistado ainda destacou que mantém relações até os dias de hoje com a família do senhor João, sendo compadre de alguns deles, permitindo, mais uma vez, ponderar sobre a relação semelhante à de parentesco que parece existir entre eles.

Nesse trecho, é possível depreender também sobre a relação de reciprocidade que caracteriza o compadrio. Da maneira com que se dispensava (e exigia) um tratamento diferenciado ao senhor João da Cunha, também se podia confiar-lhe os cuidados e a educação dos seus filhos, que o percebiam como “uma referência”. Sobre isso, para Hermes Gilber Uberti, o batizado era uma via de mão dupla, onde tanto os padrinhos podiam beneficiar-se dos

⁶⁸ Político ponta-grossense, eleito deputado estadual por vários mandatos, deputado federal e prefeito do Município de Ponta Grossa para o mandato de 1947-1951.

⁶⁹ Eurico Batista Rosas foi um político ponta-grossense, eleito deputado estadual por dois mandatos e prefeito do Município de Ponta Grossa para o mandato de 1959-1963.

⁷⁰ Expressão que aqui significa “ofendesse”.

⁷¹ MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

préstimos e da fidelidade dos afilhados, quanto estes podiam contar com o cuidado, a proteção e o reconhecimento dos padrinhos. Para ele, ricos ou pobres poderiam ser escolhidos como compadres, sugerindo a concepção de uma sociedade baseada na troca de favores. Na circulação de dádivas e contradádivas.⁷²

De modo semelhante, essas redes de reciprocidade, imagino, surgiam como importante estratégia em empreitadas realizadas em associação como a condução de porcos e os mutirões, garantindo a boa convivência, cooperação no trabalho e mesmo a segurança de ambos, através do sentimento de obrigação de um com o outro.

Esta forma de tropeirismo aconteceu até por volta da década de 1950 e, da forma como aconteceu com o tropeirismo tradicional, teve sua relevância superada pelo desenvolvimento do transporte. Neste caso, foi a melhoria das estradas rodoviárias e popularização dos caminhões, durante a década de 1950, que tornou o transporte dos animais conduzidos em tropas obsoleto, devido à maior rapidez e menor custo de viagem.

Da maneira como a economia paranaense sofreu constantes transformações ao longo das décadas, os itaiacocanos também precisaram adaptar suas atividades produtivas ao contexto da economia na qual que estavam inseridos. A agropecuária de subsistência foi amplamente praticada durante todo este período, ao mesmo tempo em que outras atividades se desenvolviam como forma de complemento de renda, possibilitando aos itaiacocanos adquirir externamente aquilo o que sua propriedade não podia produzir.

Este sistema perdurou até por volta da metade do século XX, quando as novas transformações da economia paranaense, voltadas à urbanização e industrialização do Estado, praticamente impediram a manutenção do antigo modo de vida, baseado exclusivamente na propriedade rural.

2.1 NOVAS DEMANDAS: A URBANIDADE CHEGANDO

O investimento da infraestrutura viária, nesse momento, demonstrou e contribuiu para a aceleração do processo de urbanização no Estado Paraná, intensificada por volta da década de 1950, quando 75% da população paranaense habitava as áreas rurais⁷³, e que atingiu seu ponto máximo no último censo, realizado em 2010, quando 85,33% da população

⁷² UBERTI, Hermes Gilber. Compadrio e laços de tutela de um posseiro “cidadão” (Vale do Jaguari - século XIX). In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal: ANPUH, 2013, p. 1–17.

⁷³ IPARDES. *Séries retrospectivas do Paraná: dados históricos da indústria (1940 -1980)*. Curitiba, 1993. p.17. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/series_retros_dados_05_93_v1.pdf>. Acesso em 15 de jul. de 2015.

do Paraná já vivia nas cidades⁷⁴. O problema da fixação do homem no campo, já percebido em 1955, foi debatido nacionalmente e ocupou espaço na matéria de Getúlio Mulinari Machado, publicada no periódico curitibano *Diário do Paraná*:

Ponta Grossa, 13 (de nosso correspondente Getúlio Mulinari Machado) – Se considerarmos a percentagem mínima de nossa produção agrícola perante o consumo, chegaremos à conclusão desalentadora de que alguma coisa está errada, precisando ser corrigida, na <Princesa dos Campos>.

Possuímos extensas áreas cultiváveis esperando o concurso do homem. Mas o homem cada vez mais se afasta de terra. Aliás, este problema foi abordado pelo sr. Ministro da Agricultura, sr. Munhoz da Rocha Netto, que afirmou ser uma de suas preocupações a <fixação do homem ao solo>. É assim, continuamos dependendo dos cereais, legumes e frutas de outras regiões, especialmente do norte do Estado.

Por que esta situação? Simplesmente pelo fato de que não tratamos o agricultor como deveria ser tratado. Eles não possuem escolas e se elas existem faltam-lhes os mestres. Não os alcança a rede de energia elétrica. Recursos médicos rareiam. Tudo, enfim é escasso ou nem existe.

Não se justificam desculpas, todavia. Toda terra é boa, eis que na África já se fizeram colheitas no deserto, transformando-o pelo trabalho persistente. O solo dos <campos gerais> é fecundo. Voltem as autoridades suas vistas para o campo e lhes proporcionem amparo e alcançaremos em breve a almejada auto-suficiência, que reduzirá o custo de vida. Afinal, não somos um município tão extenso que impossibilite a distribuição equitativa dos benefícios da civilização aos povoados que nos rodeiam. Fundem-se colônias agrícolas com escolas e energia elétrica em Itaiacoca, Bocaina, Uvaia, Periquitos e tantas outras regiões municipais e estaremos certos de fixarmos o homem ao solo, ponto alto do programa do preclaro Dr. Bento Munhoz da Rocha Netto. Qualquer outro critério afugentará o agricultor para as profissões cômodas e rendosas da zona central.⁷⁵

Ainda que não se tenha discutido o problema social decorrente de uma migração rural-urbana maciça, como o desemprego e a ocupação de áreas impróprias para a moradia, sem infraestrutura de educação, saúde, segurança e saneamento⁷⁶, preocupando-se apenas com o problema relacionado ao abastecimento e custo de vida para os moradores urbanos, o autor pontua algumas das possíveis razões que levaram, ou levariam, a população rural ao abandono do campo, da maneira como aconteceu com nossos entrevistados, Laura e Pedro Santos:

O senhor morou bastante tempo na cidade também?

Seu Pedro: Moramos 29? 28? [perguntando à esposa]

Dona Laura: 28 ou 29

Seu Pedro: 29 anos

Dona Laura: de [19]78 até 2000.

E o senhor mudou para lá por quê? Porque o senhor foi embora?

Seu Pedro: Por causa dos estudos dos filhos.

O senhor tem quantos filhos?

Seu Pedro: Seis. Seis homens e uma menina.

⁷⁴ IPARDES. *População e grau de urbanização segundo os municípios do Paraná – 2010*. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/indices/Grau_Urbanizacao_2010_atualizada24_05_2011.pdf>. Acesso em 15 de jul. de 2015.

⁷⁵ MACHADO, Getúlio Mulinari. Bastante problemática a fixação do homem ao solo. *Diário do Paraná*, Curitiba, p. 4, 14 de mai. de 1955.

⁷⁶ Para saber mais sobre este assunto, leia o artigo “A cidade em disputa: trajetórias dos trabalhadores migrantes da Favela Campo do Fubá em Ponta Grossa - PR (1970-1990)”, de Vanessa Marques Barreto.

E o senhor foi para lá...

Seu Pedro: Por causa do estudo deles...

[...]

Dona Laura: Daí ficamos lá [na comunidade da Barra Preta], as crianças estavam pequenas ainda, daí compramos e ficamos aqui [na comunidade da Roça Velha], dois anos, daí daqui nós fomos para Ponta Grossa, por causa dos estudos das crianças. Já tinha dois que tinha ido, mais velhos, que tinha ido antes de nós morar com a minha mãe, ficaram quatro anos lá estudando, daí como os outros tinham que ir também, daí não dava para ficar mandando tudo, daí nós fomos para eles estudar. Daí ficamos no [bairro Jardim] Paraíso ficamos três meses e daí fomos para a Vilela, ficamos um ano na casa da minha mãe, dali nós fomos para a [bairro] Ronda, abrimos um açougue, daí nós se mudamos da Ronda.⁷⁷

A inexistência de escolas e professores de nível equivalente aos atuais níveis fundamental II e Médio, apontada como motivo para o deslocamento do casal à área urbana de Ponta Grossa, bem como a falta de unidades de saúde, de médicos e de um programa de eletrificação são citados por Mulinari no artigo, que ainda poderia citar a falta de estradas em melhores condições, transporte público, assistência técnica rural, políticas de crédito etc.

O abandono à população rural foi tratado novamente em matéria publicada no periódico *Ultima Hora*, alguns anos depois.

Moradores da região estão revoltados com o que ocorre, principalmente na Barra Grande, onde a escola municipal foi instalada em casa abandonada, que tem o assoalho estragado e parte da cobertura destruída, enquanto as caixas protetoras de poços d'água estão em péssimo estado e colocam em perigo as crianças.

As estradas que dão acesso aos diversos povoados da região do Itaiacoca também estão abandonadas, o que prejudica o escoamento da produção agrícola e do talco e cal que ali são produzidos.

A assistência médica que o município dava aos trabalhadores de Itaiacoca está reduzida a nada. O médico não mais realiza visitas semanais, e quando o faz, usa apenas um jipe. A ambulância comprada para esse fim deixou de cumprir suas finalidades, e o prefeito Fulton Macedo, alegando falta de verbas, negou autorização para que a Prefeitura continuasse fornecendo aos trabalhadores rurais medicamentos mais urgentes e de difícil aquisição.⁷⁸

Em ambos os casos, observo que as demandas se referem a uma infraestrutura que, pouco tempo antes, era desconhecida ou relacionada exclusivamente à urbanidade, mas que agora se fazia necessária para a reprodução da vida no campo. De acordo com Renato Miguel do Carmo, ainda que as influências da urbanização não sejam homogêneas, o espaço

⁷⁷ SANTOS, Laura Maciel dos; SANTOS, Pedro Ribeiro dos. *Laura Maciel dos Santos e Pedro Ribeiro dos Santos: entrevista* [13 de set. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de vídeo digital, 56min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

⁷⁸ ULTIMA Hora. Itaiacoca abandonada pela Prefeitura de Ponta Grossa: Ponta Grossa, 25 (UH) – Algumas escolas municipais da região rural do Itaiacoca estão abandonadas pelo departamento de obras da Prefeitura Municipal. Embora o serviço de Merenda Escolar esteja sendo realizado, existem escolas que estão caindo aos pedaços. *Ultima Hora*, Curitiba, p. 9, 26 de jun. de 1963.

rural sofre significativas transformações estruturais provenientes do processo de urbanização, que se estende e penetra áreas significativas da zona rural.⁷⁹

Sendo assim, demandas que outrora inexistiam entre os moradores da comunidade, como a necessidade de implantação de uma rede de energia elétrica, água tratada, esgoto, postos médicos e escolas de ensino fundamental e médio, passam a ser valorizadas pelo novo modo de vida, em transformação. São demandas que, talvez, não se sentissem necessárias por seu desconhecimento, fatores identitários relacionados ao “saber fazer” tradicional ou outros motivos, mas que acabam por se tornarem indispensáveis em processos dialéticos de apropriação do que é urbano ou “moderno”, pelo rural ou tradicional.

Para George Simmel, o nível de concentração das relações sociais interindividuais ou intergrupais, ou densidade dinâmica de uma população, é o que diferencia o que é rural do que é urbano.⁸⁰ Assim, a redução das distâncias entre o meio rural e urbano, através da alfabetização, popularização dos meios de comunicação e transporte e intensificação das relações comerciais entre o distrito e a cidade, responsáveis pelo incremento do nível de concentração das relações sociais, amplifica a área de influência do urbano sobre o rural.

Se antes existiam famílias inteiras que desconheciam a cidade e a urbanidade, devido às dificuldades impostas pela falta de infraestrutura adequada, o aumento da circulação de veículos e a difusão dos meios de comunicação, em especial do rádio, possibilitaram o conhecimento da cidade e de uma cultura urbana, *in loco* ou através de suas representações na mídia. Desta forma, a propagação das relações dos indivíduos (e grupos) de Itaiacoca com a cidade de Ponta Grossa (a cidade em si, seus indivíduos e grupos), e a ampliação da área de influência da cidade, intensificam o processo de transformações em direção à uma modernidade e urbanização.

2.1.1 A modernização agrícola não contempla a todos

O processo de modernização agrícola iniciado por volta da década de 1950⁸¹, em políticas de incentivo à mecanização das lavouras, não chegou aos pequenos proprietários

⁷⁹ DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, p. 252–280, 2009.

⁸⁰ SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida do espírito. In: FORTUNA, Carlos (Org). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora, 1997 [1903]. p. 31-44 *apud* CARMO, Renato Miguel do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, p. 252–280, 2009.

⁸¹ Vanessa Fleischfresser interpreta as transformações no campo como consequências de alterações nos padrões de acumulação da economia com crescente subordinação da agricultura ao capital industrial, o que resulta em modernização através da introdução de um tipo particular de tecnologia – aquela proveniente do setor industrial. FLEISCHFRESSER, Vanessa. *Modernização tecnológica da agricultura: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70*. Curitiba: Chain/Ipardes, 1988. 154 p.

do Brasil, e no distrito do Itaiacoca não foi diferente. A dificuldade de obtenção de crédito para estes agricultores, complicou ainda mais a sua permanência no campo, uma vez que as escala de produção apresentadas eram incompatíveis com a demanda proposta pelos programas de industrialização.⁸²

Neste sentido, em estudo publicado no ano de 1978, sobre a desigualdade na distribuição de crédito entre os agricultores do Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES, apontou a alta concentração de crédito em favor dos médios e grandes agricultores no Brasil. Baseado em dados do Banco do Brasil, o estudo apontou que, do valor total de crédito concedido por esta instituição financeira no ano de 1976, apenas 11,4% foi para os pequenos agricultores, que neste ano detiveram 73,7% do total de contratos, como pode se ver na Tabela 1.⁸³

TABELA 1 – Percentual do número de cadastro e do valor financiado, por classes de produtores.

ANOS	AGRICULTURA						PECUÁRIA					
	PEQUENOS PRODUTORES		MÉDIOS PRODUTORES		GRANDES PRODUTORES		PEQUENOS PRODUTORES		MÉDIOS PRODUTORES		GRANDES PRODUTORES	
	CONTRATOS (%)	VALOR (%)	CONTRATOS (%)	VALOR (%)	CONTRATOS (%)	VALOR (%)	CONTRATOS (%)	VALOR (%)	CONTRATOS (%)	VALOR (%)	CONTRATOS (%)	VALOR (%)
1969	88,16	30,95	11,17	45,81	0,67	23,24	86,79	42,54	12,91	42,00	0,30	15,35
1970	85,91	27,57	13,25	47,16	0,84	25,27	84,51	39,45	15,23	45,91	0,26	14,64
1971	85,71	24,61	13,25	43,99	1,04	31,40	80,32	30,32	19,05	51,26	0,63	18,42
1972	83,56	20,69	14,92	42,17	1,52	37,14	79,83	28,92	19,42	50,09	0,75	20,99
1973	79,46	17,22	18,59	38,75	1,95	44,03	70,98	17,43	27,35	47,62	1,67	34,95
1974	76,61	15,12	20,88	37,43	2,51	47,45	70,38	17,24	27,47	48,41	2,15	34,35
1975	74,18	11,77	22,42	34,18	3,34	54,05	67,06	15,06	30,02	49,48	2,92	35,42
1976	73,73	11,38	22,93	35,09	3,34	53,53	68,69	12,12	27,47	40,97	3,84	46,91

Fonte: INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Contribuição ao estudo do crédito rural no Paraná*. Curitiba: IPARDES, 1978. p. 18.

Pela tabela, verifico que, ainda que os pequenos produtores conseguissem fazer uso das instituições de crédito, cada vez menos obtinham benefícios reais em termos de valor absorvido. Os grandes agricultores, no entanto, apesar da diminuta participação percentual no montante de contratos, tinham maior acesso ao crédito, e usufruíam cada vez mais desse instrumento que podia lhes proporcionar significativo aumento de produção.

Segundo o relatório organizado pelo IPARDES, isso se devia ao risco de inadimplência associado aos pequenos agricultores, que muitas vezes não dispunham de estabilidade de renda ou bens que pudessem ser oferecidos em garantia ao credor. Neste caso, os agentes financeiros preferiam realizar operações de empréstimo com aqueles tomadores que podiam oferecer garantias reais muito elevadas ou que representavam um risco muito pequeno,

⁸² LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro. *O Paraná nos anos Setenta*. Curitiba: IPARDES, CONCITEC, 1989.

⁸³ INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Contribuição ao estudo do crédito rural no Paraná*. Curitiba: IPARDES, 1978.

tendo elevada capacidade de pagamento, mesmo que isso significasse o afastamento do terceiro objetivo específico do crédito rural, decretado no Art. 3º, da lei nº 4.829, de 05 de novembro de 1965, que tratava dos objetivos do crédito rural, incluindo o fortalecimento econômico dos pequenos e médios produtores rurais.⁸⁴

Art. 3º São objetivos específicos do crédito rural:

I - estimular o incremento ordenado dos investimentos rurais, inclusive para armazenamento beneficiamento e industrialização dos produtos agropecuários, quando efetuado por cooperativas ou pelo produtor na sua propriedade rural;

II - favorecer o custeio oportuno e adequado da produção e a comercialização de produtos agropecuários;

III - possibilitar o fortalecimento econômico dos produtores rurais, notadamente pequenos e médios;

IV - incentivar a introdução de métodos racionais de produção, visando ao aumento da produtividade e à melhoria do padrão de vida das populações rurais, e à adequada defesa do solo;⁸⁵

De acordo com José Maria da Luz, ex-lavrador da comunidade de Roça Velha, no distrito do Itaiacoca, nos casos em que os pequenos agricultores tomavam empréstimos para as atividades rurais, os financiamentos eram exclusivamente feitos para a modalidade de ‘custeio’⁸⁶ da produção, sendo por ele desconhecido casos de financiamentos pela modalidade ‘investimento’.⁸⁷ Esta outra modalidade⁸⁸, era destinada à formação de capital fixo ou semifixo em bens de serviços, que incluíam reforma ou ampliação de benfeitorias e instalações permanentes, aquisição de máquinas e equipamentos de longa duração, eletrificação rural, obras de irrigação, drenagem, recuperação do solo, irrigação, açudagem, desmatamento e destocamento, e aquisição de máquinas, implementos, veículos, equipamentos e instalações de desgastes a curto e médio prazo, muitas vezes essenciais para o aumento da produtividade e, em razão disso, à melhoria do padrão de vida da população rural.

E o crédito rural nos anos 1970, para compra de trator, essas coisas... chegou até os agricultores lá de Itaiacoca?

⁸⁴ INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Contribuição ao estudo do crédito rural no Paraná*. Curitiba: IPARDES, 1978..

⁸⁵ BRASIL. *Lei 4.829, de 5 de novembro de 1965*. Institucionaliza o crédito rural. DOFC – Diário Oficial da União, Brasília, 09 de nov. de 1965. p. 1146. Grifo meu.

⁸⁶ De acordo com o Art. 11º do Decreto 58.380, de 10 de maio de 1966, a modalidade “custeio” é destinada ao suprimento de capital de trabalho para atender às despesas normais do ciclo produtivo abrangendo todos os encargos, desde o preparo das terras até o beneficiamento primário da produção obtida e seu armazenamento no imóvel rural, inclusive. Estende-se, ainda, ao atendimento de despesas com a extração de produtos vegetais espontâneos e seu preparo primário. Admissível, outrossim, o financiamento isolado para aquisição de mudas, sementes, adubos, corretivos do solo, defensivos e outros bens que integram o custeio de produção.

⁸⁷ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

⁸⁸ Art. 9º da lei nº 4.829, de 05 de novembro de 1965 e mais tarde regulamentada pelo Inciso II do Art. 11º do Decreto 58.380, de 10 de maio de 1966.

Tinha, só que lá no Itaiacoca era bem dobrado⁸⁹, era bem poucas pessoas que tinham trator, porque é um terreno acidentado, não entra trator, não tem...não tem... entra bem poucas pessoas...se você tem uma área lá de trinta alqueires⁹⁰ não tem cinco [alqueires]⁹¹ que entra trator, daí como é que você vai plantar, financiar um trator para plantar cinco alqueires, né? Não tem como, né, tem... lá tem, até hoje tinha umas gentes com um terreno mais melhor que tinha...tinha trator financiado e tal, mas na nossa região ali assim, por exemplo, era muito dobrado o chão, então era arado com cavalo, né, só com braçal mesmo, só cavalo, não tinha como. Financiamento tinha, né, a gente trabalhava financiamento, né, mas a gente financiava... a... lavoura mesmo, a plantação, não era o maquinário, financiava o custeio da...o custeio da lavoura, milho e feijão, fosse sai juntando dinheiro para comprar semente, quando trabalhava arado com o cavalo, era comprar semente, adubo, né, e a manutenção...do serviço, né? Mas é...daí...já você não conseguia cobrir as despesas, e daqui que foi, a maior parte dos caso do povo foi assim, que veio embora.⁹²

A fala do entrevistado faz parecer que a inexpressividade dos financiamentos feitos na modalidade ‘investimento’ se deveu apenas às características físicas do Itaiacoca, em cujos relevos acidentados impossibilitariam a implantação de uma agricultura mecanizada, através da utilização de tratores e implementos agrícolas. No entanto, a instalação de sistemas de cultivo em estufas e granjas para criação de animais, contemplada por esta modalidade de crédito, seria possível mesmo naqueles terrenos irregulares.

Em outro caso, as falas da senhora Laura e do senhor Pedro dos Santos, permitem perceber que, ainda que o discurso sobre a impossibilidade de utilização de tratores devido ao relevo persista, ele se confronta com a aquisição desta máquina agrícola, quando da aposentadoria do casal em um açougue da cidade de Ponta Grossa, e retorno à antiga propriedade no Itaiacoca.

E o senhor mudou, daí, para outro ramo, né? O senhor foi trabalhar com comércio. O senhor sentia falta de trabalhar na lavoura?

Seu Pedro: Sentia. Tanto que eu sempre vinha. Eu fugia de lá e vinha...

Dona Laura: [interrompendo] Mas era um serviço muito pesado. Era nossa...

Seu Pedro: Fazer as plantinha, eu plantei. Até uma época. Até quando nós voltamos para, ainda, eu plantei. É, mas, daí, foi... Não tinha gente mais para trabalhar para gente, daí não... E daí mecanizado os terrenos muito também... muito quebrado. E tentei... [interrompe]

Não vinha... vinha... dava para ter um trator aqui?

Seu Pedro: Dava. Eu, eu tenho, até. Agora.

Dona Laura: Mas nos último tempo.

E o trator que o senhor tem é daquela época, ou é mais recente?

Seu Pedro: Não. Praticamente, quase daquela época. Eu já comprei depois que estava no comércio. Mas mais para utilidade da... [interrompe]

Mas conseguiu financiamento do banco, mesmo, o senhor teve que comprar...?

Seu Pedro: Não. Foi por conta própria.

⁸⁹ Expressão utilizada para se referir ao relevo acidentado.

⁹⁰ Área equivalente a aproximadamente 726.000 m², ou cento e setenta e cinco campos de futebol.

⁹¹ Área equivalente a aproximadamente 121.000 m², ou trinta campos de futebol.

⁹² LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Tinha alguma...

Seu Pedro: [interrompendo] Na época existia, quando você... ofereciam... caminhão, trator. Ofereciam. Mas era muito... era muito burocracia demais, para você fazer financiamento, nosso, de um trator...

O senhor lembra de alguém que conseguiu fazer empréstimo do banco para comprar trator, para construir granja...

Seu Pedro: Não. Da minha época não.

Só coisa pequena, mesmo?

Seu Pedro: Só coisa pequena. Coisas grande e que fizesse, assim... que se promovesse, vamos dizer assim.

Dona Laura: Era só para as lavoura, né?

Seu Pedro: É. Eu mesmo comprei para custeio daqui, de... para poder conservar a invernoada. Carregar palanque.

Facilitar o serviço.

Seu Pedro: É. Facilitar o serviço, mas não que... que assim a propriedade desse condições para trabalhar. Muito pouco terreno. Muito pouco terreno que dava para usar trator.⁹³

Desta forma, devido às dificuldades para obtenção de crédito para melhoramento da estrutura de suas propriedades, os pequenos agricultores se viram obrigados a se utilizarem mais intensivamente da terra e mão-de-obra, pois como comentou o ex-presidente do Banco do Brasil, Karlos Rischbieter, em entrevista concedida ao Jornal do Brasil, “o crédito destinado ao custeio agrícola [...] com exceção de culturas como as do café e da soja, não vem surtindo quase nenhum efeito em termos de melhoria dos níveis de produtividade”. Para ele, o “crescimento da produção vem-se dando basicamente em função da expansão das fronteiras agrícolas”⁹⁴, impossível aos pequenos agricultores e àqueles que não puderam dispor de outras modalidades de crédito, para aquisição de terras.

Assim sendo, a falta de apoio financeiro para a modernização tecnológica das atividades rurais, acabou por impossibilitar aos agricultores familiares suprirem a demanda de produção da agroindústria. Sem a possibilidade de modernização, não podiam concorrer em igualdade de condições no mercado de produtos agropecuários, regulado pela alta produtividade oferecida pela agricultura mecanizada⁹⁵.

⁹³ SANTOS, Laura Maciel dos; SANTOS, Pedro Ribeiro dos. *Laura Maciel dos Santos e Pedro Ribeiro dos Santos: entrevista* [13 de set. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de vídeo digital, 56min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

⁹⁴ JORNAL do Brasil. Rischbieter diz que crédito rural não é solução. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 29, 26 fev. 1978.

⁹⁵ Esse processo é regulado pela lei da oferta e da procura, para qual: quanto mais se produz em menor tempo e com menor custo, maior será o lucro em quantidade de venda, porque há a possibilidade de vender a preços mais baixos. DA SILVA, José Aparício. *Fatores endógenos e exógenos que levaram a migração/resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca – Ponta Grossa – Pr, na década de 1970*. 2008, 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008. p. 87.

Todos estes fatores, aliados à carência de investimentos em infraestrutura, aos problemas climáticos, como geadas e secas, que prejudicavam a produtividade das pequenas roças de sustento, e a verdadeiros flagelos, como o incêndio que devastou o Estado do Paraná entre os meses de agosto e setembro de 1963⁹⁶, ocasionando destruição e prejuízo em algumas das comunidades do Itaiacoca, surgiram como desagregadores da vida no campo, neste distrito. Desta forma, o movimento migratório, em busca de melhores condições de vida na cidade e da possibilidade de empregos em “profissões cômodas e rendosas da zona central”, amplamente anunciados através de discursos modernizantes e projetos industrializantes, como o Plano Nacional de Desenvolvimento e o Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa⁹⁷, foi a opção escolhida por uma parte da população itaiacocana.

Aproveitando-se dessa situação, empresas agroindustriais de reflorestamento, investiram na compra de terras no distrito do Itaiacoca, oferecendo preços inferiores aos de mercado para os proprietários, que muitas vezes não vislumbravam alternativas, visto a dificuldade de manutenção de uma unidade familiar de produção para subsistência. A falta de documentos que atestassem a propriedade das terras, de políticas públicas para a legalização da posse e a ignorância dos direitos destes agricultores, foram outros aspectos que levaram à venda dos terrenos e ao abandono da vida no campo. Sobre isso, Cleide Lavoratti comentou que:

Um dos maiores fatores que provocou o êxodo rural na região foi o processo de expulsão de famílias pelas reflorestadoras, através da compra das terras a preço irrisório que se deu, em primeiro lugar, pela falta de legalização das terras de muitos posseiros que, embora tendo ocupado a região há mais de um século (pois eram descendentes dos primeiros colonizadores) não possuíam informações e condições efetivas para enfrentar as pressões dos novos compradores. Em segundo lugar, isso ocorre devido à depreciação do valor da terra e empobrecimento resultantes do refluxo do comércio dos produtos agrícolas.⁹⁸

No entanto, ao mesmo tempo em que parte da população saiu em migração para a cidade, essa série de transformações reorganizaram as relações sociais nas estratégias de busca, readaptação, sobrevivência ou oposição ao processo de modernização do campo, para aqueles que continuaram praticando a agricultura familiar. Isto porque a propriedade rural se

⁹⁶ BRAGA, Ney Aminthas de Barros. *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião do abertura da 2ª sessão da 5ª legislatura*. Curitiba: Departamento de Imprensa Oficial do Estado, 1964.

⁹⁷ Instituído através da Lei Ordinária 2.157/1969, o Plano de Desenvolvimento Industrial de Ponta Grossa (PLADEI) tinha como objetivo a instalação, em Ponta Grossa, de uma estrutura econômica que contemplasse as políticas do modelo brasileiro, vinculado principalmente a entrada de grande volume de capitais externos no país. Com isso instalaram-se em Ponta Grossa grandes indústrias nacionais e multinacionais.

⁹⁸ LAVORATTI, Cleide. *A produção familiar enquanto unidade organizacional: estratégias de reprodução dos agricultores de Itaiacoca – Ponta Grossa/Pr*. 1998, 162 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998. p. 88.

apresenta como uma forma de organização na qual se desenvolvem a vida cotidiana e também todo o conjunto das relações sociais e representações do sujeito.

Deste modo, ela se relaciona com grande parte do que é significativo na vida do morador rural, e está diretamente ligada à imagem de si do indivíduo.⁹⁹ As identidades são profundamente vinculadas ao lugar onde se vive, de modo que, tanto resistir e quanto contribuir para a resistência de outros membros da sociedade, através do fortalecimento econômico dos seus semelhantes, pode significar a garantia da sua própria existência, na qualidade de homem ou mulher do campo.

Em seu artigo sobre a construção sociológica do espaço, Renato Miguel do Carmo comentou sobre isso. Para ele, o rural se caracteriza também pela homogeneidade dos vínculos sociais, e isso favorece o considerável interconhecimento entre indivíduos de uma população, a partir do qual costumam desenvolver-se relações de entreajuda. O sujeito central de uma comunidade rural, de acordo com o autor, “é representado pela noção de ‘nós’, na medida em que a maior parte dos aldeãos partilham a mesma visão do mundo, o mesmo sistema de valores e os mesmos códigos linguísticos”.¹⁰⁰

A partir do exposto, conhecendo algumas das transformações vivenciadas no Paraná do campo, nos próximos capítulos me ocuparei em investigar as maneiras diversas como o trabalho e a sociabilidade foram experienciados pelos homens e mulheres envolvidos nestes processos, no distrito do Itaiacoca entre as décadas de 1970 e 2010. Para isso, é preciso conhecer um pouco sobre a organização do viver, nas comunidades do distrito. Saber como se vivia, morava e trabalhava no Itaiacoca é importante para que se possa entender as trajetórias destes sujeitos históricos, e é disso que tratarei no capítulo seguinte.

⁹⁹ ALMEIDA JR., Antônio Ribeiro de; HOEFFEL, João Luiz de Moraes; QUEDA, Oriowaldo. *A propriedade rural como símbolo: representações sociais e impactos sobre o ambiente na bacia do Rio Atibainha, SP*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

¹⁰⁰ DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, 2009. p. 260.

3 CAPÍTULO II – Vivendo no Itaiacoca

Dessa maneira, a partir do que comentei no primeiro capítulo, considero que a comunidade do Itaiacoca pode ser compreendida como uma comunidade rural, quando se pensa no período abrangido nesse trabalho. Entre as características que sustentam esta afirmação e, de acordo com as contribuições da sociológica do espaço rural, observo (1) a baixa densidade demográfica, variando entre 6 e 7,5 habitantes por quilômetro quadrado¹⁰¹ (TABELA 2), (2) uma densidade dinâmica limitada¹⁰², pela dificuldade de acesso e falta de meios de transporte público ou particular¹⁰³, (3) a coincidência entre os diversos espaços de sociação do sujeito, que vive e produz no mesmo espaço¹⁰⁴, (4) o perímetro territorial bem definido, cujas características diferem daqueles da cidade de Ponta Grossa¹⁰⁵, (5) a relativa homogeneidade de sua população, que compartilha, até certo ponto, os modos de viver e pensar¹⁰⁶, (6) o tamanho restrito das comunidades isoladas¹⁰⁷ e (7) a relativa autonomia dos indivíduos, que sobreviviam da agropecuária de subsistência¹⁰⁸.

¹⁰¹ Censos demográficos de 1960, 1970 e 1980.

¹⁰² Nível de concentração de relações interindividuais e intergrupais de uma população, correspondendo ao grau de aglutinação dos diferentes segmentos sociais. DURKHEIM, Émile. *As Regras do método sociológico*. 3ª ed.. Lisboa: Editorial Presença, 1987 *apud* DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, p. 252–280, 2009.

¹⁰³ De acordo com Georg Simmel, “é devido à extensão numérica e à intensidade das relações sociais que o modo de vida urbano ganha a sua especificidade relativamente à vida aldeã”. SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida do espírito. In: FORTUNA, Carlos (Org). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora, 1997. p. 31-44 *apud* DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, p. 252–280, 2009.

¹⁰⁴ Louis Wirth caracterizou a cidade e o modo de vida urbano a partir da dimensão e densidade. Para Wirth, a extensão urbana e o aumento da densidade populacional são os fatores responsáveis pelo aumento da diferenciação entre os homens e as suas atividades, provocando a setorização do espaço urbano. Isso se deve, à intensa luta pelo espaço, que tende a reservar cada área à atividade que lhe garantir a melhor contrapartida econômica, dissociando as locais de morar, sociabilizar e trabalhar. WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: FORTUNA, Carlos (Org). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora, 1997. p. 45-66 *apud* DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, p. 252–280, 2009.

¹⁰⁵ Yi-Fu Tuan explica isso através do conceito de anti-imagem, dentro do qual uma coisa é explicada a partir de sua diferença em relação às outras. Para ele, o modo de vida rural só poderia ser explicado por meio de sua antítese, ou anti-imagem: o modo de vida urbano. TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

¹⁰⁶ Para Robert Redfield, comunidade rurais são caracterizadas por a) a distinção territorial – a organização da vida comunitária estruturava-se em torno de um perímetro territorial bem definido, no qual se desenvolvia a estabilidade e a harmonia da vida rural; b) a homogeneidade – as actividades e os estados de espírito são similares para todas as pessoas que constituem a comunidade (independentemente da geração, do género...); c) o tamanho – são comunidades pequenas quando comparadas com a dimensão populacional das maiores cidades; d) tendem a ser auto-suficientes. REDFIELD, Robert. *The Little community and peasant society and culture*. Chicago: The University Chicago Press, 1989 *apud* DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, p. 252–280, 2009.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

TABELA 2 – Comparativo entre população e densidade demográfica da área urbana do Município de Ponta Grossa e de seu maior Distrito, Itaiacoca

	CIDADE DE PONTA GROSSA (917 KM ²)		DISTRITO DO ITAIACOCA (ÁREA DE 663 KM ²)	
ANOS	POPULAÇÃO URBANA	DENSIDADE DEMOGRÁFICA	POPULAÇÃO RURAL	DENSIDADE DEMOGRÁFICA
	(HAB.)	(HAB. / KM ²)	(HAB.)	(HAB. / KM ²)
1960	78.557	85,67	4.625	6,98
1970	113.074	123,31	4.985	7,52
1980	172.942	188,60	4.102	6,19

FONTE: FUNDAÇÃO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: dados distritais**. Rio de Janeiro: IBGE, 1982. FUNDAÇÃO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 1960: Panará**. [s.l.]: Fundação IBGE, [s.d.]. (Série Regional). FUNDAÇÃO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 1970: Panará**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1970. (Série Regional).

A justaposição entre proximidade física e afetiva, característica comum em sociedades rurais¹⁰⁹, também podia ser observada entre os itaiacocanos. Ela se dava de diversas maneiras, como na intervisitação de vizinhos, na alta concentração de relações de compadrios em uma comunidade, ou entre indivíduos de comunidades próximas, e nas relações de entreajuda, como em mutirões.

O que que fazia ser bom este... este puxirão?

Então. Primeiro... primeiro lugar, quando saía... na data do puxirão, principalmente da carpida, que é o teu foco, por que depois... a colheita o pessoal fazia mais individual. A carpida, este era o ponto principal das reuniões. Então o... o bonito da reunião era isso... é, na semana que antecedia... três, quatro dia que antecedia o dia da “runião”, as mulheres se reuniam, do bairro, ali, as vizinhas, para fazer... cortar fumo, aparar palha, fazer cigarro de palha, fazer o pão, matar o porco e preparar as carne para o pessoal comer. Bem como escolher feijão, limpar o feijão... é o arroz... é cuidar verdura que ia ser servida. E aí, tinha o dia próprio da “runião”. Isso aí uns dias antes, quando era reunião, lá... existiam reunião de dez, digamos até de três, quatro, cinco pessoas que se reunia, até que estas pessoas que tinham mais gente para trabalhar... mais filhos, mais irmãos, para pagarem os dias, tinha reunião de cento e poucas pessoas. Então você imagina ali no mato, né?... eles improvisar ali... empresta panela... vai na comadre que tem uma panela grande trazer para fazer... preparar. Daí naqueles três dias, já vão preparando esta parte.¹¹⁰

¹⁰⁹ DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, p. 252–280, 2009.

¹¹⁰ MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

A importância desta questão para os moradores do Itaiacoca fica mais clara, quando se observa a fala do senhor José Silvestre Maciel sobre os puxirões, espécie de mutirão comum no período e região estudados. Quando perguntado sobre o que fazia com que os puxirões fossem bons, o antigo morador do distrito comentou primeiro sobre a ajuda dos vizinhos, esquecendo questões que parecem fundamentais, como a correta execução do trabalho.

Os mutirões, consistiam em associações cooperativas para o trabalho no meio rural, largamente firmadas na agricultura de subsistência, desde tempos remotos.¹¹¹ Na região do Itaiacoca, distrito do Município de Ponta Grossa (PR), o trabalho associativo foi muito comum durante todo o século XX, e podia ser organizado de diferentes modos, como na forma das ‘runiões’, ‘pixirões’ ou pelo que chamarei mutirão comunitário.

De acordo com o ex-lavrador, José Maria da Luz, as ‘runiões’¹¹² são formas de trabalho associativo através da ‘troca de dia’¹¹³, na qual trabalhadores se ocupam de ‘tarefas’¹¹⁴, ou créditos, referentes à média de um dia de trabalho. Neste sistema, as ‘tarefas’ trabalhadas são pagas com créditos de dias, ou ‘tarefas’, pelos demais cooperados, nas ‘runiões’ organizadas em suas próprias terras. Este tipo de trabalho era utilizado principalmente em empreitadas regulares que exigiam de alguma técnica, como a ‘carpida’¹¹⁵, plantio e colheita.

116

Os ‘pixirões’ ou ‘puxirões’ se organizam de forma semelhante às ‘runiões’, através do cumprimento de ‘tarefas’, que neste caso eram trocadas pelo acesso aos bailes, preparados exclusivamente para este fim. De acordo com o entrevistado, os ‘pixirões’ eram organizados para todo de tipo de empreitada, regular ou esporádica, que demandasse de mão-

¹¹¹ RÉDUA, Wagner César. Mutirão do Triângulo Mineiro: Trabalho, Música, Alegria e Festa no Mundo Rural. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v.1, n. 37, p. 2008.

¹¹² O termo deriva da palavra ‘reunião’.

¹¹³ Expressão utilizada, pelos agricultores da sociedade estudada, para se referir ao sistema de troca de dias trabalhados, que baseia as ‘runiões’.

¹¹⁴ Neste trabalho, o termo ‘tarefa’ será usado para se referir à meia tarefa (unidade de medida equivalente à área de 25 braças quadradas) ou à área de 1 litro (unidade de medida que equivale 1/40 de alqueire paulista), quando estiver entre aspas, conforme utilização do termo pelos agentes sociais da comunidade estudada. Assim sendo, uma ‘tarefa’ configura um ‘quadro’, ou lote, de 12,5 braças quadradas, que equivale a uma área de 770 m², ou de 1 litro, que equivale à área de 605 m².

¹¹⁵ Alcinha utilizada pelos pequenos agricultores da Itaiacoca para se referir à operação de controle de ervas invasoras em terras cultivadas, bem como à derrubada da ‘capoeira’, mato que cresce em terreno roçado ou queimado, na preparação para o replantio, utilizando-se da roçada, com enxadas, foices ou outras ferramentas de ceifar.

¹¹⁶ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

de-obra numerosa, mais ou menos capacitada, tais como as ‘carpidas’, ‘destocas’¹¹⁷, construção de ‘paióis’ etc.. Em alguns casos, os ‘puxirões’ empregavam uma maioria de homens solteiros, que buscavam na comida, bebida, música, dança e ‘paquera’ com os ‘pares’¹¹⁸, o pagamento pelo dia trabalhado¹¹⁹.

Outra forma de trabalho associativo eram os mutirões comunitários. Realizados conjuntamente em atividades de interesse público que exigiam grande mão-de-obra, os mutirões comunitários eram outro tipo de trabalho associativo. Empregados em serviços esporádicos ou regulares, este tipo de mutirão era normalmente necessário para suprir a demanda da comunidade no que se referia às obras de infraestrutura, como a construção e/ou manutenção de estradas, pontes e bueiros, à educação básica, como na construção, manutenção e mantimento de escolas comunitárias e às práticas religiosas, como na construção e manutenção de capelas. Neste caso, a distinção dos mutirões comunitários se deve à inexistência de trocas de serviço, uma vez que as tarefas beneficiavam a todos os que participavam dela.

No entanto, concebendo a sociedade da maneira como faz Georg Simmel, como um produto das relações sociais, que não necessariamente representa convergências de interesses entre os sujeitos envolvidos, pondero que, ainda que voluntária, a prática dos mutirões pode também pressupor relações conflitivas, de interesse mútuo, subordinação, dominação etc.¹²⁰ O trabalho nos mutirões, desta forma, significava coisas diferentes para as variadas pessoas envolvidas, e somente conhecendo as formas como foram experienciados, pode-se entender seus papéis na manutenção e/ou reelaboração das identidades daqueles que participaram deles.

Esta noção fica mais clara quando se ouve os sujeitos que fizeram parte do processo estudado, como o senhor José Maciel, falando sobre suas experiências, relacionadas ao trabalho associativo. Para que se possa entender sua fala, é importante saber um pouco sobre

¹¹⁷ O termo utilizado pelos agricultores da região para se referir a todo o processo de derrubada de matas para abertura de novas áreas cultiváveis.

¹¹⁸ Como eram chamadas as mulheres, geralmente filhas solteiras de agricultores da região que, acompanhadas de seus pais ou parentes, tinham livre acesso às festas dos puxirões, e podiam formar par com os ‘peões’ nas danças, majoritariamente de origem gaúcha, dos bailes do distrito do Itaiacoca.

¹¹⁹ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹²⁰ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade*. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

o entrevistado. O senhor José Silvestre Maciel nasceu no distrito do Itaiacoca, na comunidade da Barra Preta, tendo o seu pai participado da política municipal entre as décadas de 1940 e 1950, no período do mandato do prefeito João Vargas de Oliveira, e chegando a disputar o cargo de vereador municipal algumas vezes, neste período. Proprietária de terras, sua família vivia da agropecuária de subsistência, concedendo o uso de pequenas áreas de terra para alguns meeiros que chegaram ao distrito. Embora não existissem documentos firmando os termos para estas concessões, elas normalmente estabeleciam relações de subordinação aos proprietários da terra, que podiam dispor da mão-de-obra destes meeiros para o cultivo de suas terras e, especialmente nos mutirões, onde estes arrecadavam créditos de ‘quadros’ para os seus senhorios.¹²¹

O antigo morador do distrito do Itaiacoca começa sua fala, comentando sobre a importância do trabalho na vida do agricultor, que de outra maneira não conseguiria sobreviver naquela época. O trabalho infantil é citado algumas vezes, como uma necessidade para a sobrevivência, mas também como um aprendizado para a vida.

Acontecia assim... daí o que que acontecia? Veja bem, eu vou começar assim, falando do carpida, porque, da carpida que [pequena pausa] através da carpida, chegavam às festas. Né?... Porque a sobrevivência do povo era, naquela época, era o trabalho. Tá? Inclusive as criança. A gente... eu ia na escola, é... a seis quilômetros da minha casa a pé, e antes a gente ia trabalhar. Então a carpida envolve mais uma coisa. [interrompe] [...]

Ia criança de oito anos para... eu lembro que a gente ia... eu, por exemplo, assim, o meu pai era uma pessoa muito bacana com a família, apesar que ele era uma pessoa muito doente... era uma pessoa nervosa, tinha úlcera no estômago, morreu com cinquenta e sete anos, bem precoce, mas ele era uma pessoa muito boa. Só que entre os presentes que eu lembro, que eu ganhei vários presentes dele, eu ganhei com, mais ou menos, oito ou nove anos uma máquina de plantar feijão. E a gente ia plantar feijão. Como a planta do feijão é na queimada. Eu não lembro se eu ia descalço ou calçado, por que é difícil quando se tinha um calçado. É... e a gente ia, assim, pisando em tocos... que eles andam em espinhos... nas cinza... e plantando feijão. Enquanto um homem, lá, adulto, plantava vinte litros, eu plantava três, quatro. Mas eu entendia... aí, que você falou da lição, e eu entendi uma lição, a seguinte, hoje eu concluo o seguinte: e faleceu eu tinha onze anos e ele me deixou sabendo trabalhar. Eu não produzia, mas eu tive uma escola, que a vida era através do trabalho. Então, quando eu tinha meus oito, nove anos, eu ganhei esta máquina e eu... eu não conseguia alcançar o cabo da máquina, eu pegava na parte de baixo, que eu era pequenininho, né?... mas ia lá junto com os adulto. E, então a gente tirou assim, como uma escola da vida, que é o trabalho.¹²²

É importante ponderar sobre a utilização do termo ‘escola’, como um sinônimo de lição ou aprendizado, para se referir ao trabalho aprendido enquanto criança, que deixa clara a relação

¹²¹ MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹²² *Ibidem*. Grifo meu.

entre o trabalho e a vida do homem do campo, na visão do entrevistado. O trabalho rural é intimamente relacionado à vida no campo e à identidade dos moradores da área rural, pois a vida cotidiana se desenvolve na propriedade rural¹²³, e por isso ele é sempre rememorado por todos aqueles que viveram e trabalharam na terra.¹²⁴

O senhor José Maciel começou a contar, em seguida, sobre a maneira como se organizavam os mutirões, destacando o “saber fazer”, ou o conhecimento técnico necessário para o trabalho, para a escolha do período da derrubada da mata e conhecimento dos tipos de terreno e época mais propícios para queimada e abertura de novas roças.

Primeiro a roçada. É o primeiro passo. Então o colo... [interrompe a palavra colono] o caipira lá, o... produtor rural da época... ele, no mês de março... maio... por aí, ele fazia a roçada. Isso consistia em ir lá, derrubar aquela mata, né?... procurar inclusive a lua... A mata se constitui assim: uma parte que se chama mata mole. É onde tem uma mata assim, que é bastante... que não tem facho. O facho é arbustos menores. Então, praticamente ela é... ela se constitui só de árvores grande. Então aquele lugar é um lugar difícil de queimar. E lá, a limpeza da terra se fazia através da queimada. Então os colono vão no mês de março, maio... maio... mais maio, junho, roçar. E eles escolhem a lua minguante para derrubar aquelas parte mais mole, que não tem facho. Sabe por que? Porque ali a... a árvore permanece as folhas junto com a... com as árvore. Não cai, se roçar na minguante¹²⁵. E daí aqueles lugar mais seco, onde tem aqueles facho¹²⁶, que tem mais arbustos pequeno, que forma aquela... aquela... aquela camada que fica... acende mais fácil, né? Então se corta em qualquer época. Mas aquelas, ali... falei. Passado este período demora mais ou menos uns sessenta dias para queimar. Para que seque aquele facho que eles chamam. Seca, aí eles queimam. Queimam e em seguida, faz a plantação. Isso é tudo feito em mutirão.¹²⁷

A valorização do saber técnico e do tradicional, parece estar relacionada com o sentir-se um homem do campo, para o Seu José. É um saber-fazer que não dissocia o trabalho da vida, sendo forjador de uma identidade. Mesmo vivendo a maior parte de sua vida na área urbana de Ponta Grossa, ele se auto define como uma pessoa ‘dos mato¹²⁸’, mantendo forte vínculo identitário como o local de seu nascimento. Por isso, fez questão de demonstrar, em sua fala, seus conhecimentos sobre as técnicas corretas para a derrubada da mata e formação da roça.¹²⁹

¹²³ ALMEIDA JR., Antônio Ribeiro de; HOFFEL, João Luiz de Moraes; QUEDA, Oriowaldo. *A propriedade rural como símbolo: representações sociais e impactos sobre o ambiente na bacia do Rio Atibainha, SP*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

¹²⁴ MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹²⁵ Além de evitar a queda das folhas das árvores, na derrubada da mata, a escolha da lua minguante para a também se dá por outros motivos. Entre eles, acredita-se que a madeira cortada na minguante seja mais seca, tendo melhor qualidade para utilização na construção de casas, móveis e utensílios. Estes períodos também são escolhidos por se acreditar que o terreno roçado demore mais para rebrotar, quando cortado na minguante.

¹²⁶ Expressão regional que significa a vegetação seca facilmente inflamável nas queimadas.

¹²⁷ MACIEL, José Silvestre. *Op. Cit.*, 2015.

¹²⁸ Adjetivo utilizado pelos moradores do Itaiacoca, para se referirem aos seus conterrâneos ou pessoas que vivem ou viveram neste distrito.

¹²⁹ MACIEL, José Silvestre. *Op. Cit.*, 2015.

Ele comentou, então, sobre as formas de sociabilidade existentes nos espaços de mutirão, ambientes de trabalho, mas também de se falar sobre cotidiano, lazer e também sobre o próprio trabalho. Era onde se marcavam os campeonatos de futebol, bailes e onde se podia brincar e fazer piadas com os vizinhos e amigos. Seu José Maciel enfatizou que os mutirões estavam entre os principais espaços sociais daquela comunidade, e era onde “o pessoal se conhecia mais”.

Primeiro, que você aprendia... Vou enumerar: primeiro você aprendia esse conviver em comunidade... né?... você... por uma necessidade, que você teria que salvar a tua roça, você aprendia a se unir com a vizinhança, com os amigos. Para você ter uma ideia, tinha pessoas que nós viajava... nós andávamos a cavalo, as vezes... cinco, seis quilômetros de madrugada... ou a pé, para ir carpir para o outro. E as vezes ia pousar na casa do outro. Para ver como a integração era bonita, que se forçava uma amizade muito profunda. Convivia quase como se fossem irmãos. Com teus tios [se referindo à uma das entrevistadoras, cuja família é originária do distrito do Itaiacoca]... com os Gonçalves lá... os Cassimiro eram primo, mesmo. Então, é uma convivência de irmão. De pousar na casa dos outro. E não era três, quatro pessoa. É casas que pousava trinta, quarenta pessoas, para no outro dia, já estar trabalhando. Era uma coisa assim que, te mostrava em primeiro lugar... digamos assim a... a união. Você aprendia a viver em comunidade.¹³⁰

Na fala do itaiacocano, observo a importância dada aos reencontros de profundas amizades e a íntima convivência com os vizinhos, “quase como se fossem irmãos”, tanto no que se refere à sociação quanto à manutenção do modo de viver, uma vez que a união da comunidade nessas atividades cooperativas era necessária para “salvar a tua roça”. A sociabilidade aparece como aspecto importante, mas também a solidariedade e reciprocidade. De acordo com ele, a reunida dos trabalhadores era necessária para se executar o serviço. A vizinhança se unia para ajudar seus companheiros, que não conseguiriam executar o serviço sem essa colaboração. Deste modo, é possível depreender sobre reciprocidade enquanto uma necessidade para a manutenção da lavoura a partir da troca de favores.

Para Marcel Mauss, que estudou formas de trocas semelhantes, embora aparentemente livre e gratuita, a reciprocidade estava inserida em contratos tácitos baseados nas dídivas. De acordo com o autor, dídivas são atos de doação generosa e gratuita, mas também de receber e retribuir (contradídivas), que formam um sistema de solidariedade. Neste sistema o ato de dar e receber pressupõe mais que um mero “toma-lá dá-cá”, mas todo um simbolismo, que reforça valores humanos, além dos valores econômicos envolvidos. A dídiva

¹³⁰ MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa..

de um presente cria a obrigação por parte daquele que recebe, de retribuí-lo com uma outra dádiva, o que é diferente de devolver o presente. Desta forma, a dádiva cria a dívida com o outro, e é a condição da produção e da reprodução de relações sociais.¹³¹

Os mutirões foram experienciados, também, como ambientes propícios para se iniciar relacionamentos sérios, como namoros e casamentos, que constituíam famílias e prosseguiram com o ciclo da vida comunitária, a que se referiu o senhor.¹³² Sobre estas relações sociais, produzidas a partir do mencionado sistema de solidariedade, José Maciel continua seu relato:

Os vizinhos se reúnem, daí onde começam a falar sobre as festa, o jogo de futebol, o baile e assim por diante. Então eles trabalham em conjunto. Mas, olhe, pode perguntar, mas como é que... quem que paga quem? E o que que... qual é a moeda [de troca]? A moeda [de troca] é o trabalho do outro.

[...]

Era este período um período rico lá na lavoura, porque é onde o pessoal se encontra mais. É onde as reuniões são de um maior número de pessoas. Então ali que surge a conversa, disputando o bairro vizinho, para fazer um jogo de futebol. É onde surge... começa surgir, daí, que eu falei para você, o esporte, né?... que tem mais um período que fica bem forte. E também ali, se fala bastante das festas. Os bailes... [...] puxirão não se pagava, não se trocava o dia. O dia se pagava com um baile. Aí os moços, os rapazes ia... trabalhavam para o dono da propriedade, para o dono da roça, a troca do baile. Então aí acontecia de o pessoal ir lá... é... quando morava longe... vir, já trazer a roupa... né?... carpia, daí depois do almoço jogava bola, daí de tarde tomava um banho no rio de água fria para dançar o baile. Daí jantava na casa do... da pessoas que era o dono do baile, e assim por diante. E ali surgiam os namoro, né?... Surgia os casamento... Então coisa que envolvia... uma coisa envolvia a outra. A carpida... lá na roçada... começava todo um ciclo de uma vida comunitária, que o pessoal se conhecia mais.¹³³

É interessante pensar sobre a forma como o entrevistado entendia os mutirões e, em especial, os bailes dos puxirões, que para ele era onde “começava todo um ciclo de uma vida comunitária”. Neste trecho é possível apreender sobre a maneira como estes espaços foram significados pelo Sr. José Maciel, como o principal espaço de sociabilidade na comunidade em que vivia.

No que se refere ao uso do trabalho associativo como estratégia para a manutenção do modo de viver, José Silvestre Maciel falou sobre os benefícios econômicos do sistema. De acordo com ele, se não fosse a associação entre os vizinhos, seria impossível fazer o trabalho dentro dos prazos necessários para a produção.

¹³¹ MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001.

¹³² MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹³³ *Ibidem*.

E depois você ia aprendendo, assim a... digamos assim, o lado... é... econômico. Ali, se praticava uma economia. Porque se você não fizesse aquele trabalho, digamos assim dos trinta aos trinta e cinco dias que a tua roça estava... que tinha que ser atendida, ela não ia produzir. Então ali você estava... sem saber você estava aprendendo economia. Fazendo uma troca que beneficiava todo mundo. E depois vinham os benefícios, né?... Qual é o benefício. Você ali, naquele sistema que você plantava, você não usava veneno... não agrotóxico... não usava nada. Entende? Então as pessoas tinham bastante saúde.¹³⁴

Em estudo sobre a formação dos bairros rurais, Alecio Rodrigues de Oliveira entendeu que, nos bairros rurais, o auxílio mútuo aparecia como uma forma de garantia da reprodução social. Para ele, os indivíduos, preocupados com a própria sobrevivência, formavam redes de solidariedade, em cujas ações integradas se organizavam dentro de lógicas de identidade de grupo, favorecendo a coletividade em detrimento dos interesses particulares, e incrementando o desenvolvimento da sociabilidade.¹³⁵

De acordo com o autor, a solidariedade aparece como um importante elemento da sociabilidade nas sociedades rurais, caracterizadas pela homogeneidade dos vínculos sociais e considerável interconhecimento entre indivíduos. A solidariedade é formada por ações de cooperação, combinando relações de valores solidários de ajuda mútua¹³⁶. Os indivíduos interiorizam a noção de um ‘nós’ comum do qual e para o qual todos os elementos tendem, sendo bastante comum a identidade-nós ter primazia sobre a identidade-eu nas comunidades rurais¹³⁷.

É possível observar esta interiorização na fala do entrevistado, que frequentemente substitui o ‘eu’ pelo ‘nós’, quando comentou sobre os mutirões, e atribui para a união e convivência em comunidade, a manutenção do modo de viver e trabalhar. Isso ainda aparece nas falas dos antigos moradores do Itaiacoca que, mesmo vivendo há vários anos em outros lugares, como na cidade de Ponta Grossa, identificam-se com outros moradores e ex-moradores do distrito, procurando manter relações, em especial relações comerciais, que tragam vantagens para um ou para outro. Do pequeno comerciante que vende três algodões doces pelo preço de dois, para os antigos vizinhos itaiacocanos, identificados como tal, mas algumas vezes

¹³⁴ MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹³⁵ OLIVEIRA, Alecio Rodrigues de. *Sociabilidade, Solidariedade e a formação de capital social em Bairros Rurais*. In: Ribeirão Preto: SOBER, 2005. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/613.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

¹³⁶ *Ibidem*.

¹³⁷ ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

desconhecidos para ele, ao comprador que prefere pagar um pouco mais caro na verdura da banca do ‘compadre Fulano do Itaiacoca’, seja pela confiança no produto vendido ou pela facilidade de se ‘pendurar no fio do bigode’¹³⁸, acredito que estas pequenas ações de entreajuda se baseiam no princípio da semelhança, cujo ‘nós’ é formado por conterrâneos com estilos e modos de vida similares: os ‘dos mato’.¹³⁹

Por outro lado, de acordo com o entrevistado, eram nos bailes que também ocorriam os desentendimentos e brigas, que algumas vezes podiam acabar em tragédia.

[...] Dava também, não era só alegria, dava também as... acontecia muito de dar brigas. Aqueles crime passionais, né?... Um tomava a namorada do outro, e ficava aquelas rixa e você sabe muito bem disso, né? [risos] Então... e as vez ia muito fundo estas encrencas, chegava assim a... chegou ao cúmulo de parentes ali... se matarem... as vez assim de assassinatos de familiares. Uma coisa... é um dos lados triste da coisa. Mas... a maior parte, assim... era alegria... era festa. O que a gente tirava da vida, deste sofrimento? Dessa... eu diria sofrimento no sentido do trabalho, que era um trabalho muito árduo. [...]¹⁴⁰

Estas brigas normalmente iniciavam por motivos passionais, da maneira como contaram os entrevistados José Maria da Luz¹⁴¹ e José Silvestre Maciel¹⁴², e eram bastante frequentes, como demonstra a matéria publicada pelo jornal O Estado, em 24 de outubro de 1937:

Assassinato

Os nossos leitores já conhecem “Nhô Chico Preto”. É o curador que está ganhando fama não só no município, como além das fronteiras, até no Estado de S. Paulo!

De sabbado para Domingo Nhô Chico promoveu um baile em regozijo ao animado puxirão que realizara durante o dia, com o concurso dos seus “fíeis”.

Em meio às dansas, surgiu uma briga originada por uma “taboa”¹⁴³ – a velha historia que ensanguenta as diversões roceiras – resultando da luta sahir assassinado José Enez da Luz, com uma profunda facada no pulmão, vibrada por Dorvico Moreira. O criminoso foi preso no flagrante, tendo a policia aberto inquerito.

A victima, jovem ainda, éra casada e deixa dois filhos pequenos, enquanto que o criminoso também jovem e robusto, lá está entre as grades da prisão com a vida desgraçada a merce de um futuro bastante sombrio!...

No entanto, devemos dizer-o, o fóco pestilento de desordem continua como um abysmo de fauces collossaes a atrahir novas victimas, quasi sempre a fina flôr da

¹³⁸ A expressão ‘pendurar no fio do bigode’ se refere a comprar a crédito, em uma relação de confiança mútua, entre o vendedor, que confia no pagamento, e o comprador, que confia na correção do valor que será cobrado.

¹³⁹ Entrevista não gravada, concedida em 12 de outubro de 2014.

¹⁴⁰ MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁴¹ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁴² MACIEL, José Silvestre. *Op. Cit.*, 2015.

¹⁴³ A palavra “taboa”, ou “tábua” é usada para se referir à recusa de um convite para dança.

mocidade que se estiola pela immensidão dos nossos mattos, sem a luz da instrucção, atrahida e sugestionada pela mystica de uma autentica macumba!.
E a fama do curador Chico Preto, vai se extendendo por toda parte...¹⁴⁴

Ainda que o crime comentado no periódico tenha acontecido no município de Sengés (PR), distante cerca de cento e cinquenta quilômetros do distrito do Itaiacoca, o contexto relativamente semelhante e a generalização do autor da matéria, que pensava que brigas originadas por ‘tábuas’ eram praticamente inerentes às festas realizadas nas comunidades rurais, permitem relacioná-lo ao objeto do meu estudo.

Para entender melhor sobre a maneira como os mutirões eram experienciados, é preciso ponderar outra questão, diretamente relacionada com os mutirões e os bailes, que diz respeito às formas como os moradores do Itaiacoca experienciaram o lazer e as atividades de tempo livre.

Em um estudo sobre o lazer e a sociabilidade na área rural de Nova Pádua (RS), Micheli Vergínia Ghiggi esboçou algumas considerações acerca das transformações que os conceitos de tempo livre e lazer sofreram ao longo dos séculos XIX e XX. Sem a intenção de traçar uma cronologia destes estudos, a autora comentou que, para Littré o lazer era compreendido apenas como o período disponível depois de cumpridas as obrigações diárias¹⁴⁵ e, para Marx, da mesma forma, mas com a função de possibilitar a recuperação das forças para a jornada seguinte¹⁴⁶. Ela comentou sobre o entendimento comum dos estudiosos Pierre-Joseph Proudhon, Augusto Comte e Friedrich Engels, que relacionaram lazer e cultura popular, quando escreveram respectivamente sobre lazer como o tempo disponível para composições criativas, apropriação do conhecimento científico e participação política, mas sempre colocando o trabalho e o lazer em extremos opostos.¹⁴⁷

Ghiggi escreveu ainda sobre o conceito de lazer como distração, de Claude Augé, na década de 1930, como momento para libertar-se dos “papéis” da vida social, explorado por Cavalcanti, no ano de 1984, até chegar ao pensamento do francês Joffre Dumazedier, para quem o lazer é um elemento central da cultura dos trabalhadores, acumulando as funções de descanso, divertimento ou desenvolvimento. Baseada na obra de Dumazedier¹⁴⁸, Micheli Ghiggi concluiu que o lazer não podia ser definido por determinadas práticas, mas que

¹⁴⁴ O ESTADO. Assassinato. *O Estado*, Curitiba, p. 7, 24 de out. de 1937. Grifo meu.

¹⁴⁵ LITTRÉ, Émile Maximilien Paul *apud* GHIGGI, Micheli Vergínia. *Lazer e sociabilidade na área rural de Nova Pádua: um estudo etnográfico*. Trabalho de Conclusão de Curso—Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. pp. 10-17.

¹⁴⁶ MARX, Karl *apud* GHIGGI, Micheli Vergínia. *Op. Cit.*, 2008. pp. 10-17.

¹⁴⁷ GHIGGI, Micheli Vergínia. *Op. Cit.*, 2008. pp. 10-17.

¹⁴⁸ DUMAZEDIER, Joffre, *Lazere cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973. 333 p.

a única maneira de o compreender em uma sociedade seria através de estudos e atribuição de definições específicas para esta sociedade.¹⁴⁹

Pensando desta forma, qual seria a definição que os trabalhadores do Itaiacoca dariam para o lazer? Procurando responder esta pergunta, interessei-me pelo relato do senhor José Maria da Luz, quando este versava sobre o seu trabalho, no período em que exercia a agricultura de subsistência, no Itaiacoca.

E trabalhava todos os dias?

De segunda a sexta... de segunda a sábado, e os dia... guardava todos os dia santo. Era todo... todos os dia santo nós guardava. Todos os dia... tinha muito dia santo, né? Dia de Santo Antônio, São João, São Pedro, Senhor Divino, Nossa Senhora de Aparecida, Nossa Senhora do Carmo... é... é difícil o mês que não tenha dia santo. Todos os mês tem dia santo, né? Se você for analisar hoje, se for ver bem a “folhinha” você vai achar, né?... todos os dias. Hoje eu não sei mais... não lembro mais os dia... de santo, né? Mas a gente sabia e guardava na cabeça. Era... você sabia “de cor” os dia santo. Tinha dia santo hoje, você já sabia... tal dia é dia de santo. Era guardado. Estes dia daí você não fazia trabalho de roça, né? Daí você tirava o dia de... passear, ver uma criação, curar uma criação e tal, mas não fazia serviço de roça.¹⁵⁰

Ao ouvir a resposta do entrevistado, me intrigou a aparente contradição do ex-lavrador, quando este falava das atividades praticadas nos dias em que não se podia trabalhar. Para ele, tratar dos animais ou mesmo cuidar de doenças e ferimentos do rebanho não configurava trabalho.

Em princípio, ponderei as características da atividade pecuarista, que exige o trato diário dos animais, em atividades que devem ser feitas todos os dias, algumas rigorosamente nos mesmos horários, tais como a administração de medicamentos, alimentação, produção (coleta de ovos, ordenha etc.) e outras, e que não poderiam ser deixadas para o outro dia. É bem conhecido que, entre os povos primitivos, a medição do tempo está comumente relacionada com os processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas.¹⁵¹

Esta noção ficou clara em outro depoimento, da senhora Domingas Maciel Constante. Quando perguntei sobre o que se fazia quando não estavam trabalhando, ela contou que:

Saia passear. Tinha o tempo que estava de folga. Colhia o feijão. Daí pegava os porco, soltava na roça para ficarem a vontade, e ia para casa dos parente. Ia posar na casa do vô, dos tio. Ia... era tão gostoso. A gente tinha tanto tempo de passear. Aqui [na cidade]

¹⁴⁹ GHIGGI, Micheli Vergínia. *Lazer e sociabilidade na área rural de Nova Pádua: um estudo etnográfico*. Trabalho de Conclusão de Curso—Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. p. 13.

¹⁵⁰ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁵¹ THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina no trabalho e capitalismo industrial. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

não dá tempo de passear, mais. A gente nem pode... nem visita mais os parente. Não dá tempo. Por que é tudo por hora. [...] Lá [no Itaiacoca] tinha tempo para tudo. Para trabalhar e para passear.¹⁵²

Uma vez que o tempo estava relacionado aos processos familiares no ciclo do trabalho e das tarefas domésticas, havia tempo livre sempre que o ciclo do trabalho era encerrado (ou estava em um de seus intervalos) e as tarefas domésticas estavam concluídas. Diferente da cidade, onde “é tudo por hora”, tendo-se tempo para trabalhar, tempo para o lazer (medidos em horas) e praticamente não se tendo tempo para nada, para ela, que agora reside na área urbana do município, no distrito “tinha tempo para tudo”¹⁵³.

Enquanto explicava sobre a troca de dias trabalhados nas reuniões, mais uma vez a aparente contradição do senhor José Maria me intrigou, fazendo-me pensar sobre o significado do lazer na vida dos pequeno-agropecuaristas.

Quando o cara... ele organizava a reunião, e fosse cem pessoas... ele tinha obrigação com estas cem pessoas de... ir na reunião de cada uma delas, para daí trocar o dia?

Não. É... esses reunia... depende, por exemplo. Ia cem pessoa numa reunião, lá, daí aquele dono ia ficar devendo cem quadro¹⁵⁴, vamos supor que fosse um quadro, que cada pessoa carpisasse um quadro.

[...]

Assim que funcionava. Daí nestes intervalo, quando nós trabalhava... roçava, queimava, plantava, carpia. Aí ali até o tempo da carpida, o tempo do planto do feijão, né?... Feijão demora noventa dias... é... para... Você limpava ele, daí você tinha roça uma perto da outra, você tinha serviço. Daí depois que você colhia o feijão, daí você tinha um folga, até chegar a colheita do milho. Dava aí... um mês, dois mês. Daí você ia fazer cerca de potreiro, aqueles potreiro de faxinal¹⁵⁵. Reformar cerca... daí aquelas vala que tinha para os porco não passar. Você ia limpar as vala, fazer as cerca, reformar tudo as cerca para... era uma época de folga. Roçar tudo os gramado que nós falava, né? Roçar as “invernada”¹⁵⁶, roçar os gramado por perto das casa. E esta folga nós fazia isso. Porque você não está trabalhando na roça, está fazendo serviço [faz gesto com as mãos, indicando outros serviços ou em volta daquilo].¹⁵⁷

¹⁵² CONSTANTE. Domingas Maciel. *Domingas Maciel Constante: entrevista* [01 de abr. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 66min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

¹⁵³ *Ibidem*.

¹⁵⁴ O termo ‘quadro’ foi usado para se referir ao lote de 12,5 braças quadradas, que equivale a uma área de 770 m², ou de 1 litro, que equivale à área de 605 m², conforme utilização do termo pelas pessoas da comunidade estudada. É a área aproximada de um dia de trabalho, para cada trabalhador.

¹⁵⁵ A palavra “faxinal”, que pode significar “campo que avança” ou “campo de pastagem”, é usada para se referir ao sistema que utiliza terras compartilhadas, para criação de pequenos rebanhos, destinados à atividades da pecuária de subsistência. Comum em toda região sul do Brasil, o sistema de faxinais foi largamente utilizado no distrito do Itaiacoca.

¹⁵⁶ Área de pasto, utilizada para a engorda do rebanho.

¹⁵⁷ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa

De que maneira construir e reformar cercas, celeiros e valas, roçar o terreno não cultivado, por perto das casas, e fazer outros serviços que não fossem diretamente ligados ao cultivo da terra poderia ser considerado atividade de tempo livre? Partindo deste ponto, busquei compreender a maneira como estas questões são significadas por aqueles que vivem no campo, e em especial pelos agentes do processo que venho estudando, os mutirões do distrito do Itaiacoca.

Para E. P. Thompson, “na sociedade rural em que persistiam a pequena lavoura e a economia doméstica, bem como em grandes áreas da indústria manufatureira, a organização do trabalho era tão variada e irregular que é ilusório traçar uma distinção nítida entre ‘trabalho’ e ‘lazer’”¹⁵⁸. Estas atividades estariam ligadas de tal maneira, que um olhar forasteiro dificilmente entenderia suas distinções, sem o conhecimento de todo o processo.

Na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum, parece haver pouca separação entre ‘o trabalho’ e ‘a vida’. As relações sociais e o trabalho são misturados — o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa — e não há grande senso de conflito entre o trabalho e ‘passar do dia’.¹⁵⁹

Sendo deste modo, qual seria a definição que esses trabalhadores dariam para o lazer? Procurando saber sobre isso, me interessei pelo relato do trabalhador resistente ao processo de migração do distrito do Itaiacoca, entrevistado pelo historiador e cientista social José Aparício da Silva, para o projeto sobre os fatores endógenos e exógenos que levaram à migração/resistência de pequenos produtores do distrito do Itaiacoca, na década de 1970.

Esse gosto, esse lazer nosso caiu, porque aquele sistema de nós ficarmos lá sovando no meio da capoeirada¹⁶⁰ lá, cozinhando no estaleiro¹⁶¹, comendo feijão, arroz e toucinho de carne de porco. Isso aí olha...eu tenho até saudade disso. Então, esse era o sistema prático nosso e simples, todo mundo trabalhando junto. Você vê ali nas terras dos Boava [sic]¹⁶², nós ia lá... eu quando era piazão¹⁶³, nós se reunia para pousar lá na casa dos Boava [sic], morava o Arlindo¹⁶⁴, o mais novo n/é? Nós pousávamos lá 40, 50 pessoas, pousando lá... para no outro dia 6 horas nós já estávamos na capoeira.

PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

¹⁵⁸ THOMPSON, Edward Palmer. Patrícios e plebeus. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

¹⁵⁹ THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina na trabalho e capitalismo industrial. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. pp. 271-272

¹⁶⁰ O mesmo que capoeira: mato que cresce em terreno roçado ou queimado.

¹⁶¹ Celeiro onde se armazena o milho para a secagem.

¹⁶² Buava é o nome de família pelo qual é conhecida a família de Arlindo da Luz e Souza. Ele provavelmente se refere a um antigo patriarca da família.

¹⁶³ “Piá” é uma expressão regional do estado do Paraná, que significa menino. Seu aumentativo “piazão”, bem como o diminutivo “piazote”, são comumente usados para tratar de jovens na adolescência ou pré-adolescência.

¹⁶⁴ O nome Arlindo pode se referir ao senhor Arlindo da Luz e Souza, bem como a um de seus filhos. É costume dos moradores da região se referirem à família e aos familiares, pelo nome do seu patriarca. Neste caso, o mais novo “dos Arlindo” é o senhor José Maria da Luz, que também entrevistei para este trabalho.

Inverno velho, descalço, pezão partindo na geada e ia embora. Quer dizer, mas para nós era gostoso isso.¹⁶⁵

O uso expresso da palavra lazer, para se referir à atividade que normalmente era atribuída ao trabalho, se não informou a definição de lazer, deu indícios do modo como este senhor entendia os mutirões, quando falava sobre o assunto, durante a entrevista. Em seu discurso, o entrevistado deixa saber os motivos pelos quais, para ele, o mutirão não era trabalho: a reunião de quarenta ou cinquenta pessoas, que dormiam juntas na casa, faziam algumas refeições coletivamente e trabalhavam uns próximos aos outros, provavelmente em meio aos amigos, com brincadeiras, piadas e troças. Enfim, uma atividade que fugia da rotina de trabalho solitário na roça, especialmente por seu caráter de sociabilização.

Desta forma, para este caso, pode-se incluir os mutirões na categoria que Eric Dunning e Norbert Elias denominam atividade pura ou simplesmente sociável, na qual o sujeito participa de forma relativamente informal, com um nível emocional manifesto e amigável consideravelmente acima de outras atividades de tempo livre e de trabalho.¹⁶⁶ Esta informalidade é percebida também no relato de um antigo morador do Itaiacoca que, em uma entrevista não gravada, contou-me sobre a distribuição de bebida alcoólica aos trabalhadores dos mutirões, enquanto ainda se realizava o trabalho¹⁶⁷, ou de outro trabalhador que comentou sobre o hábito de, terminada sua tarefa, dirigir-se aos que ainda trabalhavam, fazendo-lhes troça pela demora em terminar o serviço¹⁶⁸. Sobre isso, observa-se que, ainda que esses sejam costumes comuns em ambientes de lazer, são pouco convencionais em ambientes estritamente profissionais, mesmo que frequentados pelas mesmas pessoas.

Nos casos em que se faziam bailes para o pagamento pelo serviço prestado, nos puxirões, a relação entre trabalho e lazer ficava mais evidente. Ainda que pudesse considerar o mutirão como um momento exclusivamente de trabalho, ficar-me-ia impossível colocá-lo em oposição ao momento de lazer, no baile, uma vez que os dois períodos eram completamente vinculados. Para muitos dos participantes do puxirão, tão ou mais importante do que o trabalho feito conjuntamente, era o baile.

¹⁶⁵ DA SILVA, José Aparício. *Resistente. Entrevista nº 1*. Entrevistador: José Aparício da Silva. Ponta Grossa, s/d. Entrevista concedida para o Projeto Fatores endógenos e exógenos que levaram à migração/resistência de pequenos produtores de distrito do Itaiacoca - Ponta Grossa -PR, na década de 1970, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. In: DA SILVA, José Aparício. *Fatores endógenos e exógenos que levaram à imigração/resistência de pequenos produtores do Distrito de Itaiacoca - Ponta Grossa-PR, na década de 1970*. Dissertação (Mestrado)—Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008. p. 138.

¹⁶⁶ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 148.

¹⁶⁷ Entrevista não gravada, concedida em 13 de set. de 2014.

¹⁶⁸ Entrevista não gravada, concedida em 25 de março de 2014.

Assim, da maneira como a significação dos mutirões me interessou, também a recorrência de lembranças sobre estes bailes, nas entrevistas, conversas formais e informais com as pessoas que participaram do processo que venho estudando, na região do Itaiacoca. Histórias sobre bailes surgiam quando se falava do trabalho, lazer, casamento, filhos, migração, saudade e todos os outros assuntos que ocupassem da memória destas pessoas. Estas rememorações, acredito, se dão pela forma como estas pessoas interpretam suas vivências, relacionando estes acontecimentos nas tramas que compõem suas histórias, como é possível notar no relato dos senhores Laura e Pedro dos Santos:

Seu Pedro a gente vai pedir para o senhor e para a Dona Laura também, se ela puder contar, contar um pouquinho... um pouquinho da família, da história da família de vocês, e daí contar como é que foi, como que se conheceram, como que casaram, como que era a vida...é meio de modo geral, assim, não precisa nem um aspecto assim, não precisa focar em nada...mas meio falar por cima...

Dona Laura: Eu morava em Barra Preta e ele aqui na Roça Velha, e daí depois se encontramos, sempre nós estávamos se encontrando, porque era perto os bairros, e sempre as festas era mesma que um ia, o outro ia, [risos] daí depois que casamos, tivemos...

Seu Pedro: Pouco estudo também tinha nas épocas... nas época aqui não chegamos a se conhecer totalmente...

Dona Laura: Eu estudava para cá, vinha aqui de lá também, vinha a pé, nós vinha a pé de lá.

[...]

O senhor disse que, né?... encontrava a sua esposa nessas festas também, como que era esse espaço, que era da festa também, mas também era um espaço de encontrar os vizinhos...

Seu Pedro: Era demorado, as vezes a gente tinha até que fazer promessa [Dona Laura ri] as vezes para chegar logo [risos]

Dona Laura: Era bem difícil porque era só nas festas que a gente se encontrava, mas também não que nem hoje, não era de ficar junto...

Seu Pedro: Nas festas, num passeio, que as vezes acontecia, naquela época, que nem eu estava explicando, naquele tempo o povo usava se visitar, muito, ia na casa um dos outros...

Dona Laura: Dos parentes...

Seu Pedro: Dos parentes, ia ficava o dia, posava, ficava tempo. Então a gente se conheceu assim...

Dona Laura: Nas festas dos bailes porque daí quando era puxirão, era chamado puxirão, tinha baile, daí se reunia, e daí quando era a reunião era só carpida, daí ia pagar os quadros e no puxirão, não pagava, pagava com o baile...

Seu Pedro: E as vezes a gente inventava os aniversários também, para fazer um bailinho [risos]

Dona Laura: Faziam uma surpresa de aniversário, um ia fazer uma surpresa para o outro, para levar a gaita e dançar a noite inteira, era o modo das diversões que tinha, essas surpresas e os puxirão e as festas.¹⁶⁹

¹⁶⁹ SANTOS, Laura Maciel dos; SANTOS, Pedro Ribeiro dos. *Laura Maciel dos Santos e Pedro Ribeiro dos Santos: entrevista* [13 de set. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de vídeo digital, 56min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Através do relato observo que, embora reconheçam que frequentavam a mesma escola, que poderiam se encontrar durante os passeios e visitas à casa dos parentes e mesmo que organizavam festinhas para reunir os amigos, os bailes parecem constituir o lugar de memória do casamento deste casal, e por isso tomam tamanha importância na memória destes senhores.

Em outros casos, a lembrança dos bailes pode remeter aos momentos felizes da vida daquela pessoa, relacionados à autoestima, às boas companhias, ao bom desempenho em disputas de habilidades, na dança ou no galanteio, à juventude, à iniciação sexual ou mesmo à relativa liberdade de manifestação dos impulsos, afetos, emoções e da excitação. Sobre isso, Dunning e Elias escreveram que, nas sociedades em que as rotinas exigem o absoluto controle sobre estes sentimentos (impulsos, afetos e emoções), as ocupações de lazer possibilitam ao sujeito fluir mais livremente em um quadro imaginário criado por estas atividades.¹⁷⁰

Através dos relatos dos trabalhadores entrevistados, é possível perceber esta maior fluidez dos sentimentos, nas diversas menções que eles fazem sobre os cortejos, desavenças e até mesmo o cumprimento de vinganças, que provavelmente não tomariam outros espaços, que não os de lazer, devido ao maior controle das emoções.

E o que fazia uma festa boa?

Bastante gente. Uma festa boa é quando tinha bastante gente, corria tudo bem, não brigavam no final da festa. Daí era uma festa boa, tinha bastante... bastante mulher, bastante homem. Começava a namorar pelas estrada, pelos barranco (fala sorrindo). Daí era... era assim que funcionava.¹⁷¹

Na fala do senhor José, percebe-se a valorização da festa enquanto um espaço de sociabilidade, onde se conhecem pessoas novas e desenvolvem-se relacionamentos, que provavelmente não se desenvolveriam nos espaços do cotidiano, onde alguns aspectos, sobretudo de ordem moral, impediriam tal feita. Convenções morais, como a que definia que homens e mulheres, sobretudo solteiros, não podiam ficar juntos em um ambiente, eram flexibilizadas em momentos como as danças, quando um homem podia convidar a moça para dançar, conforme comentou o entrevistado.

[...] Existia o rapaz... lá não era que nem hoje, que é tudo junto, né? As moça ficava separada de um lado do salão, na sala, e os rapaz de outro lado. Aí começava a

¹⁷⁰ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 70.

¹⁷¹ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

música... o gaiteiro puxava a gaita lá e os rapaz ia convidar as moça para ir dançar. [...]¹⁷²

Sobre as brigas, iniciavam-se normalmente por motivos banais, como a recusa de uma dança ou outros que, em situações rotineiras, poderiam passar sem complicações, mas que tomavam proporções incontroláveis nestes ambientes, onde o controle das emoções era menos rígido e esperado.

E como que começava estas briga normalmente? Por causa de mulher? Por causa de...

Normalmente por causa rixa antiga, mas a maior parte era por causa de “tábua” dos baile, né? [...] E tinha aquelas moça que não... não “topava com a fachada”¹⁷³ as vezes, do caboco e não queriam dançar. Só que isso era um desaforo. Era humilhação para pessoa, né?... que a moça não quisesse dançar. E o povo daí era bravo, esquentado, né? Daí já começava, ali começava a briga, né? A maior parte das briga era por causa disso. A moça as vezes corria, não queria dançar, né?... Daí começava a briga. Daí as vezes começava hoje numa festa, já ficava marcado, daí ia terminar em outra festa, né? Daí já... dava muita... [...]¹⁷⁴

A observação destes relatos, quando discorreram sobre as repetidas contendas vivenciadas nos bailes do Itaiacoca, permitiu ponderar também sobre as pretensas causas para as desavenças, na maioria das vezes ligadas às normas de masculinidade, que colocavam em destaque a virilidade, dureza e habilidade de luta como atributos desejáveis aos homens. Desta maneira, toda questão que pudesse colocar em dúvida a masculinidade, seria considerada ofensa grave. A recusa de um convite para dançar, por exemplo, poderia significar para o sujeito uma afronta à sua virilidade e capacidade de galanteio, da mesma forma que deixar de vingar uma rixa poderia denotar frouxidão, atributo inconveniente aos homens das chamadas comunidades rudes¹⁷⁵, entre as quais acredito poder incluir a dos pequenos produtores do distrito do Itaiacoca.

Além destes bailes, os pequeno-agropecuaristas do Itaiacoca encontravam outras ocasiões para flexibilizar restrições sociais, em atividades de lazer, e sobretudo na prática desportiva. Sobre isso, para Dunning e Elias, enquanto a excitação é reprimida na ocupação do que se encara como as atividades sérias da vida, muitas ocupações de lazer, como filmes, danças, histórias e jogos desportivos, fornecem um quadro imaginário que permite o excitamento, ao simular situações da vida real, mas sem os perigos e riscos pertinentes a ela.¹⁷⁶

¹⁷² LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁷³ “Topar com a fachada” é o mesmo que “ir com a cara”, ou simpatizar com a pessoa.

¹⁷⁴ LUZ, José Maria da. *Op. Cit.*, 2014.

¹⁷⁵ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 70.

¹⁷⁶ *Ibidem*. pp. 70-71.

Em uma partida de futebol, por exemplo, o jogador confronta o adversário em uma disputa de habilidades, que pode até mesmo envolver determinado nível de violência, mas que não significa um perigo real para nenhum deles. Esta situação se difere da que aconteceria em uma briga, que pode terminar com o ferimento ou até mesmo a morte dos compartes, e envolver rixas e vinganças entre os grupos dos que se contrapuseram. Para Eric Dunning e Norbert Elias, as atividades desportivas animam os sentimentos por meio da criação de tensões, como perigo imaginário, medo ou prazer, que evocam sentimentos aparentemente contraditórios, como angústia e exaltação, agitação e paz de espírito, mas que são vividos, de forma simultânea ou alternada, pelos participantes, de modo semelhante às situações reais da vida.¹⁷⁷

A importância destes eventos para a vida dos trabalhadores rurais do distrito do Itaiacoca foi comentada em entrevista não gravada com um senhor que viveu toda a sua juventude no bairro de Roça Velha. Ele contou que, não possuindo meio de transporte motorizado, deslocava-se com os colegas, em percursos distantes, por mais de duas ou três horas a cavalo, saindo de sua casa durante a madrugada, para que pudesse participar dos jogos do campeonato amador, que confrontava times dos diversos bairros do Itaiacoca.¹⁷⁸ Não me foi possível descobrir se o relato tratou de uma situação específica, ou se estes grandes deslocamentos eram comuns, mas interessou-me perceber nesta narrativa a nostalgia do sujeito, que parecia relembrar um momento feliz de uma juventude.

Além do futebol, também outros jogos desportivos eram praticados nos momentos de tempo livre, como descreve o ex-lavrador José Maria da Luz:

Tirando as festas assim, que vocês saiam para se reunir, vocês também iam, quando estavam de folga no bar, ia jogar um baralho na casa do vizinho, tocar uma moda, um violão?

Ia, sempre ia, né, tocar um violão, cantar, ia no bar, né, para se achar lá nos botecos, lá chamava bodega, né, ia na bodega, né para poder se encontrar, ou ia jogar bola, jogar baralho, né. Jogar bola de paleta, que falavam, né, o jogo de paleta, era uns...fazia umas...tipo uns tacos de baseball assim, de...de madeira, né, seria duas de cada de um, daí “ponhavam” um...falava baque, era uma tabuinha, “ponhava” lá, era contado, eu não lembro quantos passos davam, era tipo bete¹⁷⁹, colocam um lá, daí você jogava a paleta lá, se ficasse mais perto do...tinha uma avaliação de pontos, qual chegasse mais perto. Esse era o que a gente mais usava esse jogo, né, a gente jogava entra família mesmo, nós ficava jogando quando era piá, jogava aquilo. Daí lá marcava se chegasse mais perto era tantos pontos, se derrubasse a tabuinha valia doze,

¹⁷⁷ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 71.

¹⁷⁸ Entrevista não gravada, concedida em 25 de março de 2014.

¹⁷⁹ Jogo praticado com tacos, semelhante ao críquete. Comum no Estado do Paraná, o jogo consiste na disputa entre duas duplas, uma com o objetivo de derrubar as “casinhas” (alvos montados com gravetos, em forma de tripé) da outra arremessando uma bola pequena, e a outra procurando rebater estes arremessos, para defender seus alvos e marcar pontos.

então era...daí você jogava, deixava...você ficava um para cá e outro para lá, daí tinha um taco...um “taquinho” aqui e outro lá, né, você jogava uma e outro jogava outra para ver qual que chegava mais perto e as vezes derrubava, esse era o jogo, paleta, que falavam, né, bola de paleta.

Era isso que vocês se divertiam quando eram crianças e adolescentes então...

Era esse novo divertimento....era isso...¹⁸⁰

Observo que os sujeitos da comunidade estudada produziram experiências através de suas vivências como trabalhadores rurais do Itaiacoca, e do que significa ser um trabalhador rural do Itaiacoca, para eles. Noto que a propriedade rural, que acumulava atribuições de moradia e meio de produção, foi também o local das relações sociais e do lazer que estes sujeitos desfrutaram, e por isso, significativa na constituição de suas experiências e identidades. Exemplo disso veio através da fala do casal de idosos com quem conversei, no bairro de Roça Velha:

Dona Laura: A lembrança que nós estava falando, também das roça era muito bonito quando a gente carpia tudo a roça com aquele puxirão, ficava bem limpinho... só planta. Daí vinha uma chuva, daí, ficava lindo da gente ver, estava verde, tudo. Quando era para trazer os feijão.

Seu Pedro: Daí a gente ia as tarde ver a roça a florando. Feijão, milho, tudo.¹⁸¹

Pelo relato, vê-se que o trabalho e a paisagem por vezes se confundem para estas pessoas. Da mesma forma, observo que a distinção entre trabalho e lazer, que parecia óbvia enquanto se olhava de forma despreparada, aparece de forma bastante fluida, na memória dos entrevistados.

A memória é um processo constante de construção e reconstrução da visão do passado, de modo que não pode ser confundida com suas referências objetivas. Isso significa que ela não pode ser entendida como um mecanismo de registro e retenção de informações passadas, mas comporta contínuas reestruturações de eventos passados, a partir do presente.¹⁸² Entendendo desta maneira, no próximo capítulo, me ocuparei em apreender a maneira como esses trabalhadores significaram suas trajetórias, organizando e reorganizando as memórias acerca de suas vidas e o modo como viveram no distrito do Itaiacoca.

¹⁸⁰ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁸¹ SANTOS, Laura Maciel dos; SANTOS, Pedro Ribeiro dos. *Laura Maciel dos Santos e Pedro Ribeiro dos Santos: entrevista* [13 de set. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de vídeo digital, 56min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁸² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9–24, 1992.

4 CAPÍTULO III – Sujeitos e experiências

Como se viu até agora, a região do Itaiacoca foi palco de transformações econômicas e sociais bastante complexas, especialmente no período que compreende as décadas de 1970-90, quando as dificuldades enfrentadas pelos homens e mulheres do campo levou grande parte daqueles que sobreviviam da agricultura, ao abandono de suas atividades agropecuaristas. Neste último capítulo, proponho pensar as trajetórias de itaiacocanos que vivenciaram este contexto histórico, procurando compreender a maneira como significaram suas vidas no e a partir do trabalho do campo.

Para isso, analisarei entrevistas realizadas com moradores e ex-moradores de algumas das comunidades da zona sul do distrito do Itaiacoca, que viveram, conviveram e trabalharam no campo. Refletirei sobre os atributos que permitam depreender sobre a maneira como percebem a si e àqueles com quem se relacionaram em suas vidas, na fala dos entrevistados.

Nas memórias dos depoentes, as trajetórias da sociabilidade e do trabalho apresentam-se como os mais importantes filões narrativos dos afazeres da memória. As memórias da labuta e das relações sociais gozadas no meio rural, incidem nos diversos sentidos do fazer-se desses homens e mulheres, bem como na composição do que imaginam constituir o ser um homem ou mulher do campo, em um sentido de pertencimento.

Dialogar com a experiência dessas pessoas ajuda a problematizar o modo pelo qual o ser homem ou mulher do campo constituiu-se um modo de vida, onde imagens, projetos, anseios e percepções do morar e do trabalhar no campo se articulam. No entanto, da maneira como escreveu Petuba:

Acreditamos que o grande desafio é, de fato, encarar essas memórias como possibilidades reais de diálogo com o social e com o tempo presente e, nesse movimento, reconhecer as diversas memórias com as quais lidamos como história também e não como recursos que usamos para “diversificar e enriquecer” a História, essa sim, já constituída. Esse procedimento passa, inclusive, por aceitarmos, por exemplo, que nem sempre os marcos, os eventos e as periodizações construídas para determinados processos históricos serão igualmente importantes nas narrativas dos sujeitos entrevistados.¹⁸³

Assim, buscarei acompanhar o arranjo dessas memórias, procurando compreender os sentidos aos quais estão subordinadas, mas sabendo que a memória não pode ser confundida com seus

¹⁸³ PETUBA, Rosângela Maria Silva. *Na trama dos trilhos: Cidade, ferrovia e trabalho. Ponta Grossa - PR (1955 – 1997)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. p. 159. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95931/291287.pdf?sequence=1>>.

vetores, como essência de um amontoado de recordações previsto e acabado.¹⁸⁴ Deve-se pensar o depoimento como a interpretação do viver, não como ‘o que realmente aconteceu’.¹⁸⁵

Optei por trabalhar separadamente cada entrevista, de modo a ressaltar as diferentes maneiras de se significar as trajetórias destes trabalhadores e trabalhadoras, relacionadas às diversas experiências vivenciadas por cada um deles. A construção do texto em formato de biografias sucintas, elaboradas a partir dos depoimentos dos entrevistados, bem como de conversas informais, foi a maneira que achei pertinente para o estabelecimento das relações entre a vida interpretada e a história narrada por estes homens e mulheres.

4.1 FRANCISCO “CHICO BENTO” RIBEIRO, 72 ANOS

Francisco Ribeiro nasceu na comunidade do Carandá, na região sul do distrito do Itaiacoca, no ano de 1944. Trabalhou com seus pais e irmãos na lavoura de subsistência durante a infância e adolescência, sendo empregado como peão no início de sua vida adulta. Foi trabalhando como peão no bairro da Roça Velha, que o Seu Chico Bento¹⁸⁶ conheceu a mulher com quem viria a se casar, dona Maria Clara, filha de seu empregador. De acordo com ele, a história de sua vida daria um romance:

O senhor conheceu a sua esposa numa... quando o senhor conheceu? Numa festa, num baile... como que o senhor conheceu sua namorada?

Seu Chico: Inclusive eu era peão do pai dela. Trabalhava...

Trabalhava na...

Seu Chico: Trabalhava com o pai dela. E por eu ser camarada, ela não...

Não queria dar bola para o senhor?

Seu Chico: Não. Casar com pobre era atraso de vida. (risos)

Dona Maria Clara: Diz que sogro pobre é sina, mas marido pobre é destino. (risos)

Seu Chico: Engraçado...

Dona Maria Clara: [interrompendo] Faz muito pouco tempo. Faz só cinquenta e dois [anos] [ironia].

Seu Chico: Engraçado. Naquela festa onde tivemos junto, lá... estava tudo ela, as colega dela, prima dela, e um rapaz aqui da Barra Grande¹⁸⁷... amigo da gente. Nós proseando e... engraçado, dá um romance a vida da gente. Daí você quer ver, o rapaz me disse: “-Olhe, teve um esperto lá... você tem coragem de ir lá entregar um recado para mim, para Maria Clara?”. Digo: “-Tenho”. E vai eu lá. Comprometer a “moçarada” e disse: “-Olhe, é assim, assim e assim”. Daí ela disse: “-É... quem a gente quer, não quer. Quem a gente não quer, quer”. Daí deu no miolo do homem¹⁸⁸, né?...

¹⁸⁴ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9–24, 1992.

¹⁸⁵ BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. *Revista Brasileira de História*, v. 17, n. 33, p. 293–305, 1997.

¹⁸⁶ O apelido Chico Bento se origina no costume comum dos itaiacocanos, em se referir às pessoas pelo nome do patriarca das famílias. Neste caso, além do apelido comum ao nome Francisco, Chico, era chamado Bento por causa de seu pai, Bento Ribeiro, não tendo nenhuma relação com o personagem de mesmo nome, das histórias em quadrinho. Da mesma forma, no Itaiacoca, existem os Arlindo (filhos de Arlindo da Luz e Souza), os Casemiro (filhos de Casemiro da Luz) entre outros que carregam o primeiro nome de seus pais, em seus apelidos.

¹⁸⁷ Comunidade localizada na região sul do distrito do Itaiacoca, vizinha à Roça Velha.

¹⁸⁸ A expressão “dar no miolo do homem” significa “fazer com que se entenda uma situação, a partir de um acontecimento”. Neste caso, a fala de Dona Maria Clara “Quem a gente quer, não quer. Quem a gente não quer, quer” fez com que o Seu Francisco percebesse que era ele “quem ela queria”, abrindo caminho que ela a cortejasse.

[risos] Veja só...

Dona Maria Clara: Olhe a entrevista [repreende, envergonhada]

Seu Chico: E eu, digo: “vamos entrar por aqui”. Daí eu já fui meio, deixando as outra, né?... Deixando das outra, ficando mais para cá e pá, pá... Vamos ver que bicho vai dar, né? E deu o que deu.¹⁸⁹

A referência ao romance parece se dar pela semelhança com alguns roteiros comuns da literatura e dramaturgia, em que personagens com histórias de vida muito diferentes acabaram apaixonando-se e terminando juntos, após episódios singulares ou engraçados, como foi a entrega do recado, que deu início à relação entre o mensageiro e sua destinatária, deixando de fora o autor e remetente do recado. A fala do entrevistado permite verificar a existência de uma hierarquia social, que não permitiu uma primeira abordagem do empregado, mais pobre, à filha de seu patrão, mais rica, mas também permite refletir sobre uma identidade de grupo, que fez com que a Dona Maria Clara enxergasse o trabalhador como um igual, com o qual poderia se casar. Da maneira como comentei no primeiro capítulo deste trabalho, isso está relacionado ao profundo vínculo destas pessoas com o lugar onde vivem, neste caso, compartilhado por ambos¹⁹⁰.

Francisco e Maria Clara Ribeiro casaram-se no ano de 1964 e tiveram dez filhos, vivendo do que produziam em suas terras, na agricultura e pecuária de subsistência, empenhando parte de sua colheita no comércio local ou vendendo os excedentes da produção para atravessadores na área urbana da cidade de Ponta Grossa.

E a sua lavoura, quando o senhor trabalhava com a lavoura, o senhor vendia aqui para... mesmo? Ou vendia para cidade?

É... daí o negócio era consumido meio por aqui mesmo se... fornecia, aquela época, para você fazer a roça, você tinha que hipotecar a lavoura. Daí o comerciante lá, te fornecia. Você comprava o arroz, lá... pá, pá... para limpar esta lavoura. Daí escolhia o feijão, por primeiro, vendia para você pagar o seu caderno, lá. Daí era lá, esse rolo. E o que sobrava, você criava o porco, matava o porco e aquela folia.¹⁹¹

A expressão “hipotecar a lavoura” se referiu à prática de venda antecipada da lavoura, em que o agricultor comprometia sua produção antes da colheita, em troca dos bens de consumo adquiridos no comércio local, e anotados em um caderno. O pagamento desse tipo de compra à crédito, se dava quando da colheita do produto da lavoura.

¹⁸⁹ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁹⁰ ALMEIDA JR., Antônio Ribeiro de; HOFFEL, João Luiz de Moraes; QUEDA, Oriowaldo. *A propriedade rural como símbolo: representações sociais e impactos sobre o ambiente na bacia do Rio Atibainha, SP*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

¹⁹¹ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Op. Cit.*, 2016. Grifo meu.

Embora, para os pequeno-agricultores, a possibilidade deste tipo de transação seja considerada fruto da benevolência do comerciante local¹⁹², uma vez que permitia o abastecimento da casa, mesmo nos períodos em que não existia circulação de dinheiro nas propriedades rurais, ela era vantajosa para esse comerciante, que garantia um produto de melhor preço e qualidade, para a revenda na área urbana do município. Isso se dava pela possibilidade de fazer a primeira escolha do produto, bem como a de negociar os preços de maneira desatrelada ao valor de mercado do produto. Ao negociante era confiado o valor do produto, não havendo naquele lugar nenhuma cooperativa ou sindicato de produtores rurais, que orientasse os trabalhadores e regulasse os preços dos produtos comercializados.

Para complementar a renda da família, o Seu Francisco prestava serviços como domador de animais. Ainda que reconhecesse o perigo desta atividade, reconhecia a necessidade de sua realização, para garantir o sustento da vida.¹⁹³

Eu sou todo aleijado de criação. Eu domava... domava burro, domava cavalo, para manter a vida. Você pegar o dinheiro e... arriscar a vida para tirar o dinheiro... era obrigado para tirar o dinheiro, para pagar o sustento da vida, né? Eu passei cada... para o peito... Pesado! Por que você enfrentar um burro brabo, aí... é mais perigoso que você enfrentar um ‘trinta e oito’¹⁹⁴.¹⁹⁵

De modo semelhante ao que se viu no capítulo anterior, quando comentei sobre o senhor José Maciel, a fala do Seu Chico Bento exalta um saber-fazer que parece enchê-lo de orgulho. Domesticar animais “xucros” era um serviço tipicamente do campo, mas que apenas alguns sabiam (e podiam) fazer. Assim, contar sobre o domínio da técnica, não apenas reafirma sua identidade de homem do campo, mas o coloca em posição de destaque sobre outros homens, ao colocar sua virilidade e dureza em destaque¹⁹⁶.

¹⁹² LUZ, Afonso Lopes da. *Afonso “Neno” Lopes da Luz: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁹³ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹⁹⁴ O termo ‘trinta e oito’ se refere a um tipo de arma de fogo de mão, normalmente revólver, que utiliza munição de 0,38 polegadas de diâmetro.

¹⁹⁵ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Op. Cit.*, 2016.

¹⁹⁶ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 70.

No entanto, ao mesmo tempo, o trecho permite perceber certo arrependimento na voz do Seu Chico, que carrega até hoje algumas sequelas das vezes em que teve que enfrentar animais bravos, que o deixaram ‘todo aleijado’, como ele disse. Em sua fala, esta e outras atividades difíceis do campo acabaram por desgastar sua saúde até que, no ano de 1975, parou de trabalhar na lavoura, procurando um emprego estável na Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

O senhor parou por causa da saúde?

Por causa da saúde, se não estava até agora, né?

[...]

O senhor chegou a viver da... da terra, aqui... sem precisar trabalhar fora.

Sim.

E quando que mudou?

Não muito bem porque a gente tinha que deixar porque o... lidando com problema de doença... meu sogro ficou uns cinco anos de cama, e daí a gente se apurou aquela época. Criançada pequena. Então a rapaziada ficou... passei eles na... lidando com a lavoura. Apeei do custo de vida. E eu parti para o lado do emprego.¹⁹⁷

Embora pareça controversa, esta sequência me permitiu ponderar sobre o modo como este senhor relembra sua vida. Ao mesmo tempo em que disse que deixou de trabalhar na roça devido à saúde debilitada, e que, de outro modo, teria continuado até os dias de hoje, Seu Francisco falou que saiu ‘para o lado do emprego’ para garantir o sustento da família, que havia ‘se apurado’¹⁹⁸ com a doença de seu sogro.

Atribuir a mudança ao problema de saúde, frisando que a decisão não fora escolha sua, parece uma maneira de reforçar sua identidade de homem do campo, que abandonou a atividade agrícola exclusivamente pela impossibilidade de se continuar nela. De outra maneira, não conseguir tirar o sustento da terra, poderia ser considerado um fracasso e trazer vergonha para o agricultor.

Isso fica mais claro quando se sabe que o entrevistado passou a trabalhar no Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, em um serviço tão pesado quanto era o antigo trabalho na lavoura. O emprego formal, no entanto, garantia um rendimento fixo, independentemente de qualquer circunstância, como o clima ou variação do preço do

¹⁹⁷ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

¹⁹⁸ A expressão ‘se apurar’, significa enfrentar grande dificuldade, normalmente financeira.

produto, sendo uma estratégia que permitiu a permanência de sua família no distrito do Itaiacoca¹⁹⁹.

Apesar das dificuldades, os filhos de Francisco e Maria Clara Ribeiro continuaram trabalhando na roça enquanto puderam, produzindo parte do que era consumido na propriedade, com o auxílio do salário do pai para a compra daquilo que era necessário, como grande parte das famílias itaiacocanas. Em estudo realizado no Distrito do Itaiacoca, Cleide Lavoratti afirmou que, entre os anos 1980 e 1990, a maioria das famílias residentes no distrito se ocupava da agricultura familiar como principal atividade, contanto com pelo menos um integrante da família recebendo salário fixo, como aposentado, empregado ou pensionista, garantindo um mínimo de estabilidade financeira para a família, e possibilitando sua reprodução social.

Com o passar dos anos e a instalação de empresas de plantio e industrialização de madeira no Itaiacoca, como a Águia Florestal²⁰⁰, a família do Seu Francisco foi desistindo das atividades do campo, empregando-se nestas empresas, ou migrando para a área urbana de Ponta Grossa, em busca de empregos nas indústrias. Viver da agricultura já não era mais possível, naquele modelo.

Chico Bento chegou a trabalhar na cidade de Ponta Grossa, realocado durante alguns anos no mandato do prefeito Otto Cunha²⁰¹, chegando a alugar uma casa para morar na cidade, durante este período, mas nunca se afastando de sua propriedade no bairro da Roça Velha, voltando a trabalhar na terra, depois de sua aposentadoria, aproximadamente no ano de 2000.

E para cidade, o senhor nunca pensou em mudar para lá?

Não!

Nunca?

Ainda não. As meninas as vezes vem aqui, a Nilda... “-Ah pai... vender tudo as criação e ir embora para lá”. Não! A gente gosta da folia, né?

O senhor não pensa em deixar aqui?

Não! Eu mesmo, não. Não tem como, né?²⁰²

¹⁹⁹ Para saber mais sobre as estratégias utilizadas pelos trabalhadores do Itaiacoca para se manterem em suas propriedades, recomendo a dissertação de mestrado “Agricultura familiar: estratégias de reprodução social numa comunidade rural – estudo de caso em Itaiacoca-PR”, de Cleide Lavoratti.

²⁰⁰ Empresa de plantio e industrialização de madeira, com áreas de reflorestamento de pinus em grande parte do distrito do Itaiacoca.

²⁰¹ Otto Santos da Cunha foi prefeito do município de Ponta Grossa entre os anos de 1983 e 1988.

²⁰² RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

Esta fala me permitiu depreender acerca da ligação afetiva com a propriedade e o distrito, uma vez que, ainda que tenha enfrentado dificuldades que o obrigaram a procurar outra forma de sustento, para o entrevistado não existe outra maneira de se viver, que não seja em sua propriedade no Itaiacoca. “Não tem como” deixar de viver no campo para uma vida na cidade, não significa a impossibilidade de se mudar, mas a expectativa de se viver no campo, e em especial naquela propriedade, até o fim de seus dias.

É interessante observar, também, a forma como Francisco Ribeiro percebeu sua vida no campo. Ainda que tenha comentado inúmeras vezes sobre as dificuldades do trabalho agrícola, ao longo da nossa conversa, em sua memória a vida no campo está repleta de felicidades, sendo entendida como uma folia.

Isso acontece porque, de acordo com Ulpiano Meneses:

[...] uma autobiografia nunca é estática, nem se desenvolve pela simples adição de elementos novos, na sequência do tempo, mas comporta contínuas reestruturações de eventos passados. E, ainda que se mantenham os núcleos fundamentais, os fios condutores, as contingências do presente se integram a todas as dimensões da narrativa.²⁰³

A rigidez dos horários de trabalho e a subordinação à hierarquia profissional vivenciadas durante o período trabalhado na Prefeitura, parecem serem vislumbrados como chatice, comparado com a liberdade de se trabalhar por conta, com seus companheiros, tendo a si mesmo como patrão. Assim, a memória do trabalho poderia apresentar exclusivamente a realização da atividade que garantia o sustento, e posteriormente ser reestruturada e ressignificada de acordo com novas referências, experienciadas da vida daquele que lembra, como a folia que era trabalhar, ou de alguma outra forma.

Sendo assim, na memória deste agropecuarista, o trabalho na terra é relacionado ao próprio viver, e é sempre notado como difícil, mas ao mesmo tempo agradável: “A vida da gente era ‘runião’ de carpida, era puxirão... Sofria, mas se regalava”²⁰⁴. É possível, através da fala do senhor Francisco, observar a relação íntima entre o trabalho e a vida no campo, na construção de sua identidade. Isso e a luta para se manter na propriedade, comentada anteriormente, estão relacionados ao que Almeida Jr., Hoeffler e Queda escreveram sobre a

²⁰³ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9–24, 1992.

²⁰⁴ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

relação entre a propriedade rural e a identidade do homem do campo, comentada no primeiro capítulo deste trabalho²⁰⁵.

No entanto, percebe-se que, para ele o trabalho na terra é agradável porque faz parte de momentos de sua vida, mas não exatamente da visão que tem de si, enquanto homem do campo. Acredito que, por continuar trabalhando na terra depois de sua aposentadoria, não existe romantização sobre o trabalho, na fala do senhor Chico Bento.

Deste modo, o trabalho não está relacionado ao modo como ele se vê, como pareceu pensar o senhor José Maciel, comentado no capítulo anterior, mas às boas lembranças de sua vida. Embora faça parte do processo de identidade, o trabalho não aparece diretamente relacionado à sua vida, como em outros depoentes. A propriedade rural e as relações sociais mantidas nesse lugar, no entanto, ocupam este lugar nas falas desse senhor, como veremos adiante.

As dificuldades impostas pela atividade rural, como o mencionado perigo em se tratar de animais bravos, o repetitivo esforço, que acaba por desgastar a saúde do trabalhador, e a instabilidade na produção e rentabilidade da lavoura, que o levou a procurar um emprego formal fora da propriedade, são lembradas com recorrência em suas falas. Quando perguntado sobre a época em que era melhor viver, Francisco Ribeiro disse que:

Ah é o... toda vida é o agora, né?... Porque você veja uma coisa: a mudança, a bem... claro que é bom. Você já tem mais um pouquinho de liberdade na grana. Teu futuro já pode aproveitar melhor... Então tudo é... claro que... [interrompe]²⁰⁶

Sua resposta parece estar diretamente ligada às dificuldades que enfrentou durante a vida. A melhora das condições de vida, com a relativa estabilidade financeira proporcionada pelo salário fixo, os direitos trabalhistas, como a aposentadoria, e mesmo as facilidades provenientes da melhoria da infraestrutura do distrito, como o transporte público, anteriormente inexistente, são relacionados ao “agora” e contribuem para a opção do entrevistado.

No entanto, Dona Maria Clara rebate sua resposta afirmando que “ele quer voltar para trás [...] quem nem caranguejo, o tempo que ele quer ir para frente, ele quer voltar

²⁰⁵ ALMEIDA JR., Antônio Ribeiro de; HOEFFEL, João Luiz de Moraes; QUEDA, Oriowaldo. *A propriedade rural como símbolo: representações sociais e impactos sobre o ambiente na bacia do Rio Atibainha, SP*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

²⁰⁶ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

para trás”²⁰⁷. Ela provavelmente se refere ao saudosismo do esposo, sempre que lembra do passado, especialmente no âmbito da sociabilidade, ou talvez ao seu próprio saudosismo e experiência sob este aspecto, que podem ser percebidos quando lembram, por exemplo, dos mutirões em que participaram:

[...] o que era o puxirão, o que que era a carpida? Como é que funcionava?

Bom... o dono da roça marcava de dar o baile. Tratado... tratado o povo, reunir o povo, para limpar esta roça. Tratado... dava o café, o almoço... janta. Surgia o bailão, o que não vinha carpir, pagava o valor do quadro... naquela época. Funcionava assim.²⁰⁸

Os puxirões eram mutirões organizados para a realização de um serviço, cujo pagamento se dá pela oferta de um baile, àqueles que fizeram parte da empreitada. No entanto, o senhor Francisco mal menciona o trabalho quando responde o que eram os puxirões, concentrando-se em falar sobre o baile e as refeições feitas em conjunto. Estes talvez sejam os ambientes em que a sociabilidade foi melhor sentida pelo entrevistado, que pareceu verdadeiramente entusiasmado ao falar sobre estes mutirões.

E tinha bastante gente?

Seu Chico: Ah... reunia naquele tempo. Ôh! [entusiasmado] tinha puxirão que tinha setenta peão. Setenta companheiros.

E quem era estas pessoas que vinham? Vizinho? Era parente?

Seu Chico: Sempre vizinho. Aqui, bem dizer todo mundo fazia puxirão. O teu sogro lá, falecido [referindo-se, provavelmente ao avô de um dos entrevistadores)... Todo mundo. Era gostoso! O povo lá parecia que era mais...[interrompido quando parecia falar sobre a união das pessoas nessas empreitadas]

Dona Maria Clara: [interrompendo] Faziam puxirão até de roçado de gramado. Roçado de pastagem.

Seu Chico: Reunião na Boa Vista²⁰⁹ só para limpar aquele “guaxumalção”²¹⁰ dele... Era legal, né?!²¹¹

A lembrança das reuniões com dezenas de companheiros, brincando, conversando e fazendo piada uns com os outros, nos puxirões, aparece exclusivamente de forma positiva, sem as dificuldades explicadas em outros momentos, quando falávamos sobre o trabalho. Trabalhar desta maneira era gostoso. Legal. O trabalho realizado daquele modo deixava o povo mais próximo e unido, em suas recordações.

Pode-se pensar que os mutirões podem ser rememorados deste jeito devido ao seu caráter de fuga de rotina. Entretanto, eles aconteciam diariamente durante alguns

²⁰⁷ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.. Grifo meu.

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ Comunidade do distrito do Itaiacoca.

²¹⁰ O termo guaxumal se refere a um campo de plantas do tipo guaxuma ou ‘vassourinha’, ruderais e campestres, da família das Malváceas.

²¹¹ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara, *Op. Cit.*. Grifo meu.

períodos do ano, nas lavouras de cada um daqueles que participavam das empreitadas, de modo que, de certa forma, podiam inclusive configurar uma rotina de trabalho.

No entanto, a intensidade das relações sociais, nestes encontros, diferia completamente do trabalho solitário na roça, sendo talvez, este um dos motivos para que os mutirões sejam lembrados com saudade pelos entrevistados. Se naquela época, organizavam-se mutirões até mesmo para a realização de tarefas simples e sem os rígidos prazos de execução de uma lavoura, como roçadas de gramados e pastagens, hoje o senhor Francisco se vê obrigado a trabalhar sozinho em suas terras, penando com as dificuldades impostas pela atividade agropecuarista, sem a alegria de poder contar com os amigos e parentes na execução do trabalho.

O trabalho, desta forma, aparece mais comumente relacionado à sobrevivência do que à vida, em sua memória. Isso se dá, provavelmente, ao fato de ainda depender do trabalho agrícola para o seu sustento, de modo que não há saudosismo sobre a prática que perdura. No viver rural, o trabalhador continuou a lutar pela sobrevivência material através do trabalho no campo, de modo que não pode considerar esta como uma luta ganha. Desta forma, mesmo que tenha perdurado vivendo no distrito através do seu trabalho na terra, e das estratégias que desenvolveu para a reprodução do seu modo de vida, enquanto muitos de seus conhecidos não conseguiram fazer o mesmo, Seu Chico descarta de suas memórias este aspecto do trabalho, enfatizando outros aspectos, como a sociabilidade.

Para Ulpiano Meneses, a memória de uma pessoa é dependente de mecanismos de seleção e descarte, de modo que pensar é abstrair.²¹² Assim, acredito que a rejeição ou desvalorização das lembranças sobre o trabalho como meio de sustento, quando comentou sobre o seu passado, se deva à maneira como relaciona este aspecto do trabalho à sua vida no presente.

Através do exposto, não se pretende que a trajetória do senhor Francisco possa servir como um modelo de compreensão das trajetórias de trabalho dos itaiacocanos. A maneira como significou sua vida é singular e diz respeito às suas experiências, de modo que somente corresponde a ele próprio e à forma como interpretou e reinterpreto sua vida, ao longo de sua existência.

Ao se entrar em contato com outros depoimentos, mesmo que sejam de moradores vizinhos, que viveram na mesma época e lugar, e que compartilham muitas de suas referências, entra-se em contato, também, com outras formas de significação de suas vidas e

²¹² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9–24, 1992.

trajetórias. Isso foi notado claramente, quando comparei este depoimento ao de seu vizinho próximo, Afonso da Luz, cujas experiências levaram-no a uma percepção muito própria das suas trajetórias de vida.

4.2 AFONSO “NENO” LOPES DA LUZ, 83 ANOS

Afonso Lopes da Luz, ou Neno, como gosta de ser chamado, nasceu e viveu toda sua vida na comunidade da Roça Velha, região sul do distrito do Itaiacoca. Casou-se com a senhora Virgínia há cinquenta e nove anos, e com ela teve seis filhos.

Diferente do que se pode notar na fala do senhor Francisco, nas lembranças do senhor Afonso são vibrantes as narrativas dos ofícios e modos de trabalhar, como parte de sua vida. A dureza da vida no campo aparece com frequência em sua fala, de modo que, ter sobrevivido àqueles tempos de dificuldades sem nunca ter precisado desistir do trabalho na lavoura, parece fortalecer sua identidade na condição de homem do campo. Isso pode ser notado até mesmo em sua fala de apresentação, quando pedi para que contasse um pouco sobre sua vida:

Seu Neno: Eu nasci na Roça Velha, toda vida. Me criei lá na Itaiacoca, né?... Saí de lá... quando vim para cá... agora, faz dois ano que estou... que nós saímos da Itaiacoca. Toda vida, minha luta foi só a lavoura, também. Nunca fui empregado, nada. Trabalhava com a roça... plantava milho, feijão, criava porco, galinha, gado.
Dona Virgínia: Arroz... plantava tudo.

Seu Neno: Tinha... lidava com gente bastante, assim. Fazia puxirão, que dizia... runião de gente... reunia quarenta, cinquenta homem para carpir as roças, né?... Tudo trocado o serviço, assim... um ia trabalhar para o outro, né?... uma semana era para um, uma semana era para outro. E... depois daquele... minha luta foi só a lavoura toda vida. Nunca troquei de... É, depois que meu pai morreu eu tinha dezessete anos, e aí que eu... daí eu vim para o quartel²¹³. Tirei um ano no quartel. Voltei lá de novo na roça. Foi só o tempo que eu saí de lá foi este tempo.²¹⁴

Seu Neno enfatiza a luta da atividade na lavoura, que se pode entender como sendo as dificuldades impostas pelo trabalho pesado, necessário para a manutenção das roças e à criação de animais, ou mesmo a peleja para se manter no campo, dadas as transformações explicitadas no primeiro capítulo deste trabalho, e vividas de perto por aqueles que se ocuparam da agropecuária de subsistência naquele contexto.

Embora tenha ressaltado que viveu da lavoura a vida toda, a instabilidade infringida à agropecuária familiar, através da quebra de safras, queda de preços dos produtos vendidos, dificuldade de venda da produção etc., obrigou a família de Afonso da Luz a se

²¹³ Para o cumprimento do serviço militar obrigatório.

²¹⁴ LUZ, Afonso Lopes da. *Afonso “Neno” Lopes da Luz: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

organizar em diferentes estratégias, ao longo dos anos, para garantir a conservação de sua vida na propriedade rural.

Entre elas, Neno contou ter utilizado o crédito rural através no Banco do Brasil por um período de doze anos, e que tinha no PROAGRO – Programa de Garantia da Atividade Agropecuária²¹⁵ uma segurança contra quebras de produção motivadas por fatores climáticos.

Lidei muito com o Banco do Brasil. Lidei doze ano com o banco, fazendo empréstimo para a lavoura, né?... Então... fazia empréstimo, assim, por ano. Daí quando chegava o dia do ano, pagava aquele ano. No outro ano, pegava de novo. Fazer as roça, né?... Cinco alqueire²¹⁶ todo ano, de roça. Milho e feijão.

Estes empréstimo, que o senhor fazia... era para custeio da lavoura ou tinha empréstimo para compra... aumentar a produtividade? Compra máquina, estas coisas, também tinha?

É... fazia para manter nós e comprar as coisas também, de fora.

[...]

E no banco não tinha financiamento que pudesse... comprar esta... a secadora... ensacadora... estas coisas?

Tinha, primeiro... o juro era barato, né? Até o caso que, quando a gente lidava com as lavoura. Quando eu lidei, né... doze ano, o juro era bem baratinho. Era um e meio por cento, por ano. Então dava para você fazer a roça, lá... tranquilo. E daí comprava também... tirava para comprar gado. Lote de gado... tirava para comprar arame, para fazer invernada. Tudo tinha o juro. E era... arame e gado era três ano o prazo. Nós pagava o “jurinho”... nada, nada. E a roça também, você fazia. Caso desse um desconto²¹⁷, como dava, de sol demais. Perder o feijão... coisa lá... o banco ia lá e cobria. Pagava para gente.

E para pagar equipamento, não tinha?

Não tinha. Aquele tempo era roçada no toco²¹⁸, assim. Fazia a roça, queimava e plantava. Não era, assim, tirado maquinário para... financiado. Só tirava para plantar... o toco, que dizia.²¹⁹

A segurança do PROAGRO e a baixa taxa de juros do financiamento ajudaram ao itaiacocano se manter vivendo da agricultura neste período, favorecendo o custeio da produção e a comercialização de produtos agropecuários. No entanto, a exclusividade da modalidade ‘custeio’ de financiamento, oferecida pela instituição bancária, impossibilitou o

²¹⁵ O PROAGRO é um programa governamental, instituído pela Lei 5.969/1973 e regido pela Lei Agrícola 8.171/1991, ambas regulamentadas pelo Decreto 175/1991, que garante a exoneração de obrigações financeiras relativas a operação de crédito rural de custeio, cuja liquidação seja dificultada pela ocorrência de fenômenos naturais, pragas e doenças que atinjam rebanhos e plantações, na forma estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional - CMN.

²¹⁶ Área equivalente a aproximadamente 121.000 m², ou trinta campos de futebol.

²¹⁷ Quebra de safra.

²¹⁸ Sistema baseado na derrubada e queima da vegetação, seguindo-se um período de cultivo e, após o declínio da fertilidade do solo, um período de pousio para restauração da fertilidade.

²¹⁹ LUZ, Afonso Lopes da. Afonso “Neno” Lopes da Luz: entrevista [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

fortalecimento econômico do agricultor, através do incremento dos investimentos rurais, para armazenamento e beneficiamento destes produtos, de maneira semelhante à reportada no relatório organizado pelo IPARDES, já mencionado no primeiro capítulo deste trabalho.²²⁰

A fala do entrevistado permite perceber que, ainda que o crédito rural não tenha sido oferecido e aproveitado de modo a cumprir com os objetivos especificados pelo governo federal²²¹, a instituição financeira é vista com afeição por ele. Mesmo que não tenha conseguido fortalecê-lo como produtor rural, através do aumento de produtividade de suas terras, o financiamento do custeio da produção contribuiu para a manutenção de sua sobrevivência no campo, em um período em que muitos se viram obrigados a abandonar o distrito e a agropecuária familiar, incluindo alguns de seus filhos, que insistiram para que seus pais os acompanhassem na mudança.

Mesmo que tenha afirmado que “nunca tinha plano de vir embora para cá”²²², Seu Neno comentou que chegou a construir uma casa na cidade, neste período, para ‘lograr’ seus filhos, que persistiam no convite para que se juntassem a eles. Entretanto, a casa foi alugada e ele continuou residindo no distrito. Acredito, no entanto, que a construção desta casa tenha se dado em um momento de incertezas sobre a permanência da família na propriedade, em uma das muitas crises pelas quais foram submetidos, de modo que poderiam mudar-se caso a situação se complicasse.

Mesmo assim, a afirmativa do senhor Afonso me pareceu coerente com a memória de sua vida, de modo que o ‘esquecimento’ (ou o silêncio) acerca da possibilidade de necessitar abandonar a lavoura para uma vida na cidade, diz muito sobre a maneira como ressignificou sua trajetória no presente, descartando de suas lembranças ou de sua narrativa os eventos que ameaçaram sua condição de homem do campo, no passado. Sobre isso, conforme escreveu Meneses: “A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitação do presente”²²³, de modo que, para ele (ou à imagem que quer que seja compartilhada sobre

²²⁰ INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Contribuição ao estudo do crédito rural no Paraná*. Curitiba: IPARDES, 1978.

²²¹ Através da Lei 4.829, de 5 de novembro de 1965, que institucionaliza o crédito rural.

²²² LUZ, Afonso Lopes da. *Afonso “Neno” Lopes da Luz: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

²²³ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9–24, 1992.

ele), a condição de homem do campo, pela qual se reconhece hoje (e quer ser reconhecido), nunca sofreu semelhante abalo.

Afonso Lopes disse ter se utilizado do crédito rural até quando do aumento da taxa de juros, situação que julgou temerária a renovação do financiamento, pelo risco de impossibilidade de pagamento da dívida e execução das garantias²²⁴. Desta forma, obrigou-se a organizar novas estratégias que permitissem a manutenção de seu meio de vida na propriedade. A comercialização de madeira de lei extraída da mata nativa e o arrendamento de terras à Banestado S/A Reflorestadora²²⁵, ajudou a complementação da renda familiar durante um período, até que ele e sua esposa conseguiram o direito à aposentadoria como trabalhadores rurais, recebendo salários que permitiram prosseguirem com as atividades rurais.

O casal continuou a viver da agricultura de subsistência, em sua propriedade, na comunidade do Roça Velha, podendo contar com seus salários de aposentadoria para complementar a renda e garantir certa estabilidade econômica para eles. Há cerca de dois anos, em consequência a um AVC – Acidente Vascular Cerebral²²⁶, o senhor Afonso se obrigou a encerrar sua atividade na lavoura, resolvendo mudar-se para a área urbana do município de Ponta Grossa.

O encerramento compulsório de uma vida de mais de oitenta anos de trabalho na agricultura seja, talvez, o aspecto mais relevante a ser considerado, quando se procura compreender a maneira como este sujeito percebe a si mesmo e significa sua trajetória no distrito do Itaiacoca. Sua decisão em migrar para a cidade, quando não podia mais trabalhar na lavoura, deu indícios sobre a maneira como entendia a relação entre sua condição de homem do campo e o trabalho. A identidade de homem do campo estava rigidamente vinculada ao morar e trabalhar no campo, sustentando-se através da atividade agrícola, de modo que a impossibilidade de se fazer uma das coisas, culminou na recusa da outra. O deslocamento à cidade se deu quando já não se podia mais viver do trabalho na lavoura. Ainda assim, o senhor Neno fez questão de dizer que a decisão de se aposentar não fora sua, mas se deu em razão das circunstâncias.

²²⁴ Alguns tipos de financiamento são concedidos mediante a vinculação de bens móveis ou imóveis em garantia ao pagamento da dívida. Deste modo, o não pagamento resulta em execução da garantia, através da captura do bem dado em garantia.

²²⁵ Empresa estatal, criada em 1974 com a finalidade de captar recursos oriundos do imposto de renda, visando à implantação de projetos de reflorestamento, especialmente de pinus e de palmito, no Estado do Paraná.

²²⁶ O acidente vascular cerebral, ou derrame cerebral, ocorre quando há um entupimento ou o rompimento dos vasos que levam sangue ao cérebro provocando a paralisia da área cerebral que ficou sem circulação sanguínea adequada. O AVC também é chamado de Acidente Vascular Encefálico (AVE).

No entanto, ainda que se saiba sobre a importância do aspecto ‘sociabilidade’, para se entender a maneira como homens e mulheres do campo experienciaram suas vidas, este fator não é frequente nas falas do senhor Neno, que mesmo contando ser um dos únicos gaiteiros de baile de sua época, o que lhe garantiu um sem-número de sociações e relações sociais, não exaltou nenhuma relevância nessas relações, ao longo de sua narrativa sobre a vida no distrito do Itaiacoca.

Mais uma vez diferenciando-se da fala do senhor Francisco, quando perguntado sobre as coisas que sente saudades, Afonso descarta de suas memórias o aspecto sociabilidade, enfatizando outra vez o trabalho e a impossibilidade de escolha em continuar vivendo daquele modo, quando diz: “eu tenho saudade ainda de morar lá, e lutar como eu lutava, mas agora não pode mais”²²⁷. Morar lá e lutar para continuar morando, através do trabalho, parecem significar a mesma coisa para este senhor.

Sei, entretanto, que o silêncio sobre o fator sociabilidade, observado neste depoimento, não significa necessariamente o desprezo do narrador pelas relações sociais que manteve ao longo da vida. Da forma como ponderei anteriormente, quando falava sobre a relação entre o Seu Chico Bento e o trabalho na lavoura, acredito que o aspecto pode ter escapado da narrativa por ter sido julgado, por seu depoente, inoportuno ou mesmo inútil para a construção do depoimento, no presente.

Da maneira como fiz ao analisar a narrativa anterior, acredito que a inexistência de um sentimento de saudade sobre a forma como foram desfrutadas as relações sociais vivenciadas no Itaiacoca pode explicar este silêncio. Ao migrar para a área urbana de Ponta Grossa, escolhendo viver na Vila Jardim Paraíso, Neno voltou a relacionar-se com muitos de seus antigos companheiros, com quem, novamente, compartilha a vizinhança onde reside²²⁸. Desse modo, a forma de se relacionar sofreu poucas transformações em relação ao que era (ou ao que se pensava ser), não existindo uma romantização sobre o modo de se relacionar.

²²⁷ LUZ, Afonso Lopes da. *Afonso “Neno” Lopes da Luz: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

²²⁸ Como o senhor Neno, grande parte dos homens e mulheres do Itaiacoca que migraram para a área urbana do município de Ponta Grossa acabaram se fixando na Vila Jardim Paraíso. Para saber mais sobre isso, recomento a dissertação de mestrado “Fatores endógenos e exógenos que levaram à migração / resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca – Ponta Grossa – PR, na década de 1970”, de José Aparício da Silva.

4.3 DOMINGAS MACIEL CONSTANTE, 83 ANOS

Nascida na comunidade da Barra Preta, no Itaiacoca, Dona Domingas viveu grande parte de sua vida no distrito, migrando para a área urbana de Ponta Grossa há aproximadamente trinta anos, quando ela e seu esposo aposentaram-se. Casada com o senhor Evaldo Meira Constante há mais de sessenta anos, com quem teve oito filhos, ela viveu da agricultura de subsistência, na Barra Velha ou no bairro da Guarituba, na região sul do Itaiacoca, até sua vinda para Ponta Grossa.

Em seu depoimento, trabalho aparece claramente como parte da vida do homem e da mulher do campo. Já no início de sua narrativa, quando se apresentava, fez questão de contar que “a gente se criou trabalhando na lavoura, que antigamente era só lavoura. O trabalho que tinha nos mato era só lavoura [...] Se criamos tirando leite, lá. Fazendo queijo. Tudo isso a gente fazia quando era novo”²²⁹.

Dona Domingas fala de sua história, mas parece estar falando de todos os que viveram “nos mato”, da forma como escreveu Norbert Elias, já comentada anteriormente, no segundo capítulo desta dissertação:

A natureza e o grau de autodistanciamento modificam-se no decorrer do desenvolvimento social. Gostaria de sugerir que uma das maneiras de captar as mudanças na posição de cada pessoa dentro de sua sociedade, bem como as mudanças de autopercepção que caminham de mãos dadas com as mudanças sociais, consistiria em investigar o desenvolvimento das línguas e, em especial, a maneira como as funções pronominais são simbolicamente representadas nos diferentes estágios do desenvolvimento lingüístico. Quando, num épico francês medieval, o guardião dos portões do palácio ora continua a dizer “tu”, ora já diz “vós”, podemos supor que a divisão da forma de tratamento entre “tu” e “vós” constitua a representação simbólica de um crescente distanciamento social. Quando, numa carta de um camponês do passado, as palavras “nós” e “nos” aparecem com mais freqüência do que “eu” e “mim” — ou, para ser mais exato, aparecem com mais freqüência do que se esperaria num missivista urbano daquela época —, pode-se presumir que a balança da identidade-nós e da identidade-eu pendia mais para o lado da identidade-nós no caso do camponês e mais para a identidade-eu no do correspondente citadino.²³⁰

Em sua obra, Elias fala do camponês de um passado mais afastado, no contexto europeu, mas acredito poder relacionar seu entendimento aos homens e mulheres do campo sobre os quais trato neste trabalho, moradores ou ex-moradores do distrito do Itaiacoca, cuja autopercepção parece apoiar-se mais para o comunitário e menos para o individual.

²²⁹ CONSTANTE. Domingas Maciel. *Domingas Maciel Constante: entrevista* [01 de abr. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 66min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

²³⁰ ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p.161 Grifo meu.

Assim, em uma simples sequência de falas, Domingas demonstrou sentir-se pertencente ao lugar em que nasceu e viveu por mais de meio século. Ao mesmo tempo, relacionando sua história à daqueles que compartilharam de muitas de suas vivências no distrito, a entrevistada atribuiu ao trabalho parte importante nestas histórias. Para ela, o trabalhar e, especialmente, o saber trabalhar é entendido como inerente àqueles que viviam no campo, como pude observar no seguinte trecho:

A senhora falou que venderam as terras de lá. Venderam para as pessoas de lá mesmo?

Daqui. Foi pessoas daqui que compraram. Mas, também, não tem nada mais lá. Compraram e já, logo se... Porque daí não sabiam lidar. Ficaram um pouco lá, já venderam, também.²³¹

Não passou pela cabeça da agricultora que a compra de sua antiga propriedade pudesse ter se dado com objetivo de revendê-la com lucro, ou que talvez os compradores não se acostumaram com o local, não puderam manter a área por algum motivo alheio a eles ou mesmo que tenham recebido uma boa proposta de venda, mas a inaptidão para o trabalho na lavoura foi logo apontada por ela, que desacreditou que alguém “daqui” (da cidade) pudesse conseguir “lidar” na lavoura, e se manter da agropecuária, como ela fez desde quando era criança.

De modo semelhante ao que foi visto no depoimento do senhor José Silvestre, para a Dona Domingas estes saberes técnicos e/ou tradicionais são relacionados com o ser e sentir-se do campo. Assim, ignorando o fato de que grande parte das terras da região sul do distrito do Itaiacoca, incluindo aquelas que permaneceram em propriedade e posse de itaiacocanos, são hoje improdutivas, do ponto de vista da agropecuária, ela atribui a improdutividade de sua antiga chácara à incompetência daqueles compradores, que vieram da cidade sem a capacidade técnica necessária para garantir sua produtividade.

Como aconteceu na maioria dos casos, a família de Domingas Maciel migrou para a área urbana de Ponta Grossa durante a década de 1980, devido à dificuldade de se manter vivendo do que se produzia na lavoura. Quando perguntada sobre os motivos que levaram sua família à migração, ela respondeu que:

O motivo foi que os filhos vieram tudo se empregar. Daí para trabalhar na lavoura, de uns tempo em diante não estava dando mais. Não dava muito bem. Daí o que cuidava de tudo o povo de Itaiacoca tinha vindo embora, que era o comerciante, lá. Veio embora, daí já ficou tudo mais difícil. Daí os filhos começaram a vim. Veio o Mario [filho], que daí tinha casado, veio, e foi o irmão mais velho vim, os outros foram vindo também. Daí paravam com ele aqui, e se empregaram nas firma, trabalha. E foi a

²³¹ CONSTANTE. Domingas Maciel. *Domingas Maciel Constante: entrevista* [01 de abr. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 66min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

ponto que ficou só eu, o “véio” [esposo] e o Tião [filho], lá. E a Ana [filha], que é a mais nova. A menina mais nova. A outra, maiorzinha, veio para estudar, daí. Parava com a cunhada. Daí a filha mais velha também tinha casado, também morava aqui. Daí eles foram vindo e ficando com os irmão aqui, se empregando e trabalhando. Até que, enfim, ficou só eu, o “véio” e o Tião, porque não quis deixar nós sozinho. Aí por causa dele que nós viemos. Que daí a gente tinha dó, daí os outro tudo trabalhando no fácil aqui e ele lá na lavoura. Não era certo isso. Daí viemos. E o “véio”, não acostumou e ficou para lá e para cá. Ficava uma semana aqui, uma semana lá. Daí, que deixamos a chácara lá. E ele ficou caminhando lá, e eu fiquei aqui com as meninas. Daí tinham as duas meninas que estudavam. E os piá... o Ademir [filho], que é o mais novo, estavam no seminário. E as menina ficavam comigo e os outros trabalhando. Os três. Aí foi a ponto... o causo de nós vim foi por causo dos filhos. Que eles foram vindo, vindo. Ficamos só nós lá, tivemos que vim também.²³²

Interessante notar que, em sua fala há pelo menos três motivos distintos para os quais atribuiu a migração, entre eles a vinda dos filhos para a cidade, a falta de rentabilidade da atividade agropecuarista, naquele contexto, e até a mudança do comerciante local, para o qual vendiam seus produtos, para a cidade, de modo a enfatizar que sua mudança à cidade não foi exatamente uma decisão familiar, mas uma necessidade dada pelas circunstâncias.

Ainda que aponte para o fato de que “[...] pra trabalhar na lavoura, de uns tempo em diante não estava dando mais”²³³, devido às inúmeras transformações vividas naquele período²³⁴, de modo semelhante ao que fizeram todos aqueles com quem conversei para este trabalho, Dona Domingas não se refere ao encerramento das atividades relacionadas ao trabalho no campo como um resultado do malogro da agropecuária de subsistência, que investiu contra praticamente a totalidade daqueles que dependiam da atividade, no período que abrange vinte anos, entre o final da década de 1970 e dos anos 1990. Acredito que, na maneira de pensar dessas pessoas, admitir o fracasso da atividade implique em abalar suas identidades de homem ou mulher do campo, significando seus próprios fracassos como trabalhadores do campo.

Como construção social, a memória “é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade”²³⁵, de modo que, infligir motivos para o abandono da atividade, como um problema de saúde, a vinda dos filhos para a cidade (não tratada como abandono do campo) e mesmo a dificuldade imposta pela migração do comerciante com quem faziam negócios, significa a atribuição de sentidos para a própria

²³² CONSTANTE. Domingas Maciel. *Domingas Maciel Constante: entrevista* [01 de abr. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 66min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

²³³ *Ibidem*.

²³⁴ Falei sobre isso no primeiro capítulo desse trabalho.

²³⁵ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9–24, 1992.

trajetória, dentro daquilo que Domingas Maciel acredita que seja o ‘ser’ itaiacocano. Para ela, deixar de trabalhar no campo não foi uma escolha para sua família. Escolher deixar de viver do que se produzia, assim, seria uma decisão incompatível com a visão que ela tem sobre o que era: uma mulher do campo. Essas justificativas, que incidiram sob a decisão familiar, demonstram a maneira como as mudanças estruturais em curso, de que comentei no primeiro capítulo, demandaram de estratégias de sobrevivência, como foi a migração para essa família, impossibilitada de manter o modo de vida e produção de antes.

A forma de enxergar a si mesma aparece claramente, na narrativa da antiga moradora do Itaiacoca. Quando pedi para que falasse sobre sua relação com ‘os mato’ e com a cidade, Dona Domingas respondeu prontamente: “Eu me considero caipira [risos]. Me considero bem caipira [risos]. Bem Itaiacoca. Nasci e me criei lá, tem que ser itaiacocana, mesmo. Gosto muito daqui... gosto! Mas gosto de lá!”²³⁶.

Mesmo morando há mais de trinta anos na cidade, e dizendo-se bem adaptada à rotina urbana, ela se auto define como uma caipira, e completa nos falando: “Eu gosto muito de lá. Eu vou lá, eu durmo bem... eu como bem. E aqui eu me sinto mais... sei lá [fazendo expressão de desânimo]. Não me sinto bem que nem lá. A gente chega lá descansa o... a cabeça. Está tudo certo”²³⁷. É difícil dizer exatamente o que é ser uma caipira, mas o uso do termo ‘bem Itaiacoca’ como um adjetivo para a forma como se sente, permite ponderar sobre o que significa ser caipira, para a entrevistada.

Ser caipira, ou ser ‘bem Itaiacoca’, significa ser o que se espera de um itaiacocano e, especialmente, identificar-se com o lugar, construindo desta forma um sentimento de pertencimento a ele. No entanto, da maneira como escreveram Almeida Júnior, Hoeffel e Queda, os agentes externos provenientes da modernidade e da chegada do capitalismo industrial, que comentei no primeiro capítulo, acabaram por desconjuntar a relação entre espaço [como dimensão física] e lugar [como espaço de identificação], trazendo influências sociais distanciadas daqueles espaços. Isso acabou por submetê-los a transformações gestadas fora do

²³⁶ CONSTANTE. Domingas Maciel. *Domingas Maciel Constante: entrevista* [01 de abr. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 66min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

²³⁷ *Ibidem*.

seu âmbito, levando à resignificação da paisagem de acordo com os novos valores, como o homem e a mulher do campo que passam a perceber o campo como um espaço de refúgio.²³⁸

O depoimento da narradora permitiu esta compreensão, em diversas passagens, como quando a senhora comentou que se desloca para o distrito para dormir bem e descansar a cabeça. A chácara, que outrora acumulava funções de moradia, meio de produção e local das relações sociais e do lazer, deixou de existir como moradia e meio de produção, configurando-se agora como um lugar para fugir da rotina, da agitação e do barulho no dia-a-dia na cidade.

Dimitri Fazito, que estuda as migrações sob o aspecto do ‘retorno’²³⁹, escreveu que normalmente “emigra-se com a crença absoluta de que um dia se retornará para o mesmo ‘espaço’ original, como se a decisão de emigrar fosse puramente individual e pontual, localizada num espaço e tempo manipulável racionalmente”²⁴⁰. Para ele, contudo, o retorno é uma possibilidade que só existe no seu devir, uma impossibilidade concreta, pois não se trata apenas da volta para o espaço físico de onde se saiu, mas essencialmente para o espaço social anteriormente experienciado, e que não existe mais. No entanto, ainda que o retorno desejado pelos migrantes seja uma impossibilidade, ele exerce uma força motriz capaz de se materializar em normas, valores e comportamentos²⁴¹, de modo que ser caipira, ou ser ‘bem Itaiacoca’, diz respeito ao que se era e ao que se pretende voltar a ser.

O desejo pelo retorno, verificado na fala da senhora Domingas Maciel, é ainda mais fulgente no depoimento de outro antigo morador do distrito do Itaiacoca, ao qual me ocuparei a partir de agora.

4.4 JOSÉ MARIA DA LUZ, 46 ANOS

Entre todos os trabalhadores com quem conversei no decorrer deste projeto, Seu José Maria da Luz foi com quem pude conviver por mais tempo, gravando duas entrevistas e conversando de forma informal outras dezenas de vezes. Em todas elas, interessou-me sua ligação com o Itaiacoca e, principalmente, seu anseio pelo dia que poderá retornar ao local onde cresceu.

²³⁸ ALMEIDA JR., Antônio Ribeiro de; HOEFFEL, João Luiz de Moraes; QUEDA, Oriowaldo. *A propriedade rural como símbolo: representações sociais e impactos sobre o ambiente na bacia do Rio Atibainha, SP*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

²³⁹ Dimitri trata de um processo migratório distinto do que estamos tratando nesta parte do trabalho. Ele trabalha os sistemas de migração que abrangem brasileiros buscando melhores condições de vida, como imigrantes legais ou ilegais, fora do Brasil. No entanto, penso que algumas de suas considerações acerca do tema, e em especial sobre os aspectos do ‘retorno’ são pertinentes para esta análise.

²⁴⁰ FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 72, p. 89–176, 2010.

²⁴¹ *Ibidem*.

Acreditando ser neto ou bisneto de posseiros, primeiros homens e mulheres a se instalarem naquelas terras, no Itaiacoca, José Maria nasceu e viveu grande parte de sua vida na comunidade chamada Boa Vista, na região sul do distrito. Décimo primeiro de uma família de doze filhos, Seu José cresceu em meio à atividade na lavoura, experienciando o trabalho como parte importante de sua vida.

A família era grande e todos trabalhavam. Os rapazes lavravam a terra, as meninas auxiliavam a mãe na realização do trabalho da casa e arredores e até as crianças ajudavam nas tarefas menos complicadas. Todos iam para a roça, quando necessário. Em seu depoimento, Seu José fala sobre isso, logo na sua apresentação:

Meu nome é José... é... Nasci no distrito de Itaiacoca... antes de Ponta Grossa. Quarenta e cinco anos²⁴². Casado, tenho filhos... é... Me criei na região de Itaiacoca, desde o nascimento até meus vinte e poucos anos, trabalhando na roça. Tinha pouco estudo. Estudei até a quarta série na escolinha da área, lá... e... Minha vida foi bastante dura... trabalhando desde cedo... é... carpindo, roçando... colhendo... umas criaçõzinha lá no mato. E vivia numa... numa comunidade lá pequena... família... minha família era grande. Doze irmão e... “Trabalhandinho” desde cedo... é... Nós trabalhava... em bastante gente é... da família, né?²⁴³

Quando pedi para que falasse um pouco de si, para que se conhecesse sua história, foi logo comentando sobre sua relação com o trabalho, bem como sobre a maneira como se trabalhava na Boa Vista, comunidade formada pelas várias famílias que residiam nas terras de seu pai, Arlindo da Luz e Souza.

Do modo como se observou em depoimentos anteriores, o trabalho apareceu de modo intrínseco à vida de José Maria, não apenas como parte das suas vivências, mas como parte daquilo o que é. Da mesma forma, o “saber fazer” é bastante valorizado na narrativa deste senhor, como se pode ver no trecho abaixo:

E sua família vivia só disso?

Só da agricultura e criava porco. Daí tinha aquele sistema de faxinal, né?... que dizia... era um potreiro grande de porco... um gadinho... um cavalo... aí criavam... porque a maior parte da planta era planta de feijão e milho, né?... e os... para a venda, né?... daí para o gasto que tinha outras plantas, né?... arroz, mandioca, mas para a... de venda seria só, que mais vendia era só o feijão. Era o sistema de roçada ainda, né? Roçava a capoeira, daí queimava e daí fazia o plantio. Aí que vinha o mato, né? Plantava, daí a hora em que nascia a planta, com trinta dia vinha mato. Daí você tinha que pegar e carpir, que era o serviço mais pesado que tinha. Daí que fazia este sistema de reunião, puxirão, né?... que daí fazia... ou mutirão, né?... mas era puxirão que falava. E... daí os cara... é... fazia aquela... aquela... se reunia daí... no puxirão você trabalhava a troco

²⁴² A entrevista foi gravada em 22 de julho de 2014, quando José Maria havia completado o 45º ano de sua vida.

²⁴³ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

do baile. Daí de noite tinha o baile. Divertimento, além das festa religiosa...
Divertimento do baile.²⁴⁴

A menção às técnicas necessárias para aquele sistema de produção aparece de forma espontânea na fala do depoente, que parece achar importante que se saiba que o trabalho na lavoura não é apenas um simples trabalho braçal, mas que demanda de complicados processos que devem ser conhecidos por aqueles que praticam a agricultura.

Da forma como escreveu Yi-Fu Tuan, os agricultores conhecem a natureza porque ganham a vida com ela, de modo que a natureza forma parte deles. Para o autor:

Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança.²⁴⁵

Assim, o “saber fazer”, relacionado às técnicas da agricultura e à própria natureza, inscrevem-se no corpo e na identidade do homem do campo, bem como em suas memórias.

Seu José viveu trabalhando com seu pai até o início de sua vida adulta, no início dos anos 1990. Devido às dificuldades financeiras e ao endividamento de sua família junto à instituição bancária, que financiou o custeio de suas lavouras durante alguns anos, ele decidiu procurar um emprego que lhe garantisse estabilidade financeira, na cidade.

José trabalhou em uma empresa do setor agroindustrial, retornando ao distrito do Itaiacoca, onde voltou a trabalhar a lavoura e retirar o sustento da própria terra. Da forma como comentou Fazito, o ex-lavrador migrou esperando voltar à origem²⁴⁶. Entretanto, acredito que, neste caso, não se esperava voltar para o lugar de onde se saiu, mas para o lugar onde se estava antes mesmo da saída: uma propriedade agrícola, onde se podia viver exclusivamente do que se produzia, sem empréstimos em instituições de crédito rural, mas também sem dívidas.

Acreditou que a liquidação dos débitos possibilitaria tal projeto, mas as mesmas condições que o levaram ao endividamento, impediram seu sucesso no retorno à agricultura familiar. Ele se casou com a senhora Loita Nobre da Fonseca, com quem teve dois

²⁴⁴ LUZ, José Maria da. *José Maria da Luz: entrevista* [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

²⁴⁵ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. p.111. Grifos meus

²⁴⁶ FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 72, p. 89–176, 2010.

filhos enquanto vivia no Itaiacoca²⁴⁷, mas a impossibilidade de se suprir a demanda de produção da agroindústria e a falta de apoio financeiro para a modernização tecnológica das atividades rurais, que permitiria o aumento da produtividade e fortalecimento financeiro²⁴⁸, fizeram-lhes decidirem tentar a vida na cidade, outra vez.

José Maria da Luz trabalhou em diversas empresas da área industrial e de prestação de serviços, em Ponta Grossa, até ser efetivado como funcionário público municipal, na Prefeitura e depois na Câmara de Vereadores do município. Mesmo vivendo há quase vinte anos na área urbana do município, o que equivale a pouco menos da metade de sua vida, o sentimento de pertencimento ao distrito do Itaiacoca é facilmente notado no trabalhador, que nunca deixou de frequentar as terras de sua família, onde viveu como um homem do campo, da forma como diz se sentir.

Na oportunidade de estar próximo a este trabalhador, relacionando-me quase diariamente com ele e a sua família, observei que, muito de suas relações sociais se davam envolvendo o distrito, seus moradores e antigos moradores, homens e mulheres do campo que partilhavam de visão do mundo semelhante, sistema de valores parecido e dos mesmos códigos linguísticos²⁴⁹. Seu José comprava a carne do açougue de um de seus conhecidos ou do frigorífico de outro, ambos do Itaiacoca (e de nenhum outro), por serem confiáveis, não deixava de parar para comprar churros do carro do “nhô Valter, lá dos mato” (e de nenhum outro), porque além de serem confiáveis ainda vinham acompanhado de um dedinho de proza, ou mesmo preferia o algodão doce daquele senhor, desconhecido, mas identificado como itaiacocano (talvez pelos códigos linguísticos compartilhados), simplesmente por ser de alguém do distrito.

Nessas relações, baseadas pelo princípio da igualdade, o entrevistado parecia atribuir adjetivos aos conterrâneos, abalizado pela visão que tinha de si, em conjunto com aquilo o que esperava de um semelhante. O homem do campo, ou aquele com quem compartilhava sua origem, era automaticamente qualificado como confiável e honesto, e, por conseguinte, contrapunha o homem da cidade cuja confiabilidade seria duvidosa ou, no mínimo, desconhecida.

De acordo com Tuan, isso pode estar relacionado ao movimento romântico dos séculos dezoito e dezenove, para o qual:

²⁴⁷ O casal teve outra filha no ano de 2004, quando residiam em Ponta Grossa.

²⁴⁸ Falei sobre isso no primeiro capítulo desta dissertação.

²⁴⁹ DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, n. 21, p. 260, 2009.

A saúde e o bem estar físico aparecem de maneira proeminente na adulação romântica da vida no campo, porém mais importante para o movimento foi a idéia de virtude. Um ambiente físico e um meio de vida (a dos agricultores) assumiram implicações moralistas. A cidade simbolizava corrupção e completa esterilidade. Era o lugar onde os homens lutavam por poder e vaidade e no entanto sucumbiam às pequenas convenções sociais. O campo simbolizava a vida: a vida revelada nos frutos da terra, nas coisas verdes que crescem, na água pura e no ar limpo, na saudável família humana e na liberdade das coerções sociais e políticas arbitrárias.²⁵⁰

O bom caipira, representado na cinematografia brasileira pelos bem conhecidos personagens de Amácio Mazzaropi, sempre honesto, humilde, cordial e respeitador, da maneira como o bom selvagem, de Rousseau – o ser humano em seu estado natural, não contaminado por constrangimentos sociais²⁵¹, aparece relacionado à forma como José Maria configura o que é ser itaiacocano.

Em sua casa, todos os dias e em vários momentos, se contavam causos e histórias passadas no Itaiacoca. Também se falavam sobre o que fizeram ou precisaria ser feito no sítio, como aumentar o chiqueiro, para que fosse colocado mais um leitão, ou reforçar a tela do galinheiro, para os bichos não atacassem as galinhas, bem como sobre a construção da casa, que já estava começada, onde planejavam morar quando retornarem para lá. Assim, vê-se que a ideia do retorno era também assunto frequente em suas relações sociais.

Da forma como escreveu Fazito, e que comentei anteriormente, não obstante à impossibilidade de se voltar para o espaço social original, os deslocamentos reestabelecem os lugares pela introdução de novos sujeitos e relações sociais, no campo social. Sobre isso, acordo com o autor:

Diante da impossibilidade do retorno, muitas vezes vivida inconscientemente pelos imigrantes [ou migrantes], parece só restar a alternativa socialmente estruturada de uma espécie de dissimulação. O imigrante manipula simbolicamente suas próprias experiências cotidianas ao criar suas ilusões sobre o retorno às origens buscando, assim, justificar sua situação muitas vezes incômoda de deslocado e inclassificável [nem cidadão, nem estrangeiro].²⁵²

Nesse sentido, a dissimulação não é necessariamente planejada ou pretendida, mas depende das experiências do sujeito, que se relacionam à migração. Os acordos tácitos sobre o reconhecimento da realidade objetiva são dinâmicos e se renovam sempre. Assim, o migrante vai inscrevendo novos significados em si, sobre si e sobre o lugar da origem (e do retorno).²⁵³

²⁵⁰ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. p. 273. Grifos meus.

²⁵¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

²⁵² FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 72, 2010. p. 91.

²⁵³ *Ibidem*.

Pude observar isso quando acompanhei o senhor José em algumas de suas frequentes idas às terras onde cresceu, com a sua família. Percebi que, para aquele senhor, o trabalho permanecia fortemente ligado a propriedade rural, sendo praticado deste a sua chegada até a hora de ir embora, parando apenas para as refeições. José Maria se ocupava em fazer a roça, tratar seus animais, limpar o caminho para a bomba d'água, consertar as cercas e fazer todo o tipo de serviço que podia, enquanto estava lá.

A dissimulação, neste aspecto, se dá sobre o próprio trabalho. Ainda que se acredite estar trabalhando na terra, da maneira como se fazia no passado, a relação social com o trabalho não se configurava igual. Fazia-se as mesmas atividades, mas neste novo contexto, elas não significavam a mesma coisa. É impossível saber se, de forma consciente ou não, o antigo lavrador adaptou (dissimulou) sua forma de ver o trabalho, e sua relação à forma como o trabalho está inscrito no seu corpo, ao novo contexto.

Para sua esposa, Dona Loita, que também nasceu e cresceu em ambiente rural, vivendo e sobrevivendo a partir da agricultura de subsistência, primeiro na região norte do Estado do Paraná e depois no distrito do Itaiacoca, a forma como a propriedade foi ressignificada, pareceu dissimulada diante da vontade de se retornar ao lugar de onde saiu com seu esposo. Loita, contava os dias para poder “voltar lá para baixo”²⁵⁴, expressando profunda expectativa no retorno, dentro de alguns anos. Entretanto, a propriedade rural parecia ter um novo significado para ela, como um lugar para o descanso e o lazer. A propriedade rural continuou sendo a mesma, porém as relações sociais experienciadas na propriedade foram manipuladas simbolicamente nas trajetórias da senhora, que criou ilusões sobre um retorno (concreto) às suas origens.

Ademais, a impossibilidade da reprodução, na conjuntura do retorno, das relações interpessoais vivenciadas quando da migração, é outro fator manipulado simbolicamente na experiência do migrante que retorna ou tenciona retornar. Pensar as atividades agrícolas, na esfera do trabalho familiar, requer pensar na interação entre pessoas da comunidade²⁵⁵, de modo que a impossibilidade de reprodução dessas relações sociais implica em transformações na própria maneira de se relacionar com a terra e a propriedade agrícola, que são maquilhadas (de forma consciente ou não) na maneira de se ver o mundo, sob o ponto de vista da volta para a origem, e inscritas em suas trajetórias.

²⁵⁴ Expressão usada para se referir ao local onde se encontra o sítio da família, em uma referência à sua posição em relação à estrada principal do distrito, em plano inferior.

²⁵⁵ BOMBARDI, Larissa Mies. O bairro rural como identidade territorial: a especificidade da abordagem do campesinato na geografia. *Agrária*, n. 1, p. 55–95, 2004.

Neste caso, José Maria da Luz e Loita Nobre da Fonseca anseiam o dia em que poderão voltar ao lugar de onde migraram, na comunidade da Boa Vista, do Itaiacoca, organizando suas formas de verem a si, o distrito e o mundo, de acordo com suas experiências e trajetórias, bem como de suas expectativas. Para eles, assim como estes homens e mulheres com quem conversamos, a vida no distrito do Itaiacoca será sempre, de algum modo, relacionada a própria maneira como se sentem, como se veem e como querem serem vistos.

Como pode se notar, escolhi trabalhar com essas entrevistas no capítulo que encerra a dissertação, quando analisei o conjunto de relações sociais dos sujeitos escutados, reparando que, embora apresentassem certa homogeneidade, eles apontam para entendimentos individualizados (embora semelhantes) sobre o que são, como viveram e sobre suas relações com o distrito do Itaiacoca. Identifiquei diferentes eixos temáticos, em cada uma das conversas que tive com os senhores Afonso Lopes da Luz, Domingas Maciel Constante, Francisco Ribeiro, José Maria da Luz, José Silvestre Maciel, Laura Maciel dos Santos, Loita Nobre da Fonseca, Maria Clara Ribeiro, Maria da Luz e Pedro Ribeiro dos Santos, e selecionei os relatos que julguei representativos para entender o modo como os itaiacocanos experienciaram suas vidas, sob os aspectos que avaliei como essenciais para este entendimento: sociabilidade, trabalho, transformações e o desejo do retorno.

Estes aspectos estão presentes em cada uma das entrevistas, mas alguns prevalecem em relação outros, nas diferentes narrativas. Pode-se ver isso na fala do senhor Francisco Ribeiro, que ainda trabalha com a lavoura, e demonstrou enorme valorização da forma de sociabilidade que experienciou no distrito, durante grande parte de sua vida, mas que agora não pode mais desfrutar, naquele lugar. Também sobre o trabalho no campo, que fez parte da vida de Afonso Lopes da Luz, mas que agora se mostra uma impossibilidade para ele, dada a condições de sua saúde, nota-se que fora rememorado com grande frequência, durante a entrevista deste antigo lavrador, demonstrando sua relevância na construção da identidade.

A maneira como a família de Domingas Constante enfrentou as transformações estruturais pelas quais passou no distrito e a vontade de retornar ao Itaiacoca, explanada por José Maria e Loita Nobre, também foram amplamente demonstradas nas narrativas desses interlocutores. No entanto, ainda que todos os homens e mulheres com que conversei tenham experienciado seus viveres de diferentes maneiras, de acordo com as tramas que construíram ao longo de suas vidas, os referenciais e experiências compartilhados, muitas vezes, levaram os sujeitos a visões de si e do mundo muito semelhantes.

Assim, através do que se viu, foi possível ponderar sobre a maneira como se experienciou o “ser itaiacocano” ou “ser dos mato” no Itaiacoca, entre os anos de 1970-2014,

entendendo que, embora isso possa significar coisas diferentes para cada um desses sujeitos, essa representação se constrói a partir de pontos de referência compartilhados, porém bastante claros quando vistos “de dentro”.

5 CONSIDERAÇÕES

Desta forma, baseando-me nas informações apresentadas ao longo destes capítulos foi possível inferir algumas considerações que tangem às trajetórias de trabalho e sociabilidade dos pequenos produtores do distrito do Itaiacoca, em Ponta Grossa (PR), entre os anos de 1970 e 2014.

As breves explicações acerca do processo histórico do Paraná rural, e da organização da vida das pessoas que viveram no distrito do Itaiacoca, por meio do que produziam em suas próprias terras, através do trabalho agrícola, no primeiro e segundo capítulos, permitiram caracterizar a conjuntura daquele lugar, possibilitando conhecer algumas das tramas que compõem as histórias dessas pessoas. Neste sentido, resgatarei apenas alguns pontos que julgo essenciais quanto ao objetivo inicialmente proposto.

O primeiro ponto é que o desenrolar das atividades econômicas praticadas no distrito do Itaiacoca assumiu uma forte descontinuidade depois da segunda metade do século XX. As novas demandas da urbanidade, da modernização agrícola e da industrialização, intensificadas nesse período, acabaram por levar grandes transformações ao modo de viver e trabalhar dos itaiacocanos que praticavam a agropecuária de subsistência.

A propriedade agrícola foi sendo decomposta de uma unidade de produção familiar, que agremiava funções de moradia e meio de produção, aonde se desenvolvia a vida cotidiana e o conjunto das relações sociais, para um local exclusivamente de residência, a que se retornava após a jornada de trabalho assalariado. Em outros casos, a propriedade se convertia em um local de descanso e lazer, ao qual se podia visitar quando não estivesse trabalhando, ou em um lugar apenas para ser rememorado.

Em todas essas situações, as relações que o sujeito mantinha com a propriedade e o Itaiacoca sofreram transformações contundentes, que acabaram por modificar também a maneira como estas pessoas significaram suas trajetórias no distrito, especialmente no que diz respeito ao trabalho e as relações sociais. O ensejo de se viver exclusivamente daquilo o que se produzia, ligado ao trabalho agropecuarista, apareceu de alguma forma em todas as narrativas. Nos diversos relatos, o trabalho foi arrolado como essência da história dos depoentes, o que é possível verificar em trechos como “a vida era através do trabalho”²⁵⁶, “a

²⁵⁶ MACIEL, José Silvestre. *José Silvestre Maciel: entrevista* [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

vida da gente era ‘runião’ de carpida”²⁵⁷ e “minha luta foi só a lavoura”²⁵⁸, que atribuem o existir ao trabalho no meio rural.

Ao mesmo tempo, o modelo de sociabilidade mantido entre os sujeitos do Itaiacoca, é frequentemente rememorado pelos narradores, que agora sentem falta do modo como se relacionavam com seus pares. A especificidade do modo de relacionamento entre compadres, padrinhos e afiliados, por exemplo, foi comentado com saudade em todos os depoimentos. Em uma conversa não gravada, uma antiga moradora do Itaiacoca contou sobre o caso da comadre de seu pai, que “caminhou um bom trecho”²⁵⁹ para pedir ajuda do compadre ao seu filho, que havia prendido “as partes”²⁶⁰ no zíper da calça.²⁶¹

Essa situação pode parecer absurda para o olhar forasteiro, mas é perfeitamente compreensível quando se pensa como esses itaiacocanos. Para eles, o apadrinhamento é respeitado como uma forma de parentesco, e o compadrio denota um profundo respeito dos pais da criança para com aqueles que escolheram para apadrinhar seus filhos. Além dos pais, somente os padrinhos poderiam desempenhar uma tarefa de tamanha intimidade.

O fim da agricultura de subsistência no Itaiacoca e a necessidade de abdicação do trabalho na lavoura como único meio de sobrevivência é outro assunto corriqueiro na fala dessas pessoas. Conhecendo as transformações pelas quais ficaram sujeitos os pequenos agropecuaristas do distrito do Itaiacoca, pondero sobre a impossibilidade de manutenção do modo de vida e modo de produção no modelo anteriormente colocado. O estabelecimento de estratégias de sobrevivência que afastariam o trabalhador da lavoura se mostrou imperativo naquele contexto, mas, ainda assim, todos aqueles com quem conversei fizeram questão de afirmar que procurar um emprego formal e/ou migrar para a cidade não tivera sido uma imposição, mas uma opção atribuída aos problemas de saúde, à falta de escolas no distrito e à

²⁵⁷ RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. *Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

²⁵⁸ LUZ, Afonso da. *Afonso “Neno” Lopes da Luz: entrevista* [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos Projetos As Festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Grifo meu.

²⁵⁹ Expressão que significa caminhar por um longo caminho.

²⁶⁰ Expressão utilizada para se referir ao órgão genital.

²⁶¹ Entrevista não gravada.

vinda dos irmãos mais velhos para a cidade, mas raramente dada pela simples vontade ou escolha, diante da impossibilidade de se manter através do que se produzia.

Concomitantemente, o desejo de retorno ao distrito (e ao modo de vida que se tinha no distrito) é manifesto e expresso nas palavras, modos de agir e de pensar, tanto para aqueles que vieram em migração para a área urbana do município, quanto aos que continuaram no Itaiacoca, vivendo de maneira distinta à que se vivia anteriormente. No entanto, esse retorno, como foi visto, se mostrou impossível de se concretizar, devido à impossibilidade de se retornar ao espaço social anteriormente experienciado, que não existe mais. Assim, observou-se que, da maneira como escreveu Fazito, algumas vezes o migrante, no impedimento do seu retorno concreto, manipula simbolicamente suas próprias experiências cotidianas, ressignificando a visão e as expectativas sobre si e sobre o lugar do retorno.²⁶²

Desta forma, observou-se que, o que escolhi chamar de identidade itaiacocana, ou uma identidade compartilhada pelos indivíduos cujas vivências comuns e espectro de referenciais parecidos levaram à experiência semelhante de um modo de viver no distrito do Itaiacoca, permanece evidente (e, algumas vezes, hegemônico) no conjunto das identidades²⁶³ desses sujeitos, sendo aspecto importante nas trajetórias de cada umas dessas pessoas.

Finalmente, registro minha satisfação em poder ter convivido com esses homens e mulheres durante o processo de execução desse trabalho. Pensar historicamente os viveres e trajetórias dos trabalhadores rurais desse lugar me permitiu compreender algumas das transformações do campo e da cidade de Ponta Grossa, possibilitando-me problematizar os arrolamentos identitários dos itaiacocanos, mas também (e, talvez, principalmente) me permitiu vislumbrar a luta dessas pessoas, que adotaram diferentes estratégias, para continuarem sendo o que são, porque assim querem continuar sendo: homens e mulheres “dos mato”; “bem Itaiacoca”.

²⁶² FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 72, p. 89–176, 2010.

²⁶³ Como Stuart Hall, entendo que o sujeito social é composto por várias identidades, e que o processo de identificação é formado e transformado continuamente no indivíduo. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

6 FONTES

A REPUBLICA. Lei n. 203 de 3 de maio de 1909. **A Republica**, Curitiba, p. 2, 12 de jan. de 1909.

BARROS, José Ferreira de (Org.). **Almanak administrativo, mercantil e industrial da Província do Paraná para o anno de 1877**. Rio de Janeiro: Dias da Silva Junior, 1876.

BRAGA, Ney Aminthas de Barros. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª sessão da 5ª legislatura**. Curitiba: Departamento de Imprensa Oficial do Estado, 1964.

CONSTANTE, Domingas Maciel. **Domingas Maciel Constante: entrevista** [01 de abr. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 66min. Entrevista concedida aos projetos As festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

CORREIO do Paraná. A exploração do ouro no Estado do Paraná: um decreto do governo provisório. **Correio do Paraná**, Curitiba, p. 1, 15 de jun. de 1933

JORNAL do Brasil. Rischbieter diz que crédito rural não é solução. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 29, 26 fev. 1978.

LUZ, Afonso da. **Afonso “Neno” Lopes da Luz: entrevista** [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos projetos As festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

LUZ, Maria da. **Maria da Luz: entrevista** [01 de abr. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 39min. Entrevista concedida aos projetos As festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

LUZ, José Maria da. **José Maria da Luz: entrevista** [22 de jul. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de áudio digital, 58min. Entrevista concedida aos projetos As festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

MACIEL, José Silvestre. **José Silvestre Maciel: entrevista** [19 de mai. de 2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo

de áudio digital, 82min. Entrevista concedida aos projetos As festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

MACHADO, Getúlio Mulinari. Bastante problemática a fixação do homem ao solo. **Diário do Paraná**, Curitiba, p. 4, 14 de mai. de 1955.

O ESTADO. Assassinato. **O Estado**, Curitiba, p. 7, 24 de out. de 1937.

PREFEITURA Municipal de Ponta Grossa. **Plano Diretor Participativo: Município de Ponta Grossa**. Ponta Grossa, 2006.

RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. **Francisco “Chico Bento” Ribeiro e Maria Clara Ribeiro: entrevista** [20 de mar. de 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo de áudio digital, 106min. Entrevista concedida aos projetos As festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

RIBEIRO, Laurindo Dias. Negocio de grande vantagem. **A Republica**, Curitiba, p. 3, 15 de ago. de 1894.

SANTOS, Laura Maciel dos; SANTOS, Pedro Ribeiro dos. **Laura Maciel dos Santos e Pedro Ribeiro dos Santos: entrevista** [13 de set. de 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo de vídeo digital, 56min. Entrevista concedida aos projetos As festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014) e Viver, conviver, trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014), do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

SILVA, Albino. Telephatia? **A Republica**, Curitiba, p. 2, 31 de ago. de 1904.

ULTIMA Hora. Itaiacoca abandonada pela Prefeitura de Ponta Grossa: Ponta Grossa, 25 (UH) – Algumas escolas municipais da região rural do Itaiacoca estão abandonadas pelo departamento de obras da Prefeitura Municipal. Embora o serviço de Merenda Escolar esteja sendo realizado, existem escolas que estão caindo aos pedaços. **Ultima Hora**, Curitiba, p. 9, 26 de jun. de 1963.

_____. Ponta Grossa: imposto para mineradores. **Ultima Hora**, Curitiba, p. 5, 17 de dezembro de 1963.

_____. Talco do distrito de Itaiacoca considerado o melhor da América. **Ultima Hora**, Curitiba, p. 5, 15 de set. de 1962.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA JR., Antônio Ribeiro de; HOEFFEL, João Luiz de Moraes; QUEDA, Oriowaldo. **A propriedade rural como símbolo: representações sociais e impactos sobre o ambiente na bacia do Rio Atibainha, SP.** São Paulo: Editora Hucitec, 2008.
- BACH, Arnaldo Monteiro. **Porcadeiros.** 1. ed. Ponta Grossa: Arnaldo Monteiro Bach, 2009.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. **Revista Brasileira de História**, v. 17, n. 33, p. 293–305, 1997.
- BATTISTEL, Arlindo Itacir. Tropeiros de porcos. In: SULIANI, Antônio (Org.). **Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 258–271.
- BOMBARDI, Larissa Mies. O bairro rural como identidade territorial: a especificidade da abordagem do campesinato na geografia. **Agrária**, n. 1, p. 55–95, 2004.
- CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. **Enredos de Clio: pensar e escrever a história com Paul Veyne.** São Paulo: UNESP, 2003.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 0, n. 0, 2013. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/135>>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- DA SILVA, José Aparício. **Fatores endógenos e exógenos que levaram a imigração/resistência de pequenos produtores do Distrito de Itaiacoca - Ponga Grossa, na década de 1970.** UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, 2008. Disponível em: <<http://oatd.org/oatd/record?record=oai%5C:uepg.br%5C:216>>. Acesso em: 27 maio 2014.
- DA SILVA, Sueli Maria. **Tropeirismo de Porcos.** [s.l.]: EST Edições, 2007.
- DO CARMO, Renato Miguel. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**, n. 21, p. 252–280, 2009.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** TraDona Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- Escarpa devoniana. In: **Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais.** Ponta Grossa: DEHIS/UEPG, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.uepg.br/dicion/verbetes/a-m/escarpa.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2015.
- FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 89–176, 2010.

FLEISCHFRESSER, Vanessa. **Modernização tecnológica da agricultura: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70**. [s.l.]: Livraria Chain, 1988.

FUNDAÇÃO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: dados distritais**. Rio de Janeiro: IBGE, 1982.

_____. **Censo demográfico de 1960: Paraná**. [s.l.]: Fundação IBGE, [s.d.]. (Série Regional).

_____. **Censo demográfico de 1970: Paraná**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1970. (Série Regional).

GHIGGI, Micheli Vergínia. **Lazer e sociabilidade na área rural de Nova Pádua: um estudo etnográfico**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24170>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HAMEISTER, Martha Daisson. **Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da Vila do Rio Grande (1738-1763)**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp057416.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

HOLZMANN, Guísela V. Frey; REQUIÃO, Renato; SOARES, Olavo. **Ponta Grossa: edição histórica**. Curitiba: Requião & Cia. Ltda., 1975.

IPARDES. **Dados históricos da indústria (1940 -1980)**. Curitiba: IPARDES, 1993. (Séries retrospectivas do Paraná). Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/series_retros_dados_05_93_v1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____. **População e grau de urbanização segundo os municípios do Paraná – 2010**. [s.l.]: IPARDES, [s.d.]. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/indices/Grau_Urbanizacao_2010_atualizada24_05_2011.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Trabalhando com história oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa. **Cadernos CERU**, v. 11, n. 0, p. 121–134, 2000.

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

LAVORATTI, Cleide. **Agricultura familiar: estratégias de reprodução social numa comunidade rural -estudo de caso em Itaiacoca-PR**; 1998; Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

_____. **A produção familiar enquanto unidade organizacional: estratégias de reprodução dos agricultores de Itaiacoca – Ponta Grossa/Pr**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro. **O Paraná nos anos setenta**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000048268&fd=y>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

LUZ, Angélica Nobre da. **As festas de Santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014)**. Dissertação (Mestrado em História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

MAGALHÃES FILHO, Francisco de Borja Baptista de. Evolução histórica da economia paranaense. **Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD**, v. 0, n. 87, p. 131–148, 2011.

_____. O Paraná em revista. **Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD**, v. 0, n. 82, p. 5–16, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9–24, 1992.

OLIVEIRA, Alecio Rodrigues de. Sociabilidade, Solidariedade e a formação de capital social em Bairros Rurais. In: Ribeirão Preto: SOBER, 2005. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/613.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

PARANÁ ONLINE. **Fundação Palmares certifica a quilombola em Campo Largo**. Paraná Online. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/186285/>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Na trama dos trilhos: Cidade, ferrovia e trabalho. Ponta Grossa - PR (1955 – 1997)**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95931/291287.pdf?sequence=1>>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **História de Itaiacoca**. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/lendas>>. Acesso em: 20 out. 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200–215, 1992.

RÉDUA, Wagner César. Mutirão do Triângulo Mineiro: trabalho, música, alegria e festa no mundo rural. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 1, n. 37, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/1209>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, Renata Rastrello e. **Memórias, imagens e experiências o município de Uberlândia a partir de seus distritos, MG (1980 – 2012)**. Thesis, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/4430>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade**. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Marcelino de. **Atividades não-agrícolas e desenvolvimento rural no Estado do Paraná**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000217764>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

TESCHE, Rubens Wladimir. **As relações de reciprocidade e redes de cooperação no desempenho socioeconômico da agricultura familiar: o caso dos produtores de leite do município de Sete de Setembro/RS**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18305>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Trad. Alda Baltar; Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: UnB, 1998.

WHITAKER, Dulce C. A. Análise de entrevistas em pesquisas com histórias de vida. **Cadernos CERU**, v. 11, n. 0, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75078>>. Acesso em: 28 jun. 2014.